

# INSURGENCIAS

A vibrant, stylized illustration in shades of teal and magenta on a yellow background. The scene depicts various public life activities: a person on a skateboard, a couple embracing, a woman walking a dog, a person pushing a stroller, a person playing a drum, a person on a bicycle, a person sitting on a bench, a person playing a ball, and a person playing a game. There are also stylized trees and plants.

**EXPERIÊNCIAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS**

**Organização:**

Adriana Sansão Fontes, Lucía Nogales e Mariana Alegre



**PRO  
URB** PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO  
EM URBANISMO

**OCUPA** **TU**  
URBANISMO **CALLE**  
CIDADANO

**IN  
SUR  
Â  
GÊN  
CIAS**

**EXPERIÊNCIAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS**



# IN SUR GÊN CIAS

The title 'IN SUR GÊN CIAS' is rendered in large, bold, black, sans-serif capital letters. The letters are arranged in four rows: 'IN' on the first, 'SUR' on the second, 'GÊN' on the third, and 'CIAS' on the fourth. The letters are decorated with various colorful illustrations. On the 'I' of 'IN', a person sits on top. On the 'N', a person stands on a skateboard. On the 'S' of 'SUR', a person walks a dog. On the 'U', a couple embraces. On the 'R', a stylized tree is attached. On the 'G' of 'GÊN', a person sits on top. On the 'Ê', a person sits on top. On the 'N', a person sits on top. On the 'C' of 'CIAS', a person on a bicycle is attached. On the 'I', a person is attached. On the 'A', a person is attached. On the 'S', a person is attached. The illustrations are in shades of teal and pink.

**EXPERIÊNCIAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS**

**Organização:**

Adriana Sansão Fontes, Lucía Nogales e Mariana Alegre



**PRO  
URB** PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO  
EM URBANISMO



# CRÉDITOS

© 2024 dos autores

**Editora:**

Denise Corrêa

**Organização:**

Adriana Sansão Fontes

Lucía Nogales

Mariana Alegre

**Coordenação de produção:**

Inês Domingues Maia e Silva

**Textos:**

Adriana Sansão Fontes

Carolina Tarrío

Eveline Prado Trevisan

Inês Domingues Maia e Silva

Leonardo Brawl Márquez

Lucía Nogales

Marcela Marques Abla

Maria Cecília Pereira Tavares

Mariana Alegre

**Capa, projeto gráfico e ilustrações:**

Flavia Muro Doig

**Diagramação:**

Inês Domingues Maia e Silva

Joao Victor dos Santos

Giovana Bulcão Leal

**Colaboração:**

Beatriz Mangabeira

Rio Books

Av. Jarbas de Carvalho 1733/101

Recreio dos Bandeirantes

Rio de Janeiro – RJ

Tel. (21) 99312-7220 CEP 22495-445

contato@riobooks.com.br

UFRJ/FAU/PROURB

Ocupa Tu Calle (Sistema Urbano)



F683i

Fontes, Adriana Sansão

Insurgências: experiências em espaços públicos / Adriana Sansão Fontes, Lucía Nogales, Mariana Alegre. – Rio de Janeiro: Rio Books, UFRJ/FAU/PROURB, Ocupa Tu Calle, 2024.

222 p., il., fotos.

ISBN 978-85-9497-156-2

1. Urbanismo. I. Fontes, Adriana Sansão. II. Nogales, Lucía. III. Alegre, Mariana. IV. Título.

CDD 720



**FIIU**

**12 - 16 SETEMBRO  
RIO DE JANEIRO**

**PLACEMAKING  
AMÉRICA LATINA**

Colaboração:



grupo de pesquisa  
**territórios  
urbanos**

Patrocínio:



# SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	08	<b>2.6.</b> Programa A Caminho da Escola 2.0.	99
Adriana Sansão Fontes e Lucía Nogales		<b>2.7.</b> Área da Infância.	100
<b>1. MESAS</b>	<b>16</b>	<b>2.8.</b> Mi canchita: Diversión segura - Losa Zona H Huaycán.	102
<b>1.1. Cuidados e Primeira Infância</b>	18	<b>2.9.</b> Crianças e a escadaria: uma história a ser contada.	104
Marcela Marques Abla		<b>2.10.</b> Rota Escolar Amigável.	106
<b>1.2. Mobilidade</b>	28	<b>2.11.</b> Urbanismo tático e construção colaborativa: criação de um projeto piloto de Zona 30 no bairro Cachoeirinha (Belo Horizonte).	108
Eveline Prado Trevisan		<b>2.12.</b> Eje Trasversal Chimbacalle - Laboratorio Urbano.	110
<b>1.3. Bairros</b>	34	<b>2.13.</b> ReocupAção das Ruas.	112
Maria Cecília Pereira Tavares		<b>2.14.</b> Caminhar Afro Feminino.	114
<b>1.4. Redes</b>	42	<b>2.15.</b> O caminhar na cidade: oferecemos companhia.	116
Leonardo Brawl Márquez		<b>2.16.</b> ActivaTe: Piloto de movilidad urbana sostenible.	118
<b>1.5. Crise Ambiental</b>	46	<b>2.17.</b> Praia da Bandeira.	120
Lucía Nogales		<b>2.18.</b> O Céu da Mina d'água do Morro de Santa Marta.	122
<b>1.6. Governança</b>	56	<b>2.19.</b> Padrinos del Espacio Público.	124
Carolina Tarrío		<b>2.20.</b> Barrios altos. De un lugar inseguro a uno lleno de arte y participación vecinal.	126
<b>1.7. Pacto para os Espaços Públicos</b>	62	<b>2.21.</b> Mejoramiento de Barrio en Comunidad Asunción.	128
Mariana Alegre		<b>2.22.</b> Laboratório 2030 de pedagogia urbana e os ODS no DF.	130
<b>1.8. Transversalidades</b>	72	<b>2.23.</b> Pulsa Bairro.	132
Adriana Sansão Fontes		<b>2.24.</b> Parque de la familia.	134
<b>1.9. Futuros</b>	82	<b>2.25.</b> Proyecto Territorios.	136
Inês Domingues Maia e Silva			
<b>2. EXPERIÊNCIAS INSURGENTES</b>	<b>86</b>		
<b>2.1.</b> Calle Mujer.	88		
<b>2.2.</b> Laboratorio de mujeres para intervención barrial.	90		
<b>2.3.</b> A Vila do Mañá.	92		
<b>2.4.</b> Projeto Sementes do Brincar.	94		
<b>2.5.</b> Mamífera. Punto de lactancia en colectivo.	96		

<b>2.26.</b> LabIC Novale e as práticas experimentais de design de interação urbana.	140	<b>2.43.</b> Oficinas de Desenho de Espaços Públicos em territórios vulnerabilizados de Pernambuco.	174
<b>2.27.</b> Mapa-Muro: Santa Marta.	142	<b>2.44.</b> Banheiro Comunitário do Setor Comercial Sul.	176
<b>2.28.</b> Compostagem Comunitária e Regeneração de Praça na Zona Oeste de São Paulo.	144	<b>2.45.</b> ConectaLAB - Experimentação para soluções coletivas.	180
<b>2.29.</b> Museu Ambulante.	146		
<b>2.30.</b> Parque Naturalizado Pinheirão.	148	<b>3. OFICINAS</b>	<b>182</b>
<b>2.31.</b> Jardim Secreto do Poço da Panela.	150		
<b>2.32.</b> Parque Ecológico Da Rocinha – a agenda de ativação dos espaços públicos da APER.	152	<b>4. ROLÉS</b>	<b>194</b>
<b>2.33.</b> (+)Favela, -Lixo.	154		
<b>2.34.</b> Ecocidade - A Cidade Precisa de Agroecologia.	156	<b>5. VAGAS VIVAS</b>	<b>204</b>
<b>2.35.</b> Coletivo Ocupe&Abrace - Praça da Nascente.	158	<b>Créditos Imagens</b>	212
<b>2.36.</b> Jardim de Chuva / projeto Escola Verde com Afeto.	160	<b>Autores</b>	214
<b>2.37.</b> Jardins Filtrantes- Solução Baseada na Natureza (SBN).	162	<b>Equipe Insurgências</b>	216
<b>2.38.</b> enRegla.	164	<b>Agradecimentos</b>	220
<b>2.39.</b> Mapa de Moravia.	166		
<b>2.40.</b> Programa de Recuperación Económica y Social.	168		
<b>2.41.</b> Mobiliário de guerrilha: pandemia e a água nos espaços públicos.	170		
<b>2.42.</b> Programa "Urbanismo Tático, recuperación del afecto al espacio público de la ciudadanía taficeña".	172		

# INTRODUÇÃO

## Adriana Sansão Fontes e Lucía Nogales

O Festival Internacional de Intervenções Urbanas (FIIU) e os Encontros Placemaking América Latina se consolidaram como importantes plataformas onde urbanistas, ativistas, ONGs, acadêmicos e integrantes do poder público compartilham seus trabalhos, enfoques, entusiasmo e frustrações. Esses espaços têm sido fundamentais para a construção de uma abordagem e uma voz particulares da América Latina, destacando o caráter insurgente desses territórios em contraste com o urbanismo hegemônico herdado do Norte Global.

Desde sua primeira edição em 2016, em Lima, Peru, o FIIU cresceu até alcançar sua nona edição, em 2024. Paralelamente, o Encontro Placemaking América Latina começou em 2017, em Valparaíso, Chile, e percorreu quatro cidades e países da América Latina antes de chegar ao Rio de Janeiro: Cidade do México, México (2018); Lima, Peru (2019); e Buenos Aires, Argentina (online, 2020). Em 2023, os dois eventos se uniram em um só encontro, fortalecendo uma rede cada vez mais consolidada - não necessariamente por meio de uma estrutura formal, mas através de relações, vínculos e enfoques comuns, latino-americanos. Esta colaboração destaca uma abordagem insurgente nas práticas de seus membros, em contraposição ao urbanismo tradicional prevalente nas estruturas governamentais.

O evento **INSURGÊNCIAS: Experiências em Espaços Públicos** reuniu a oitava edição do FIIU e o quinto Encontro Placemaking América Latina com o objetivo de promover o urbanismo cidadão através do intercâmbio de experiências insurgentes entre países latino-americanos. Realizado entre os dias 12 e 17 de setembro de 2023, o evento ocupou três locais emblemáticos do Rio de Janeiro: a sede do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RJ), a Casa Firjan e o Museu do Amanhã, reunindo aproximadamente 500 participantes.

Organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROURB-FAU/UFRJ), pelo Ocupa Tu Calle e pela Rede Placemaking Brasil, o evento contou com a colaboração do TransLAB.URB, do Movimento Boa Praça e do grupo Territórios Urbanos, com o apoio de diversas organizações e instituições. Além disso, um Conselho Científico composto por 24 especialistas foi responsável pela avaliação e seleção das 45 experiências insurgentes apresentadas.

Ao longo de cinco intensos dias, o evento foi estruturado em quatro tipos de atividades:

**Discussões:** Mesas temáticas e apresentações de experiências insurgentes com convidados nacionais e internacionais.



**Trocas:** Oficinas de capacitação em diferentes tecnologias, métodos e táticas de atuação nos espaços públicos.

**Ativações:** Vagas vivas e rolés pela cidade para apresentar experiências de urbanismo cidadão.

**Celebrações:** Encontros e festas em lugares abertos e fechados para congregação dos participantes.

A **insurgência**, entendida como um levante ou movimento de resistência, foi o fio condutor deste encontro. No contexto urbano, a insurgência pode ser vista como as ações coletivas das comunidades para reivindicar e transformar suas cidades em espaços que reflitam suas aspirações e necessidades. A insurgência urbana implica na criação de novas formas de cidadania e democracia a partir da base (Holston,

2008), desafiando as estruturas tradicionais de poder. O espaço público insurgente, portanto, representa uma reação ao espaço público regulado, controlado e mantido exclusivamente pelo Estado (Hou, 2010), refletindo a inventividade e a visão de futuro daqueles que dele se apropriam.

Diante de uma evidente crise de identidade e legitimidade do planejamento hegemônico, marcado por contradições e falsas promessas, Miraftab (2016) defende a necessidade de um novo tipo de planejamento -insurgente-, que abra caminhos para um urbanismo mais humano. Para isso, segundo ela, é crucial o reconhecimento do "leque de práticas além das sancionadas pelo Estado e pelos poderes corporativos - nomeadamente as práticas insurgentes" (Miraftab, 2016, p. 364). Este planejamento não requer planos urbanísticos tradicionais: ele é enraizado,

específico ao contexto, e responde ao conjunto de atores e relações que nele encontra.

Por outro lado, o conceito de **Urbanismo Cidadão** tem se desenvolvido ao longo dos anos, englobando uma variedade de abordagens que buscam colocar as pessoas no centro das cidades, propondo alternativas latino-americanas ao urbanismo hegemônico. Conceitos como acupuntura urbana, urbanismo tático, placemaking e cidades para as pessoas são todas abordagens que procuram criar cidades caminháveis, habitáveis, inclusivas e justas (Borja & Muxí, 2000), com a participação e a inteligência coletiva sendo fundamentais nesse processo, apostando na articulação de atores e na inovação social (Delgado, 1999).

O urbanismo cidadão é uma abordagem que utiliza ferramentas de inovação,

participação e colaboração para o projeto e planejamento de cidades mais equitativas, pensadas pelas, para e com as pessoas, que são incluídas em todos os níveis de tomada de decisão. É uma prática participativa, transdisciplinar, colaborativa e, acima de tudo, replicável, através da qual as comunidades implementam mudanças urbanas baseadas em seus usos e necessidades (Banco..., 2022).

Dentro dos diferentes enfoques englobados pelo urbanismo cidadão, há diversas nuances. No entanto, o que podemos afirmar é que há uma grande massa crítica almejando cidades com melhor qualidade de vida, onde seja possível mover-se com segurança, respirar ar limpo e desfrutar de espaços para brincar e se divertir, em contraponto ao modelo carrocêntrico que gera cidades pouco humanas, poluídas e desconectadas de seus territórios. Há quase uma década, o FIU vem moldando esse





conceito e proporcionando espaço e voz a projetos e iniciativas de diversas pessoas que lutam por cidades mais justas e inclusivas.

Durante a crise da COVID-19, o ressurgimento das cozinhas comunitárias para combater a fome demonstrou a capacidade de organização e resiliência das comunidades (Jirón, 2010). A pandemia evidenciou a importância da solidariedade e da colaboração entre vizinhos, assim como o valor de se ter espaços públicos acessíveis e áreas verdes. Em resposta à crescente necessidade de alimentos frescos e seguros, muitas hortas urbanas floresceram em diversas cidades, tornando-se fontes vitais de sustento e conexão com a natureza. Esse tipo de resposta comunitária é essencial não apenas em tempos de crise, mas também como parte de uma estratégia contínua para construir cidades mais equitativas e sustentáveis.

Essas **práticas insurgentes** com foco no urbanismo cidadão sempre foram o coração dos eventos. São projetos e iniciativas que frequentemente exigem muito esforço, pois rompem com regras ou modelos urbanos existentes, propondo novas formas de fazer e viver nas cidades. Por isso, em todas as edições do evento, são convocadas experiências desse tipo para manter a discussão viva e em evolução, bem como para que a rede e o movimento continuem a crescer. Este é um valor que não podemos deixar de mencionar, pois envolve um trabalho significativo, tanto na preparação da convocatória quanto na revisão e seleção das propostas. Neste evento em particular, foram recebidas 150 experiências, das quais 45 foram selecionadas. Isso foi possível graças a um comitê voluntário de profissionais e acadêmicos convidados, a quem devemos profundo agradecimento, cujos nomes estão incluídos nesta publicação.

No contexto do **INSURGÊNCIAS**, acolhemos, discutimos e colocamos em prática intervenções que buscam transformar o espaço urbano de maneira tática, pontual, colaborativa e de alto impacto. Essas ações podem ser temporárias ou permanentes, materiais ou imateriais, locais ou regionais. O objetivo de uma experiência insurgente é promover a melhoria da qualidade de vida urbana por meio de ações que visibilizem outras formas de habitar o espaço, gerando conhecimento através de processos de inovação urbana.

A cada ano, priorizam-se diferentes temas, levando em consideração o contexto e as ações mais relevantes para continuar a evolução do movimento. Esse tema serve tanto para estruturar o evento quanto para orientar o diálogo. No **INSURGÊNCIAS**, os eixos temáticos foram os seguintes:

**Mobilidade:** Intervenções de diferentes formatos que buscam promover o uso do transporte público e da mobilidade ativa, ampliando o debate sobre a mobilidade urbana em uma escala humana e sustentável.

**Cuidados e Primeira Infância:** Iniciativas que abordam a produção da cidade com um olhar sensível para as mulheres, pessoas com deficiência, idosos e crianças de 0 a 6 anos.

**Bairros:** Propostas de atuação no território que envolvem diferentes atores sociais para resolver problemas cotidianos, fortalecendo o tecido social do bairro e o diálogo com o poder público.

**Crise Ambiental:** Processos e projetos que buscam implementar tecnologias e mecanismos sociais para combater a crise climática, promovendo a produção de cidades socialmente justas e ambientalmente viáveis.



**Governança:** Experiências de negociação que reconhecem e fortalecem os espaços heterogêneos de gestão participativa como um lugar central de ação política nos territórios.

Este livro consolida os resultados de todas as atividades realizadas no evento, organizadas em cinco seções. A primeira parte contém artigos que reúnem e resumem as contribuições dos palestrantes nas oito mesas temáticas do evento. A seção começa com o artigo **Cuidados e Primeira Infância**, de Marcela Marques Abla, seguido por **Mobilidade**, de Eveline Prado Trevisan; **Bairros**, de Maria Cecilia Pereira Tavares; **Redes**, de Leonardo Brawl Márquez; **Crise Ambiental**, de Lucía Nogales; **Governança**, de Carolina Tarrío; **Pacto para os Espaços Públicos**, de Mariana Alegre; **Transversalidades**, de Adriana

Sansão Fontes; e, finalmente, **Futuros**, de Inês Domingues Maia e Silva.

A segunda parte, mais extensa, reúne as **45 experiências insurgentes** apresentadas nos módulos exclusivos, também organizadas nos cinco eixos temáticos. A terceira parte apresenta resumos das **11 oficinas** realizadas no Instituto de Arquitetos do Brasil e em alguns espaços públicos vizinhos, que acolheram atividades ao ar livre. A quarta parte sintetiza os **sete rolés**, que são roteiros pela cidade para visitação de a o es comunitárias e locais significativos do urbanismo insurgente. Finalmente, a quinta e última parte organiza os resultados das **três vagas vivas** construídas na zona portuária, fruto da articula o entre três organiza o es do Morro da Providência e três associa o es integrantes da Rede Placemaking Brasil.

Este evento não apenas nos ofereceu a oportunidade de reunir e compartilhar

conhecimentos, mas também fortaleceu nossa convic o de que a mudança em nossas cidades   possível quando trabalhamos juntos, a partir da base, com criatividade e compromisso. Ao publicar este livro, buscamos não apenas documentar as experiências e reflexo es compartilhadas, mas também contribuir para o crescente conjunto de materiais bibliográficos latino-americanos sobre urbanismo insurgente e cidadão. Cada página desta publica o representa o esforço coletivo de quem acredita na capacidade de nossas comunidades de transformar seu entorno. Esperamos que este livro inspire mais pessoas e coletivos a se juntar a esse movimento e que, a cada nova edi o, continuemos a enriquecer e expandir este inestimável legado de conhecimento e a o. Juntos, estamos construindo cidades mais justas, inclusivas e vibrantes, e esta publica o   um testemunho do nosso compromisso com esse futuro compartilhado.



## Referências

BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO. **Urbanismo ciudadano en América Latina**. Superlibro de acciones cívicas para la transformación de las ciudades. Lima: BID, 2022.

BORJA, Jordi; MUXÍ, Zaida. **El espacio público: ciudad y ciudadanía**. Barcelona: Electa, 2000.

DELGADO, Manuel. **El animal público: hacia una antropología de los espacios urbanos**. Barcelona: Anagrama, 1999.

HOLSTON, James. **Insurgent citizenship: disjunctions of democracy and modernity in Brazil**. New Jersey: Princeton University Press, 2008.

HOU, Jeffrey. **Insurgent public space: guerrilla urbanism and the remaking of contemporary cities**. New York: Routledge, 2010.

JIRÓN, Paola. Construcción de ciudadanía desde los márgenes: el derecho a la ciudad en Santiago de Chile. **Eure** (Santiago), v. 36, n. 107, p. 89-110, 2010.

MIRAFETAB, Faranak. Insurgência, planejamento e a perspectiva de um urbanismo humano. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 18, n. 3, p. 363-377, 2016.



**1**

**MESAS**

# PATROCÍNIO



Bernard  
van Leer  
FOUNDATION

URBAN  
951



CAU/RJ  
Centro de Arquitetura  
e Urbanismo do Rio de Janeiro



Fundación  
FEMSA

# APOIO



UFRJ  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



Firjan SESI

FOR  
HEALTH



Museu do Amanhã



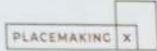
INSTITUTO DE  
DESENVOLVIMENTO  
E GESTÃO



Rio  
PREFEITURA  
CULTURA

HABITAT  
URBANO MELHOR

PLACEMAKING  
AMÉRICALATINA



REDE BRASILEIRA DE  
urbanismo  
colaborativo



CUF



# CUIDADOS E PRIMEIRA INFÂNCIA

**Marcela Marques Abla**

Quando uma cidade começa a se preocupar com o que é essencial para o desenvolvimento pleno das crianças, diretrizes são elaboradas com o objetivo de entender e acolher melhor a primeira infância. Dessa forma, o desenvolvimento de novas diretrizes e planos se revela uma ótima ferramenta para criar cidades mais seguras, saudáveis, lúdicas e vibrantes para todos os seus habitantes. Nessa perspectiva, a abordagem apresentada pretende relatar algumas experiências de transformação e adequação do espaço urbano, em que cidades aplicaram intervenções urbanas e técnicas baseadas em estudos para requalificar o ambiente, com foco no bem-estar das crianças e de seus cuidadores. Este debate promove um olhar transdisciplinar sobre as cidades inclusivas, revelando o potencial para que possam acolher melhor as crianças e suas famílias, proporcionando um novo significado a esses espaços e fomentando um sentimento renovado de pertencimento e uso desses locais. A reivindicação do cuidado e a integração de diferentes disciplinas tornam-se fundamentais para pensarmos juntos nas gerações futuras, garantindo a segurança, a qualidade de vida e o acolhimento necessário para o pleno desenvolvimento das próximas gerações.

A primeira infância, que abrange o período desde o nascimento até os seis anos de idade, é fundamental para o

desenvolvimento integral das crianças, englobando aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Durante essa fase, o cérebro humano demonstra notável plasticidade, formando conexões neurais essenciais para o aprendizado e desenvolvimento futuros. Estudos de neurociência comprovam que investir adequadamente nesta etapa da vida pode gerar retornos significativos para a sociedade, refletindo em benefícios para a saúde, educação e equidade social.

No entanto, muitas cidades enfrentam desafios na criação de ambientes que atendam às necessidades específicas dos mais jovens. A urbanização acelerada e, muitas vezes, desigual, juntamente com políticas públicas inadequadas, pode resultar em espaços públicos que não favorecem o pleno desenvolvimento das crianças e de seus cuidadores. Cidades bem planejadas, por outro lado, têm o potencial de oferecer ambientes seguros, lúdicos e inclusivos, essenciais para o estímulo e o bem-estar infantil.

Este artigo explora como intervenções urbanas transdisciplinares podem transformar espaços públicos para melhor atender às necessidades da primeira infância. A partir de uma perspectiva que combina diversas disciplinas, será analisado como a implementação de diretrizes e planos específicos pode criar cidades mais seguras, saudáveis e vibrantes. Utilizando exemplos



de iniciativas bem-sucedidas discutidas na mesa temática "Cuidados e Primeira Infância", o objetivo é destacar o potencial dessas abordagens para proporcionar um novo significado aos espaços urbanos, fomentando um sentimento renovado de pertencimento e engajamento comunitário. A integração de diferentes disciplinas e a reivindicação do cuidado são apresentadas como aspectos fundamentais para garantir a qualidade de vida e o desenvolvimento pleno das próximas gerações.

## Contribuições

### A Importância da Primeira Infância

A relevância da primeira infância foi abordada por Isabella Gregory<sup>1</sup>, coordenadora da Rede Urban95 no Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP), que destacou a importância de criar fundações sólidas para o desenvolvimento infantil. A neurociência, por meio de estudos visuais do cérebro, mostra que os primeiros mil dias de vida são uma "janela de oportunidades" única para intervenções que moldam as capacidades cognitivas e emocionais das crianças. O economista James Heckman, laureado com o Prêmio Nobel, reforça essa ideia ao demonstrar que o investimento em programas de desenvolvimento na primeira infância oferece altos retornos sociais e econômicos, promovendo uma sociedade mais equitativa e justa.

### Urbanismo e Primeira Infância

O conceito de urbanismo voltado para a primeira infância propõe uma reconfiguração dos espaços urbanos para que sejam seguros, acessíveis e estimulantes para as crianças. Isabella Gregory, em sua apresentação, sugere que a cidade deve ser planejada considerando a perspectiva de uma criança de 95 centímetros de altura – a altura média de uma criança de três anos. Isso implica repensar a infraestrutura urbana para reduzir a exposição à poluição, aumentar o tempo seguro de travessia nas ruas e proporcionar acesso fácil a espaços verdes.

### Urbanismo e Feminista e Participativo

Luciana Lima<sup>2</sup>, do coletivo La Ciudad Que Resiste, apresentou a perspectiva do urbanismo feminista, que busca construir cidades inclusivas a partir de uma abordagem transdisciplinar e colaborativa. Esse movimento desafia as estruturas de poder existentes na configuração dos espaços urbanos, propondo práticas que incluam as vozes de mulheres e outras comunidades marginalizadas. O urbanismo feminista reconhece que a cidade não é um espaço neutro e que o cotidiano das pessoas, especialmente de mulheres e crianças, deve ser considerado na sua construção.

### Reparação e Inclusão Social

Thelma Vilas Boas<sup>3</sup>, idealizadora do Coletivo Lanchonete-Lanchonete, trouxe à tona a

questão da reparação histórica em relação às infâncias negras no Brasil. Ela destacou a necessidade de uma pedagogia do resgate da memória e da justiça social, enfatizando que, sem reparação, não há possibilidade de cuidado efetivo. As práticas do coletivo buscam subverter dispositivos de poder que perpetuam o racismo, criando espaços onde as crianças negras podem desenvolver sua identidade e autonomia em um ambiente que reconhece e valoriza suas origens culturais.

### **Espaços Lúdicos**

José Gómez<sup>4</sup>, co-fundador e diretor executivo da ONG Espaço Lúdico, contribui para essa discussão ao destacar a necessidade de transformar espaços públicos dominados por veículos em áreas lúdicas. A organização busca revitalizar esses espaços para promover encontros, participação e orgulho comunitário. Gómez argumenta que o lúdico é essencial para conectar comunidades com seus espaços públicos, integrando diferentes gerações e grupos etários. Através da brincadeira e da criatividade, os espaços lúdicos

facilitam a interação entre pessoas e lugares, promovendo uma sensação de pertencimento e unindo a comunidade em torno de objetivos comuns. Nesse sentido, o coletivo pretende recuperar e transformar espaços públicos em áreas recreativas, recorrendo à experiência e criatividade das comunidades por meio de um processo de participação e design interativo. Considerar os espaços lúdicos como locais de encontro e participação comunitária é valorizar a interação e o envolvimento dos vizinhos como motores para revitalizar o tecido social de cada bairro.

### **Metodologia**

As iniciativas discutidas na mesa temática utilizam uma metodologia participativa e baseada em dados para orientar suas intervenções urbanas. A Rede Urban 95, por exemplo, emprega um diagnóstico territorial detalhado para identificar as necessidades específicas das crianças e de seus cuidadores. Esse diagnóstico é complementado por uma ciência comportamental que analisa como as políticas e o design urbano afetam o bem-





estar infantil. As intervenções propostas são testadas por meio de projetos-piloto antes de serem ampliadas para uma escala maior, garantindo que as soluções sejam adequadas ao contexto local.

Outra metodologia importante é a criação de espaços de diálogo e participação comunitária, como as oficinas e conversas promovidas pelo coletivo La Ciudad Que Resiste. Essas atividades permitem que a comunidade local participe ativamente do planejamento urbano, garantindo que as intervenções reflitam as reais necessidades dos moradores. A abordagem participativa também é central para as práticas dos coletivos, que iniciam suas intervenções ouvindo as crianças e suas famílias antes de escalar o envolvimento para atores públicos e instituições de ensino.

Este estudo se baseia em uma análise qualitativa das intervenções urbanas

debatidas durante a mesa temática "Cuidados e Primeira Infância". Foram considerados os relatos e apresentações de diferentes coletivos e organizações que atuam na criação de cidades mais inclusivas para crianças pequenas. A análise foca em três principais áreas de intervenção: espaços públicos e natureza, serviços de primeira infância, e governança e institucionalização. Tal método se estrutura como:

#### 1. Coleta de Dados

Os dados foram coletados a partir das transcrições das apresentações feitas durante o evento. As intervenções foram categorizadas e analisadas para identificar os princípios subjacentes e as práticas implementadas por cada coletivo ou organização.

#### 2. Análise de Dados

A análise foi conduzida utilizando um enfoque temático, que permitiu identificar padrões e temas recorrentes nas práticas apresentadas. Foram exploradas as abordagens específicas de cada coletivo em relação ao urbanismo voltado para a primeira infância e como essas abordagens contribuem para o desenvolvimento de cidades cuidadoras.

### Resultados e Discussão

#### Espaços Públicos como Lugares de Cuidado

As intervenções urbanas discutidas durante a mesa temática demonstram um impacto significativo na transformação dos espaços públicos. A Rede Urban 95 tem sido bem-sucedida em criar ambientes urbanos que são seguros e estimulantes para crianças pequenas. A abordagem centrada no usuário, especialmente nas crianças de até três anos, resulta em espaços que também beneficiam outros grupos vulneráveis, como idosos e pessoas com mobilidade reduzida. Esse enfoque no design inclusivo mostra que uma cidade planejada para crianças é uma cidade melhor para todos.

Os resultados indicam que a reconfiguração dos espaços públicos para atender às necessidades das crianças pequenas é uma das principais estratégias adotadas pelos coletivos. A Rede Urban 95, por exemplo, promove intervenções que transformam ruas, praças e calçadas em ambientes seguros e estimulantes para crianças e seus cuidadores. Essas intervenções são baseadas em dados locais que identificam as necessidades específicas de cada comunidade.

O IAB, junto com a Fundação van Leer e a Prefeitura de Sobral/CE, lançou o Plano de Bairro Amigável à Primeira Infância, com o propósito de reunir um conjunto de documentos que organizarão as demandas e necessidades de bebês, crianças pequenas e cuidadores, traduzindo-as em um planejamento a ser executado no território.

A experiência do bairro Sumaré pode servir de exemplo para outros bairros de Sobral e até para outras cidades que desejam melhorar a gestão de seus territórios. O Plano de Bairro Amigável à Primeira Infância do Bairro Sumaré, ou P.BAPI Sumaré, foi desenvolvido por meio de uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Sobral, o Instituto de Arquitetos do Brasil – Direção Nacional (IAB-DN) e a iniciativa Urban95, financiada pela Fundação van Leer. Seu conteúdo (composto pelo P.BAPI Sumaré, fichas das áreas de projeto, cartilha para a população, guia passo a passo, diagnóstico e projeto da Rota da Primeira Infância) foi elaborado a partir de diversas atividades técnicas e participativas e publicou suas proposições em abril de 2024. Esse processo, juntamente com seus resultados e propostas, está disponível na plataforma arbo.org do IAB.

Além do P.BAPI Sumaré, o IAB lançou, por meio do projeto Urban95, o Guia Passo a Passo de Praças Amigáveis à Primeira Infância de Salvador, com o objetivo de



estimular um olhar sobre os espaços públicos da cidade e seu potencial para acolher crianças e suas famílias. O material foi desenvolvido através de uma parceria entre a equipe do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), a iniciativa Urban95 da Fundação van Leer e a Prefeitura Municipal de Salvador (Bahia), e busca auxiliar técnicos e gestores públicos no processo de transformação de praças em espaços amigáveis à primeira infância na cidade de Salvador.

A publicação, construída a muitas mãos, apresenta etapas e processos para conceber uma praça como um espaço de brincadeiras e exploração para as crianças. Baseado em experiências realizadas no município de Salvador em 2023, o Guia foi elaborado. O material também explora o projeto desenvolvido no Largo do Papagaio, no bairro da Ribeira, e o Concurso de Mobiliário Urbano para a Primeira Infância de Salvador.

Na sequência das publicações relacionadas ao projeto Urban95, tem-se, ainda, o Caderno de Boas Práticas - Vol. 1: Espaços públicos e natureza, cujo objetivo é refletir sobre estudos e regiões das cidades no Brasil em que a vivência de crianças, cuidadores e pessoas grávidas seja prioridade, em que a conexão com equipamentos públicos seja fácil e haja espaços apropriados para brincar ao ar livre, o que são algumas das características que definem uma zona prioritária da primeira infância.

### **Equidade e Justiça Social**

Os projetos apresentados pelo Coletivo Lanchonete-Lanchonete ressaltam a importância da equidade racial e social no planejamento urbano. Ao centrar suas práticas na reparação histórica e na valorização da cultura afro-brasileira, o coletivo não apenas cria espaços que acolhem e celebram a diversidade, mas também desafia as estruturas de poder que

perpetuam a desigualdade. Esses esforços demonstram que o cuidado com a primeira infância deve ser sensível às questões de raça e classe, criando políticas que combatam o racismo estrutural.

A abordagem do Coletivo Lanchonete-Lanchonete destaca a importância de integrar práticas de reparação histórica nas intervenções urbanas. As atividades propostas incluem a criação de espaços que celebram a cultura e a história das infâncias negras, contribuindo para a construção de uma identidade coletiva e resistindo às pressões do urbanismo excludente.

### **Governança e Políticas Públicas**

A institucionalização das práticas de cuidado urbano é fundamental para garantir a sustentabilidade das intervenções. As iniciativas apresentadas no evento enfatizam a necessidade de políticas públicas que incluam a perspectiva da





## Conclusão

As intervenções urbanas voltadas para a primeira infância, como discutido na mesa temática "Cuidados e Primeira Infância", exemplificam um modelo inovador e eficaz para a construção de cidades mais inclusivas e equitativas. Essas iniciativas, ao focarem nas necessidades específicas das crianças e de seus cuidadores, não apenas promovem o desenvolvimento infantil, mas também criam ambientes urbanos mais justos, acolhedores e vibrantes para todos os cidadãos.

O sucesso dessas intervenções está intrinsecamente ligado à aplicação de uma abordagem transdisciplinar e participativa, que integra diversas disciplinas e envolve ativamente a comunidade local no processo de planejamento e desenvolvimento. Essa abordagem garante que as intervenções atendam às necessidades reais das comunidades, promovendo uma verdadeira transformação urbana que reflete o desejo e o potencial dos habitantes para um ambiente mais inclusivo.

Para que essas práticas tenham um impacto duradouro, é crucial continuar explorando e expandindo essas abordagens em maior escala. A integração de políticas públicas e a institucionalização das práticas de cuidado urbano são essenciais para garantir que todas as crianças se beneficiem de ambientes que promovam seu desenvolvimento saudável e o bem-estar de seus cuidadores. A convergência entre urbanismo, pedagogia e políticas públicas deve ser aprofundada para construir cidades que não apenas acolham, mas também valorizem e atendam às diversas necessidades das infâncias.

Além disso, a promoção da inclusão social, especialmente no que diz respeito às infâncias negras e outras comunidades marginalizadas, deve ser uma prioridade contínua. As práticas de reparação histórica



e a criação de espaços que celebrem a diversidade cultural são fundamentais para assegurar que o urbanismo não apenas melhore a qualidade de vida, mas também promova justiça social e equidade.

Este artigo ilustra como intervenções urbanas bem planejadas e centradas nas pessoas podem transformar as cidades em ambientes mais acolhedores e inclusivos. O desafio futuro é garantir que essas práticas sejam amplamente adotadas, institucionalizadas e constantemente ajustadas para atender às necessidades das gerações futuras, criando assim cidades que reflitam verdadeiramente o espírito de comunidade e cuidado.

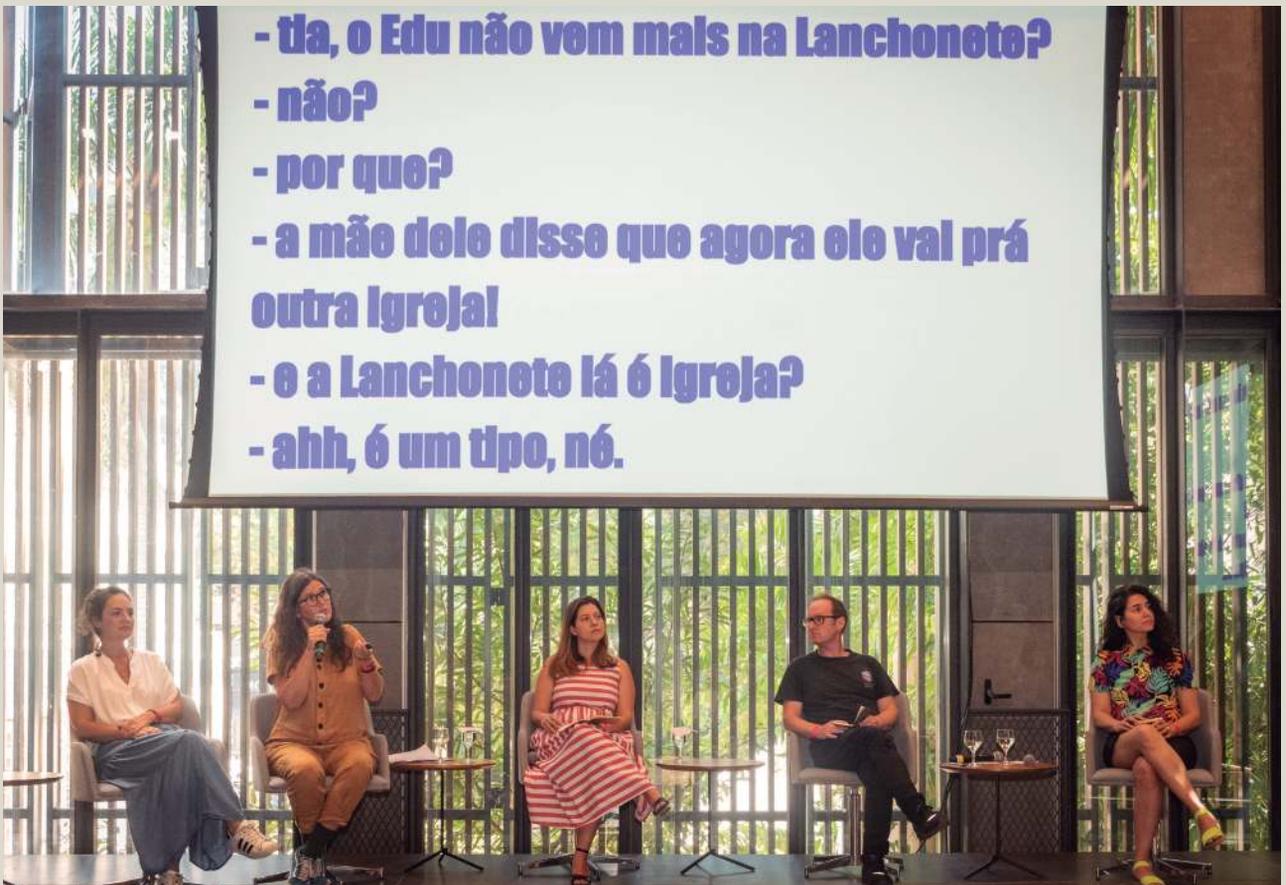
---

Pedagoga, especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da EAD, fez parte da equipe da Secretaria Executiva da Rede Nacional Primeira Infância. Desde 2008 estuda metodologias de participação infantil no contexto escolar e a integração entre tecnologia e educação. Já trabalhou como professora de educação infantil, coordenadora pedagógica e gestora de projetos sociais.

<sup>2</sup>Arquiteta formada pela FAU-UNLP. Trabalha na interseção de linguagens transdisciplinares. Coordena o coletivo Território Tolosa junto com Verónica Pastuszuk desde 2016. Trabalha como projetista há 15 anos, de forma independente e na Educação na Província de Buenos Aires. Atualmente está na fase final de sua Tese no Mestrado em Projeto Arquitetônico MaPA (FADU-UBA), sob a orientação de Inés Moisset e Gustavo Diéguez, onde investiga a construção coletiva do urbanismo feminista, com o título: (rel) parar.

<sup>3</sup>Fotógrafa e pedagoga, mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes do RJ.

<sup>4</sup>Arquiteto formado pela Universidad Mayor, possui estudos em Design Cívico com CivicWise + Colegio Arquitectos de Madrid e é Mestre em Projeto Urbano pela PUC (Pontificia Universidade Católica). Em sua trajetória profissional, ele atua no campo da "Inovação Urbana Cidadã", com ampla especialização em Design Urbano, Intervenções, Planejamento e Pesquisa Aplicada em assuntos de Urbanismo em Rede, Espaços Públicos Híbridos e Playmaking. Ele é um designer de metodologias e processos de participação cidadã, conectando comunidades com seus territórios. Atua como ativador de espaços públicos por meio de ações lúdicas e é Diretor dos Programas Ciudad Colaborativa, Activadores Barriales, LudoBarrio e Calles Activas. José Gómez também é Co-Diretor Curatorial do Iº "Encontro de Placemaking Latinoamérica - Valparaíso" e Diretor Geral do Iº "Concurso de Inovação Urbana Cidadã".



# MOBILIDADE

## Eveline Prado Trevisan

Este artigo apresenta os principais pontos abordados pelas participantes da mesa temática "Mobilidade".

A mesa, centrada na mobilidade urbana, contou com as seguintes debatedoras: Danielle Hoppe<sup>1</sup>, responsável por iniciativas de mobilidade ativa e segurança no trânsito no Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento (ITDP Brasil); Ruth Costa<sup>2</sup>, Diretora Presidenta da União de Ciclistas do Brasil; Carolina Huffmann<sup>3</sup>, fundadora do Coletivo Urbanismo Vivo; e Leticia Sabino<sup>4</sup>, fundadora do Instituto Caminhabilidade.

O conceito de mobilidade urbana desenvolvido por Balbim (2016) dialoga com a proposta da mesa. Para o autor, a noção de mobilidade urbana transcende o simples deslocamento físico, incorporando suas causas e consequências. Em vez de separar o ato de deslocamento dos comportamentos individuais e grupais, o conceito tenta integrar a ação de deslocar, seja física, virtual ou simbólica, às condições e posições dos indivíduos e da sociedade.

Amaral (2016) corrobora essa abordagem ao destacar que a mobilidade urbana surgiu no Brasil a partir dos anos 2000 como uma tentativa de mudança de paradigma no setor de transportes, focando nas pessoas e incorporando aspectos ambientais e sustentáveis. Nos últimos anos, a mobilidade urbana começou a ser explorada

também pelas ciências humanas, atraindo pesquisadores sociais interessados na multifacetada natureza da mobilidade de indivíduos e cargas.

As experiências insurgentes apresentadas na mesa partem da premissa de que a mobilidade ativa<sup>5</sup> permite vivenciar uma outra cidade. Observar a cidade pela perspectiva de pedestres e ciclistas implica rejeitar o modelo de cidade dominado pelos automóveis. Envolve olhar a partir de uma nova escala, a escala humana, onde as ruas são ressignificadas como locais para encontros e interações sociais.

O contato proporcionado pela abordagem da escala humana transforma a rua no principal cenário para as interações sociais. Como aponta Jacobs (1961): "aparentemente despreziosos, despropositados e aleatórios, os contatos nas ruas constituem a pequena mudança a partir da qual pode florescer a vida pública exuberante da cidade" (JACOBS, 2000, p. 78).

É importante entender simbolicamente o papel da rua nos processos de discussão sobre o direito à cidade. Segundo Henri Lefebvre (1991), o direito à cidade representa uma forma superior de direitos: direito à liberdade, à individualização na sociabilização, ao habitat e ao habitar, incluindo o direito à atividade participante e à apropriação. A rua é a materialização desse



direito, funcionando como cenário, palco e possibilidade de expressão e concretização.

Como Souza (2006) afirma, as cidades são os “laboratórios” onde resistências, rebeldias, novas formas de solidariedade e discursos críticos se gestam, e é nas suas ruas que essas resistências se manifestam.

Políticas públicas e planejamento urbano desempenham um papel crucial na promoção de uma apropriação mais equitativa dos espaços públicos. No entanto, esse processo nem sempre é inclusivo ou democrático. Muitas vezes, a apropriação é moldada por dinâmicas de poder que favorecem certos grupos em detrimento de outros, evidenciado pela supremacia do automóvel nas ruas.

Iniciativas que envolvem a participação ativa das comunidades na gestão e no desenho desses espaços têm mostrado ser eficazes na criação de ambientes mais inclusivos e democráticos. Analisar casos específicos de processos insurgentes de apropriação de espaços públicos, com a rua no centro dessa discussão, oferece insights valiosos sobre as dinâmicas sociais que moldam o uso desses espaços.

Abrindo as discussões da mesa, Danielle Hoppe, do ITDP, apresentou estratégias usadas pelo terceiro setor para colaborar com cidades que desejam transformar

o paradigma da mobilidade centrada no automóvel em direção a uma mobilidade mais inclusiva e sustentável.

Hoppe destacou que as cidades projetadas como as “cidades do futuro” — espraiadas, segregadas socialmente e com grandes congestionamentos — demonstraram não funcionar. As consequências desse modelo incluem congestionamentos crônicos, problemas ambientais estruturais e de saúde, e um excesso de mortes no trânsito.

### **A pergunta é: onde erramos?**

Primeiramente, o foco esteve em um modelo de deslocamento ineficiente. Dados corroboram essa afirmação: 37% das distâncias anuais percorridas nas grandes cidades brasileiras são realizadas por automóveis, responsáveis por 70% das emissões do setor de transporte. O transporte coletivo representa 53% dos deslocamentos, mas apenas 30% das emissões. O transporte ativo, que não emite poluentes, é responsável por 10% dos deslocamentos anuais no Brasil.

Conclusões fáceis são que o automóvel, como modo de transporte, é ineficiente. Outro fator agravante são as velocidades de deslocamento, incompatíveis com a segurança das pessoas, especialmente dos mais vulneráveis. A Organização Mundial da Saúde recomenda um limite máximo

de 50 km/h para áreas urbanas devido à fragilidade do corpo humano.

Historicamente, o planejamento urbano não considerou adequadamente as pessoas. Para uma mudança física efetiva nas cidades, é necessária uma tríade: vontade política, capacidade de planejamento e implementação, e orçamento destinado a esses fins.

A pandemia, apesar de seus desafios, trouxe uma oportunidade para repensar as formas de deslocamento nas cidades, com investimentos em infraestrutura para mobilidade ativa, destacando o aumento do uso da bicicleta.

Hoppe conclui que intervenções temporárias podem ser estratégicas para abrir mais espaços nas cidades para a mobilidade ativa, já que as pessoas tendem a resistir a mudanças. Ações temporárias demonstram novas possibilidades de arranjos nos espaços públicos à população.

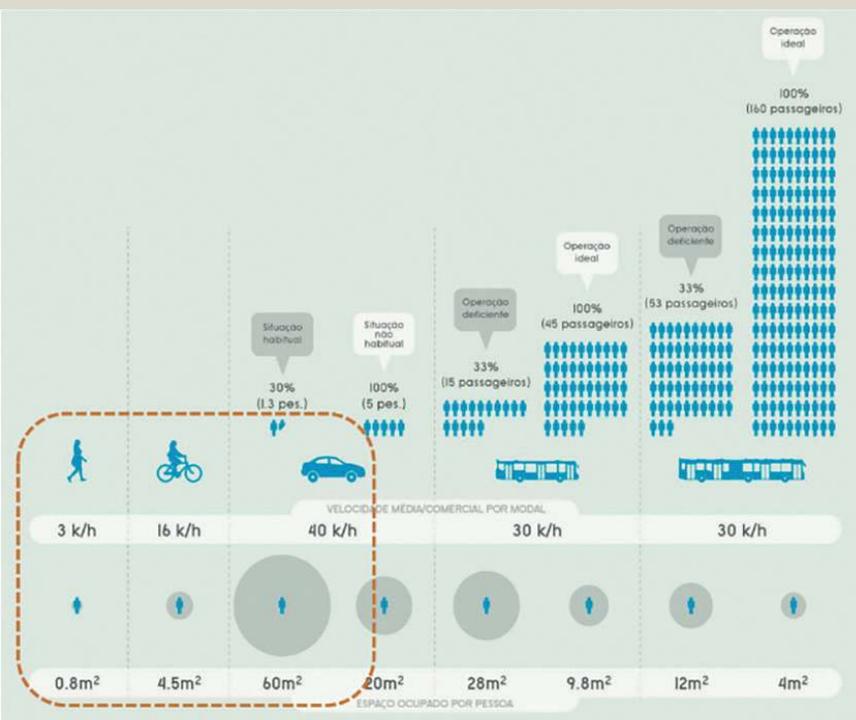
Leticia Sabino aborda o tema a partir da perspectiva do Instituto Caminhabilidade, uma organização liderada por mulheres que promove cidades caminháveis. Os objetivos da instituição incluem promover cidadania, igualdade de gênero e enfrentar a crise climática, estabelecendo pontes entre a sociedade civil, poder público e outros atores para soluções transformadoras.

O Instituto atua em várias frentes, como promover a cultura do caminhar e enfrentar a hegemonia dos automóveis. Além de focar em projetos urbanos, o Instituto investe em capacitação, educação e informação sobre o tema.

Sabino apresenta dados que reforçam a importância dos investimentos em caminhabilidade: no Brasil, 39% dos deslocamentos são feitos exclusivamente a pé. Esse número pode estar subestimado, pois pesquisas de origem e destino não consideram deslocamentos menores que 500 metros. Além disso, a maioria dos deslocamentos em transporte público

## E passa por redistribuir o espaço viário priorizando as PESSOAS.

Fonte: ITDP (2017). "Guia de Planejamento Cicloinclusivo".



# Ressignificando as ruas, fazendo cidades caminháveis



Foto: Prefeitura de Fortaleza

começa e termina a pé, totalizando 70% dos deslocamentos diários. Destaca-se que mulheres caminham mais do que homens, realizando deslocamentos a pé devido à cultura do cuidado.

Portanto, a cidade nunca é neutra em relação ao gênero. Se a maioria dos deslocamentos das mulheres é feita a pé e a cidade não garante segurança para esses deslocamentos, a cidade é claramente

machista. Se há crianças, mulheres negras e periféricas vulnerabilizadas no espaço urbano, a cidade não é para todos.

Carolina Huffmann, de Buenos Aires, participa de uma organização que trabalha projetos urbanos de diferentes ângulos para tornar as cidades mais amigáveis e caminháveis, levando em consideração as necessidades e desejos das pessoas, com foco na inovação, participação e intercâmbio.

## PERSPECTIVA DE GÊNERO

### El urbanismo no es neutro.

Al diseñar el espacio urbano se dan prioridades, se reflejan poderes y se visibilizan derechos. **El género es una construcción cultural** que asigna roles a cada sexo. Entendemos que la ciudad no ha de contribuir a perpetuar la división de tareas entre mujeres y hombres, entre el **mundo de lo reproductivo y lo productivo.**



Huffmann também destaca a não neutralidade da cidade, onde decisões e prioridades moldam os papéis de gênero, fortalecendo ou enfraquecendo construções culturais. O projeto Micro Histórias do Cuidado, desenvolvido a partir de entrevistas com mulheres que cuidam de diversos ambientes, identifica eixos de uma cidade carinhosa, estruturada basicamente a partir da caminhada.

O objetivo principal do Instituto é promover uma cidade mais solidária e amigável por meio da caminhada, criando uma rede de afeto, empatia, confiança e segurança.

Ruth Costa, nascida na comunidade Quilombo de Santo Antônio, no Pará, compartilha sua experiência pessoal de viver em uma comunidade onde os deslocamentos eram feitos a pé ou de barco. Ela destaca que, quando se prioriza o caminhar e as baixas velocidades, as vidas são preservadas. Isso evidencia a necessidade de repensar o padrão de mobilidade das cidades.

Ao mudar-se para a capital do estado, Costa passou a viver em uma cidade onde o automóvel domina as ruas, e as obras de "melhoria" isolam pedestres e ciclistas em favor dos carros e das altas velocidades.

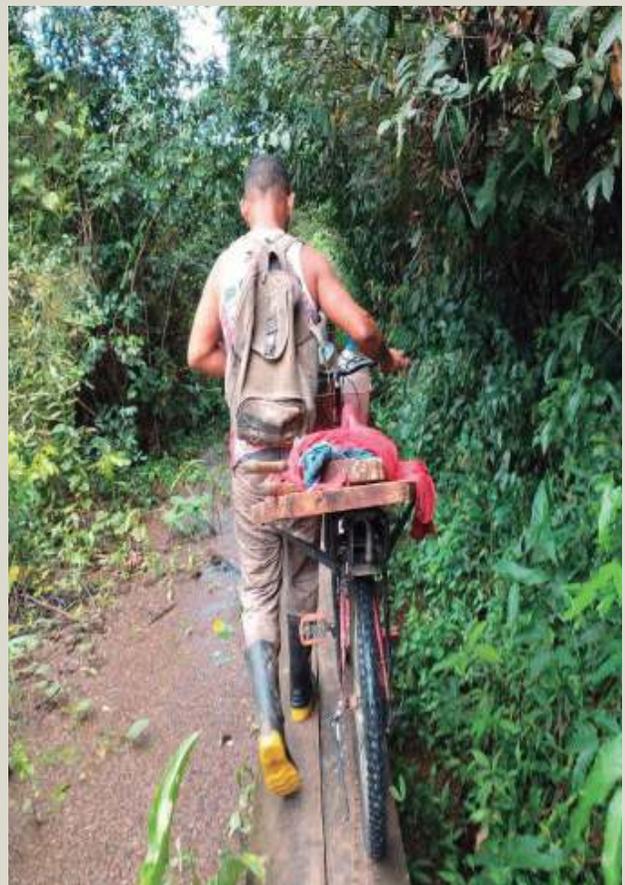
Há uma necessidade urgente do poder público compreender que quem deve estar no centro, como prioridade no trânsito, são as pessoas, o ser humano. E esse processo passa, necessariamente, pela redução das velocidades regulamentadas nas nossas ruas. Uma vez que as pessoas estejam no centro dessa discussão é fundamental pensar na mulher negra da periferia, que nunca esteve como prioridade no planejamento das cidades; é necessário pensar na cidade também a partir da perspectiva de uma criança de até 95 centímetros de altura. É necessário dar

um passo atrás e compreender que as mudanças só serão possíveis quando, de fato, repensarmos nossas cidades a partir da lógica do caminhar lento pelas ruas.

### **Conclusão**

Em um evento em que as insurgências urbanas estão no centro das discussões é fundamental o olhar para a mobilidade urbana que exerce um papel estruturante nas formas de apropriação das cidades. Se, ao olhar para as cidades, precisamos, necessariamente falar de emergência climática, não há como não discutir e repensar as formas de deslocamento nas grandes cidades.

A mesa Mobilidade trouxe importantes contribuições a este debate. A partir de diferentes pontos de vista, chega-se a uma possível conclusão de que movimentos insurgentes que propõem novas formas de deslocamento (necessariamente mais



lentas, centradas nos pedestres e nos ciclistas) vêm ajudando a pautar uma nova cidade. Uma cidade mais justa, mais igualitária, mais acolhedora e respeitosa. E é fundamental que esse processo se estruture a partir da rua, pois como diria João do Rio "Ora, a rua é mais que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma!" (RIO, 2008, p. 29).

## Referências

AMARAL, Marcelo Cintra do. **Tempos da mobilidade**: três notas de uma nova partitura espaço-temporal. Belo Horizonte: Revista da UFMG, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2764/1623>

BALBIM, Renato. Mobilidade: uma abordagem sistêmica. In: BALBIM, Renato; KRAUSE, Cleandro; LINKE, Clarisse Cunha (Orgs.). **Cidade e Movimento**: Mobilidade e interações no desenvolvimento urbano. Brasília: Ipea: ITDP, 2016.

JACOBS, Jane (1961). **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução: Rubens Frias. 1a Ed. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Aprisãoeaágora**: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

---

<sup>1</sup>Arquiteta e urbanista formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em Planejamento Urbano pela McGill University e especialista em temas urbanos, participação cidadã e espaços públicos.

<sup>2</sup>Membro da Rede Bike Anjo, integrante do Coletivo Paraciclo e idealizadora dos projetos Pedala Mana e Perifa na Pista.

<sup>3</sup>Arquiteta e mestre pelo Laboratório de Habitação do Século 21, docente de Planejamento Urbano, representante da Jane's Walk Buenos Aires e Placemaking X Argentina, e co-fundadora da iniciativa Ciudades Comunes.

<sup>4</sup>Administradora de empresas pela FGV com pós-graduação em Economia Criativa e Cidades Criativas, mestre em Planejamento de Cidades e Desenho Urbano pela University College of London e co-fundadora da Associação e Rede de Mobilidade a Pé em São Paulo e na América Latina.

<sup>5</sup>O Guia de Planejamento Cicloinclusivo, desenvolvido pelo ITDP Brasil, em 2017, apresenta uma importante argumentação a favor da utilização do termo "mobilidade ativa" ou "modos ativos" em detrimento do termo "não motorizados": "A utilização do termo "não motorizado" reflete uma crença estigmatizada de que pedestres e ciclistas possuem menos direito à utilização do espaço viário e são modalidades de deslocamento menos relevantes, como se fossem hierarquicamente inferiores aos veículos motorizados. Essa crença foi consolidada em uma abordagem de planejamento urbano com foco em veículos motorizados e investimentos em infraestrutura que possibilitassem sua circulação em cidades e regiões metropolitanas, gerando um círculo vicioso de políticas públicas de valorização do transporte motorizado individual em detrimento da infraestrutura para pedestres, ciclistas e usuários de transporte público. Retomar a essência das cidades como espaço de todos significa priorizar o que é mais importante.

# BAIRROS

## Maria Cecília Pereira Tavares

A mesa temática “Bairros” foi a última do dia 13 de setembro na Casa Firjan, mas o auditório permaneceu cheio, já que este é um tema transversal que permeia todos os eixos temáticos do evento Insurgências.

Participaram desta mesa Lucía Nogales<sup>1</sup>, diretora do Ocupa tu Calle (Peru); Juliana Lisboa<sup>2</sup>, co-fundadora da Cidade Quintal (Espírito Santo); Fernando Zulu<sup>3</sup>, líder social e articulador territorial do Galeria Providência, (Rio de Janeiro); e Lucas Nassar<sup>4</sup> (Pará), idealizador do Laboratório da Cidade, um think tank de inovação urbana através de processos participativos no planejamento das cidades da Amazônia. Tive o prazer de mediar esta mesa com esses ativistas e profissionais influentes em seus territórios, que nos trouxeram um pouco de suas experiências para enriquecer nosso debate.

Os quatro relatos apresentados destacaram a importância do processo colaborativo na realização de intervenções em diferentes comunidades.

Para iniciar a reflexão, foi relevante a observação de Lucía Nogales sobre o conceito de bairro. As interpretações podem ocorrer em diferentes níveis. Para os gestores, por exemplo, os bairros são definidos por cartografias técnicas que delimitam as áreas das cidades e servem como base para planejamentos, somadas a informações geradas por dados censitários

e geoprocessados, resultando na cidade-conceito de Certeau (1980). Mas aqui estamos falando de bairros como o espaço onde vivenciamos nosso cotidiano, onde nos sentimos seguros e cuidados. O bairro é um espaço de transição entre o espaço privado e o espaço urbano como um todo. Nos bairros, nos sentimos pessoas; na cidade, somos anônimos.

Infelizmente, a distribuição desigual do espaço urbano provoca o surgimento de bairros periféricos, cuja população enfrenta uma vulnerabilidade extrema que impede que o bairro se torne um lugar seguro e acolhedor.

Lucía explicou que, no programa Ocupa tu Bairro, desenvolvido pela organização Ocupa tu Calle, a estratégia para conquistar a confiança das comunidades é a escuta. O objetivo não é inicialmente apresentar um projeto, mas entender o cotidiano da comunidade. Essa prática resulta em um diagnóstico, e a partir desse entendimento e de muitas conversas, cria-se uma relação e as propostas são desenvolvidas em conjunto.

O Ocupa tu Calle começou seu trabalho com os bairros justamente durante a pandemia de COVID-19, um momento crítico para essas comunidades vulneráveis. Quando a recomendação era ficar em casa, não se considerava a situação daqueles que moram em casas sem serviços básicos, muitas



vezes sem banheiro. Então, o bairro deveria se tornar um abrigo. Uma das ferramentas utilizadas foi o resgate das painéis comunitárias, muito comuns na Colômbia, Chile e Peru, em que cada pessoa contribui com o que tem de comida para preparar um prato comum e distribuí-lo. Foi nesse contexto que o Ocupa tu Bairro começou a se concentrar em como estabelecer protocolos de resiliência para enfrentar não apenas a crise alimentar da COVID, mas também as crises ambientais e outras.

A organização foca em ações de cuidado do ambiente por meio da ativação do espaço público, criando planos estratégicos paralelos que destacam como o bairro se relaciona com a cidade. Por exemplo, a questão da mobilidade, que afeta principalmente as mulheres que transitam entre os cuidados com os filhos, o trabalho e as responsabilidades domésticas. No bairro Pamplona, foram instaladas luminárias carregadas por painéis solares, sem custos para a comunidade, que facilitam a caminhabilidade e o uso do espaço público. O objetivo é identificar quais intervenções estratégicas têm maior potencial para gerar melhorias nos bairros, sendo o elemento primordial o fortalecimento da organização comunitária. Assim, o objetivo do programa é apoiar e facilitar a vida comunitária existente, oferecendo suporte em infraestrutura e mobilidade, entre outras demandas.



Para Fernando Zulu, a pandemia também foi um divisor de águas na comunidade do Morro da Providência. Morador e líder social, ele relata que, sem os programas sociais organizados pelos líderes comunitários durante a pandemia, muitos moradores teriam enfrentado sérios problemas alimentares. O Morro da Providência tem uma história de resistência desde seu surgimento em 1897, segundo registros

oficiais. A privatização do Porto e o projeto Porto Maravilha, que antecederam a pandemia, resultaram no sucateamento da região e na diminuição do poder econômico do bairro, que dependia dos estivadores. Nesse cenário, os projetos sociais continuaram sua atuação, aumentando o respeito e reconhecimento da comunidade pelos líderes sociais. Foi criado o coletivo SOS Providência (Solução, Oportunidade e Solidariedade), formado por monitores moradores que atuaram na linha de frente durante a COVID, distribuindo cestas básicas e auxiliando pessoas infectadas. Esse momento marcou um aumento no engajamento da comunidade com os programas sociais, fortalecendo o poder paralelo em um território abandonado pelo poder público e provocando uma transformação coletiva.

A Galeria Providência é um projeto de educação, intervenções artísticas e ativação cultural realizado por moradores, que usa a arte como um vetor de transformação no Morro da Providência. Sua missão é possibilitar a educação básica e profissional

por meio de narrativas artísticas e memória do território. O projeto valoriza a história do bairro com referências como grafites da casa de Machado de Assis e homenagens a Dona Dodô da Portela. A mediação cultural busca conhecer e valorizar a cultura local, promovendo um sentimento de pertencimento. A ideia é transformar a Providência em um museu a céu aberto. Outros projetos, como aulas de boxe, uma agrofloresta, parquinhos e um anfiteatro, ajudam a reverter o abandono e permitem que a comunidade se aproprie do espaço. Um morador expressa: "Eu tô tendo noção da minha ancestralidade, tô sentindo o prazer de representar minha raça. A cultura dos artistas negros, sabe, que estão aqui representando a comunidade. O projeto pensa muito nisso, né, de morador para morador, inclusive na questão econômica."

Hoje, o morro tem uma lua amarela no alto, marcando a Casa Amarela, um espaço para projetos culturais, oficinas e cursos de formação. A comunidade acredita que a informação é um direito de todos e oferece wi-fi gratuito. A grande obra pública feita





## **BAIRRO SÃO BENEDITO**

VITÓRIA - ES, 2021-2023

no morro foi a construção de um teleférico, cuja instalação foi rejeitada por 100% da população, conforme comprovado em um censo organizado com o apoio da Fiocruz e da Unigram. Segundo Fernando Zulu: "Decidimos que a transformação da favela do Morro da Providência será feita de dentro para fora."

A fala de Fernando Zulu reforça a importância do fortalecimento da comunidade, um trabalho admirável e cheio de amor pelo seu território, que acredito ser o melhor exemplo de "cidadania".

Outro projeto que se conecta a esse é a Rota de São Benedito, apresentado por Juliana Lisboa, da Cidade Quintal. Esta experiência é semelhante à anterior pela forte presença da memória como fator de pertencimento e pela tentativa de reverter uma imagem negativa do território. A principal atividade da Cidade Quintal é articular trabalhos de urbanismo participativo "para fortalecer narrativas comunitárias e potencializar a convivência" (Cidade Quintal, 2024). O projeto da Rota de São Benedito envolveu um

trabalho de turismo comunitário. Trata-se de um território muito conhecido e, segundo Juliana, seus moradores são bastante maduros em termos de governança, não necessitando de ONGs para diagnosticar problemas e construir estratégias. A organização foi convidada pela comunidade para colaborar nesse projeto, que já estava em mente das lideranças comunitárias. Elas acreditavam que as histórias de vida que constituem esse espaço deveriam ser conhecidas, distantes das narrativas de destruição e violência.

Juliana afirma que a cocriação fluiu no São Benedito. Foi realizado um inventário participativo construído a partir de um fórum comunitário, onde os moradores levantaram as histórias mais significativas, entrevistaram os mais velhos e documentaram personagens que já faleceram. Esse material foi muito rico, incluindo documentos históricos importantes que estavam guardados em gavetas. O trajeto das fachadas foi criado com pinturas murais que interpretam essas histórias visualmente, muitas das quais não tinham imagens ou fotos, exigindo um



trabalho de imaginação e consulta com os moradores. A adesão ao projeto cresceu quando ele começou a acontecer nas ruas, com pessoas levando latas de tinta e pregando placas. A movimentação na rua aumentou a participação dos moradores. Alguns duvidavam do sucesso devido ao lixo encontrado na rota, o que levou à instalação de oito coletores de tampinhas em nos estabelecimentos comerciais.

Durante três semanas, muitas crianças, comerciantes e outros cidadãos se informaram sobre o projeto ao participar da coleta de tampinhas. O que inicialmente era um dilema nas reuniões tornou-se uma ação que ajudou a informar a comunidade sobre o que já estava acontecendo. Essas práticas participativas geram a confiança de fazer parte do processo. Foram criadas também sinalizações do trajeto, mapas e um áudio com as vozes dos moradores, o que enriqueceu a experiência. A inauguração ocorreu no final de maio, após seis meses de intensa imersão no bairro, com diversos processos participativos envolvendo workshops com especialistas, estrategistas

do território, líderes comunitários, turismólogos e professores locais. Houve muitas conversas com a população para construir as bases estratégicas do formato da visitação e o perfil do turista desejado. No dia da inauguração, um cortejo com uma banda de Congo conduziu os visitantes até o farol. A trilha finaliza com uma bela paisagem da Grande Vitória. A Marinha, finalmente, atendeu aos pedidos dos moradores e reformou o farol, após a TV exibir imagens do farol em péssimo estado. Neste projeto, foram consolidadas parcerias com a universidade, que está pintando as fachadas do pequeno comércio. Juliana ressalta que a rota "não é da Cidade Quintal, nem do Valmir do Cosme; ela é, de certa forma, dos comerciantes e das crianças. Cada um tem uma parte nela."

Lucas Nassar argumenta que deveríamos considerar como lançar essas intervenções em bairros como políticas públicas. Ele cita o programa Favela Bairro, no Rio de Janeiro, que foi abandonado e serviu de inspiração para os Projetos Urbanos Integrados (PIU) na Colômbia. Nassar defende um retorno às

raízes, pesquisando as cidades amazônicas pré-colonização, onde as comunidades entendiam quando o solo estava exaurido e promoviam mudanças de território. Foi assim que surgiu a terra preta, o solo fértil da Amazônia e a floresta com maior biodiversidade do planeta.

Acredito que os planos muitas vezes não atendem às necessidades emergenciais, concordando com Lucía Nogales, pois não visualizam os problemas específicos das comunidades. O retorno das políticas públicas seria realmente importante se incluísse estratégias colaborativas com as comunidades. As críticas ao programa Favela Bairro envolvem conselhos criados nas comunidades para atuar como intermediários entre o poder público e a população. Alguns relatos indicam que esses conselhos eram formados por grupos subservientes à Prefeitura, enquanto o poder público alega falta de

participação da população por desinteresse (CARDOSO, 2005). Parece que o programa foi desenvolvido de forma top-down, sem agregar o poder popular. O atual programa Periferia Viva, proposto pelo Ministério das Cidades (2024), busca reverter essa questão, baseando-se no trabalho colaborativo e no fortalecimento das comunidades.

Devemos destacar a potência das experiências relatadas nesta sala, principalmente nas ações que desenvolvem o espírito cidadão nas comunidades e promovem o senso de pertencimento. Outro ponto importante é a relevância da arte nessas experiências, que sensibiliza e fortalece as ancestralidades.



## Referências

CARDOSO, Adauto Lucio. **O Programa Favela-Bairro** – uma avaliação. In: ZENHA, R.; FREITAS, C. Seminário de Avaliação de Projetos IPT em Habitação e Meio Ambiente: assentamentos urbanos precários. Anais. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2005.

CERTEAU, Michel de (1980). **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

---

<sup>1</sup>Mestre em Arquitetura pela Universidade Politécnica de Madrid e diplomada em Habitação Básica para a Inclusão Social pela Universidade Nacional de Engenharia do Peru. Como resultado de sua permanência na Pontifícia Universidad Católica del Perú (2012), decidiu direcionar sua carreira para as questões urbanas. Desde então, especializou-se no desenvolvimento de processos de análise, produção, ocupação e avaliação do espaço público, bem como no ensino. Ministra palestras sobre questões urbanas em várias universidades do Peru: a Universidade Santo Toribio de Mogrovejo (USAT) em Chiclayo, a Universidad Peruana de Ciências Aplicadas e a Pontifícia Universidad Católica, da qual é membro do Grupo de Pesquisa em Planejamento Urbano, Governança e Habitação de Social - CONURB.

<sup>2</sup>Possui formação em Design pela Ufes, OneYear em Service Design pelo Instituto Europeu di Design (IED SP/Madri). Nos últimos 15 anos tem nutrido experiências no campo da cidadania, inovação socioambiental e criação, atuando na fronteira entre o design e outros campos. Fez parte da Bienal Brasileira de Design (2010), da EXPO MILANO (2015), recebeu o 1o lugar no Prêmio Oxford Design (2017), a comenda Rubem Braga pelo Governo do ES (2018). Com a Cidade Quintal fez parte da 13a Bienal Internacional de Arquitetura (2022) e recebeu o 9o Prêmio Tomie Ohtake de Arquitetura (2023).

<sup>3</sup>Graduando em Economia pela UFRJ. Cria do Morro da Providência e Líder Social. Atua coordenando e articulando projetos culturais e educacionais no território da Pequena África. Seu trabalho como Líder Social é reconhecido pela sua comunidade, seus pares e sua atuação nos últimos 3 anos tem sido de muita relevância para os moradores da Região Portuária. Seu objetivo é contribuir para a transformação Cultural e Social deste território, que é um lugar histórico para o Rio de Janeiro, onde, inclusive, fica situada a Pequena África.

<sup>4</sup>Arquiteto Urbanista, especialista em Urbanismo Social, natural de Belém do Pará. Trabalhou em diversos órgãos municipais e estaduais, foi pesquisador no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) no Programa Especial de Planejamento Urbano e Regional (SPURS). É idealizador do Laboratório da Cidade, um "Think and Do Tank" cujo objetivo é gerar inovação urbana através de processos participativos no planejamento de cidades da Amazônia.



### Leonardo Brawl Márquez

O intuito de termos um painel que não tratasse dos temas diretos do evento foi criar um breve momento dentro da programação oficial para lembrar as edições passadas dos encontros da Rede Placemaking América Latina e possibilitar um espaço para a autocrítica pontual de cada um deles, bem como da própria trajetória percorrida para a realização destes eventos latinoamericanos. Na edição de 2019 em Lima, Peru, a rede regional de placemakers realizou um painel similar, porém levando ao palco representantes de outras redes e organizações que dialogam com a rede de "fazedores de lugares".

Entendendo que os eventos são um grande esforço processual, mas que materializam seus esforços de maneira pontual, é vital trazer luz para todo esse volume de trabalho que fica oculto das participantes e que, quando revisitado, abre a possibilidade para avaliações de diferentes tipos de impactos gerados pelos eventos. E para além das questões de pré-produção, produção e pós-produção, é fundamental saudar e ensinar para todo mundo que na maioria dos casos, quem se envolve nos eventos também são as agentes que mantêm as redes locais e regionais vivas e funcionando.

No caso específico do evento Insurgências, desde o início havia um desafio duplo de, ao

mesmo tempo, aproximar agentes ligados aos temas que atuam nas diferentes regiões de um país de dimensões continentais, e também promover a aproximação entre agentes de países da América Latina e agentes com atuação no Brasil. Uma maneira de auxiliar nessa aproximação foi contextualizar para a grande quantidade de pessoas que estavam chegando em seu primeiro evento de Placemaking, falando brevemente das quatro edições anteriores à edição do Rio de Janeiro.

Com uma estrutura simples de mediação por parte de um integrante da comissão organizadora anfitriã e mais uma representante de cada uma das comissões organizadoras das quatro edições anteriores, a mesa foi composta por: Guillermo Bernal<sup>1</sup>, Carolina Carrasco<sup>2</sup>, Carolina Huffmann<sup>3</sup> e Mariana Alegre<sup>4</sup>. O roteiro foi bastante pragmático, com poucas perguntas que seriam respondidas no sistema de rodadas, por todas as convidadas.

Partindo de uma reflexão rápida sobre a linha do tempo dos quatro eventos prévios ao evento brasileiro, as características do primeiro encontro em Valparaíso (2017), do segundo encontro na Cidade do México (2018) e do terceiro encontro em Lima (2019) são muito distintas entre si e com seus marcos específicos, mas ainda sim vinham



por um caminho bastante orgânico que foi bruscamente interrompido pela crise mundial do coronavírus, que resultou em um quarto encontro experimental capitaneado por Buenos Aires (2020), que não teve sequência, gerando um hiato de dois anos até o encontro no Rio de Janeiro (2023).

Para possibilitar que todas as pessoas presentes pudessem traçar paralelos sobre as diferentes experiências, de modo geral as perguntas no palco trataram de tudo aquilo que acontece além dos eventos, evidentemente trazendo casos e exemplos de histórias pontuais e desafios, mas o foco foi o legado para a cidade, bem como para o país anfitrião de cada edição. Em cada ano e em cada contexto os efeitos foram diferentes, mas o objetivo de criar, fortalecer e aumentar as redes locais foi alcançado, tanto entre placemakers, quanto com parcerias estratégicas dentro da Sociedade Civil, da Academia, da Iniciativa Privada e do Poder Público.

De modo geral os testemunhos das representantes das quatro edições anteriores ao Insurgências se encontraram em relatos que pontuam a necessidade de nutrir constantemente as redes, principalmente com o oxigênio renovado dos eventos anuais entre profissionais que

além de lidarem com seus desafios locais, ainda carregam o fardo de serem difusores de práticas inovadoras, práticas que compõem um ambiente de atuação ainda novo e em processo de consolidação como um mercado de atuação reconhecido.

Seja pelo pioneirismo da edição chilena em 2017 que aproximou agentes latinoamericanos, seja pelo desafio de ter intervenções urbanas durante a edição mexicana, seja pela ousadia peruana de unir um festival internacional de intervenções urbanas com o encontro de placemakers, ou ainda pelo necessário sopro de esperança e ânimo da edição virtual operada durante a pandemia pelas colegas argentinas, o painel de redes durante a quinta edição do encontro Placemaking América Latina consolidou que "Somos mais redes do que podemos imaginar, e outras coisas nos aproximam", para além do Placemaking, para além das redes locais, nacionais, há um universo de conexões temáticas que buscam uma produção coletiva e participativa de cidades socialmente justas e ambientalmente viáveis.

---

Fundador e Diretor Executivo da Fundación Placemaking México, Diretor de Programas Globais da PlacemakingX. Realizou mais de 400 projetos de espaço público no México, por meio de estratégias de sustentabilidade social e consultoria em projetos impulsionados pelas comunidades da América Latina e México.

<sup>2</sup>Arquiteta pela Universidad de Chile e Mestre em Planejamento Urbano pela University of Melbourne, Austrália. Tem ampla experiência em projetos e processos de design colaborativo com diversas entidades, como o BID, ONU-Habitat, Ministério da Habitação e empresas privadas.

<sup>3</sup>Arquiteta e Mestre pelo Laboratório da Habitação do Século XXI. Fundadora do coletivo Urbanismo Vivo. Docente universitária de Planejamento Urbano. Representante do Jane's Walk Buenos Aires e PlacemakingX Argentina. Cofundadora da iniciativa Ciudades Comunes.

<sup>4</sup>Mestre em Design de Cidades e Ciências Sociais pela London School of Economics and Political Science (LSE) e bolsista Chevening. Diretora executiva e fundadora do Sistema Urbano, ecossistema que busca impulsionar projetos urbanos como Lima Cómo Vamos, Ocupa Tu Calle e Nodal, com o objetivo de acelerar a transformação urbana na América Latina.



# CRISE AMBIENTAL

Lucía Nogales

Durante a mesa temática “Crise Ambiental”, diversas perspectivas foram abordadas com o objetivo de, como mencionou a moderadora Beatriz Carneiro<sup>1</sup>, “tentar entender, a partir da prática, quais são as transformações sociais necessárias para se criar cidades justas e viáveis do ponto de vista ambiental, e como levar isso para a cidade”. Entre os palestrantes, estavam Bárbara Barros<sup>2</sup>, da Rede C40, Tainá de Paula<sup>3</sup>, Secretária de Meio Ambiente e Clima do Rio de Janeiro, Paulo Horta<sup>4</sup>, professor da Universidade Federal de Santa Catarina, e Camila Wirsching<sup>5</sup>, diretora executiva da Fundação Projeta Memória.

Durante a mesa temática Crise Ambiental, diversas perspectivas foram abordadas com o objetivo de, como mencionou a moderadora Beatriz Carneiro, “tentar entender, a partir da prática, quais são as transformações sociais necessárias para se criar cidades justas e viáveis do ponto de vista ambiental, e como levar isso para a cidade”. Entre os palestrantes, estavam Bárbara Barros, da Rede C40, Tainá de Paula, Secretária de Meio Ambiente e Clima do Rio de Janeiro, Paulo Horta, professor da Universidade Federal de Santa Catarina, e Camila Wirsching, diretora executiva da Fundação Projeta Memória.

A conversa foi extremamente enriquecedora, abordando temas interconectados que proporcionaram uma visão holística da crise climática. Este artigo organiza as ideias apresentadas pelos palestrantes, destacando os pontos comuns e aprofundando-se em conceitos-chave, com o objetivo de ajudar o leitor a compreender melhor a complexidade da crise ambiental.

### **Crise Ambiental e Climática: sobre o que estamos falando?**

A crise ambiental é um dos maiores desafios do nosso tempo. Seus efeitos tornam-se evidentes por meio de fenômenos climáticos extremos, como inundações, ondas de calor e frio, poluição do ar e aumento do nível do mar, entre outros. Esses impactos não se restringem ao nível local, afetando o planeta em escala global, colocando em risco tanto a biodiversidade quanto a sobrevivência humana. De acordo com o Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, 2022), se as temperaturas globais continuarem a subir, enfrentaremos um futuro com eventos climáticos mais frequentes e intensos, resultando em deslocamentos forçados em larga escala, perdas de colheitas e crises sanitárias.

O **Acordo de Paris**, adotado em 2015, foi um marco histórico na luta contra as



mudanças climáticas. Assinado por 196 países, o acordo tem como objetivo limitar o aumento da temperatura global a bem abaixo de 2°C, com a meta ideal de 1,5°C em relação aos níveis pré-industriais. Trata-se de um compromisso juridicamente vinculante, que obriga os países signatários a implementar medidas concretas por meio das Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs). Essas contribuições devem ser atualizadas a cada cinco anos, refletindo um nível crescente de ambição na mitigação dos impactos climáticos.

No entanto, como mencionou Tainá de Paula, à medida que nos aproximamos de 2030, fica claro que muitos países e cidades não estão cumprindo seus compromissos climáticos. Essa falta de ação tem retardado os avanços necessários tanto para mitigar o aquecimento global quanto para adaptar-se aos seus efeitos. Esse panorama foi confirmado no primeiro **Global Stocktake**, concluído na COP28 em 2023, que revelou que não estamos no caminho certo para limitar o aquecimento global a 1,5°C. Esse balanço global é uma ferramenta que avalia o progresso coletivo em relação aos objetivos do Acordo de Paris, permitindo que os países ajustem suas políticas e metas. A conclusão foi clara: o mundo não está agindo com rapidez suficiente, e a janela de oportunidade para realizar

mudanças significativas está se fechando rapidamente.

Apesar do diagnóstico preocupante, o Global Stocktake também oferece uma via de esperança. Ele destaca uma série de ações-chave que, se implementadas de forma urgente e coordenada, podem nos recolocar no caminho correto. Entre essas ações, está a necessidade de triplicar a produção de energia renovável e duplicar a eficiência energética até 2030, além de reduzir a dependência de combustíveis fósseis. Essas medidas são cruciais para conter o aquecimento global e mitigar seus efeitos mais devastadores. Além disso, são enfatizadas as ações baseadas na natureza, como a restauração de ecossistemas essenciais, que não só capturam carbono, mas também protegem as comunidades de fenômenos climáticos extremos.

No entanto, a adaptação é igualmente crucial. À medida que os impactos das mudanças climáticas se intensificam, será necessário que os países coordenem esforços em setores críticos, como agricultura, saúde, proteção social e gestão da água. O Acordo de Paris não se limita à mitigação dos efeitos do aquecimento global, mas também busca promover a adaptação, com o objetivo de construir comunidades mais resilientes, capazes de resistir e se recuperar de eventos climáticos extremos.

Apesar de os esforços globais para enfrentar a crise climática ainda não terem atingido os níveis necessários, ainda há tempo para agir. O Global Stocktake oferece uma orientação clara sobre os passos a seguir e destaca a necessidade de acelerar as transições para um modelo de desenvolvimento sustentável. Como mencionou Paulo Horta, somente por meio de ações rápidas e coordenadas poderemos evitar que os impactos das mudanças climáticas se tornem ainda mais devastadores para a humanidade e o planeta.

### A Crise Sanitária e Climática: Lições da Pandemia

A pandemia de Covid-19 não foi apenas uma crise sanitária global, mas também evidenciou as profundas desigualdades que persistem em nossas sociedades. Como destacou Tainá de Paula, a recomendação de “ficar em casa e lavar as mãos” era praticamente impossível para metade dos lares no Brasil, onde uma grande parte da população carecia de acesso a infraestrutura básica, como água potável e sistemas de saneamento. Enquanto uma

parcela privilegiada da sociedade podia se proteger em home office ou em “ilhas de preservação da qualidade de vida”, como Tainá descreveu, a maioria da população teve que continuar utilizando um sistema de transporte público colapsado, em trens e metrô que não apenas não ofereciam condições seguras para evitar o contágio do vírus, mas também exacerbavam a vulnerabilidade de seus usuários.

Esse desequilíbrio entre o centro e a periferia, combinado com a falta de infraestrutura essencial, agravou ainda mais a crise sanitária, evidenciando que o modelo de cidade atual não é nem sustentável nem justo. Tainá questiona a lógica de manter uma cidade do século XXI na qual os residentes das periferias precisam investir entre uma e duas horas em deslocamentos, expondo-se a um sistema de transporte que, além de ineficiente, adoce e coloca as pessoas em situações de extrema vulnerabilidade.

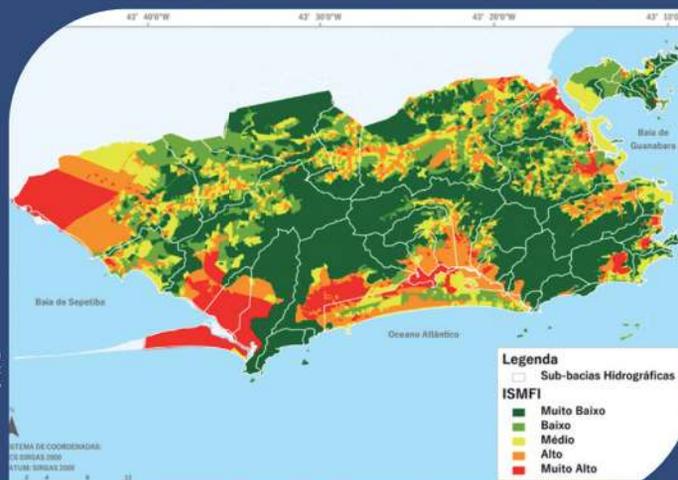
Essas condições não apenas tornaram mais difícil enfrentar a crise sanitária, mas também destacaram a interseção entre

## Panorama Climático

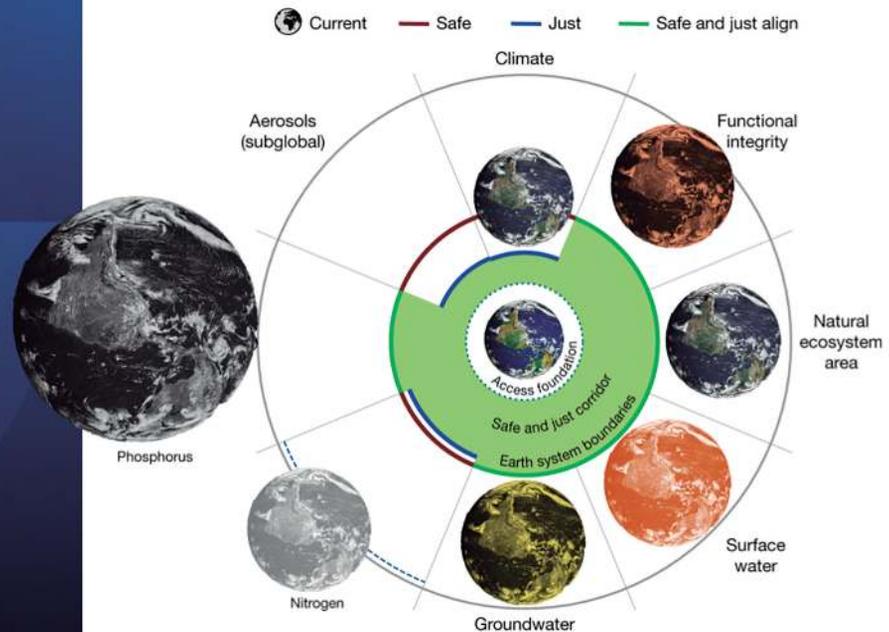
Município do Rio de Janeiro tem 475 mil pessoas vivendo em área de risco de enchentes e alagamentos. (Fonte: Cemaden, fev 2022)

ÍNDICE DE SUSCETIBILIDADE DO MEIO FÍSICO A INUNDAÇÕES (ISMFI)  
ESTRATÉGIA DE ADAPTAÇÃO ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO 2016

SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E CLIMA



## Uma cidade Justa e Segura é possível?



a crise sanitária e a crise climática. No Rio de Janeiro, por exemplo, a população já enfrenta altas taxas de doenças transmitidas pela água, como leptospirose e diarreia, muito mais comuns do que em outras cidades médias da região. Essa realidade revela um mapa claro de vulnerabilidade ambiental e climática, onde a precariedade das infraestruturas expõe grandes setores da população tanto a desastres climáticos quanto a crises sanitárias.

A pandemia também sublinhou a necessidade urgente de refletir sobre a construção de cidades mais resilientes e equitativas, onde a infraestrutura básica e os serviços essenciais estejam disponíveis para todos, independentemente da situação socioeconômica. Esta crise revelou que não podemos enfrentar os desafios das mudanças climáticas sem antes resolver as profundas desigualdades estruturais de nossas cidades.

Essas carências, exacerbadas durante a pandemia, mostraram que grande parte da população não tinha a capacidade de seguir

recomendações básicas de saúde, como lavar as mãos ou ficar em casa, devido à falta de infraestrutura adequada. Isso levou a uma reflexão urgente sobre a necessidade de construir cidades mais resilientes e equitativas, onde a infraestrutura e os serviços essenciais estejam disponíveis para todos, independentemente da situação socioeconômica.

Por fim, Paulo Horta destacou a importância de uma colaboração mais profunda entre a comunidade, a universidade e a sociedade civil para enfrentar não apenas futuras pandemias, mas também os desafios contínuos das mudanças climáticas. Essas crises nos ensinam que as respostas devem ser coordenadas e solidárias, e que apenas por meio da cooperação entre diferentes setores conseguiremos desenvolver soluções eficazes e equitativas para um futuro mais sustentável.

### O Papel das Cidades

Embora as cidades ocupem apenas 2% da superfície terrestre, concentram 50% da população mundial, consomem 78%



da energia e são responsáveis por 60% das emissões de CO<sub>2</sub> (IPCC, 2022). Isso as torna atores fundamentais na luta contra as mudanças climáticas. Na América Latina, onde 80% da população vive em áreas urbanas, as cidades são o cenário crucial para tentar reduzir as emissões. Os governos locais, por estarem mais próximos de seus cidadãos, têm uma responsabilidade especial nessa luta, como menciona Bárbara Barros.

Barros também destaca que, embora a crise climática seja global, seus impactos são sentidos localmente, afetando diretamente a vida urbana. Portanto, as cidades não são apenas epicentros dos efeitos das mudanças climáticas, mas também os locais mais estratégicos para implementar soluções de mitigação e adaptação.

Iniciativas como a da **rede C40** lançaram programas como o "Bairros Saudáveis", que visam desenvolver áreas urbanas onde tudo o que é necessário esteja a uma distância de 15 minutos a pé ou de bicicleta. Esse conceito, conhecido como a "cidade dos 15 minutos", aborda dois imperativos chave para a ação climática em nível local: reduzir as emissões e melhorar a qualidade de vida das comunidades.

Um bairro de baixas emissões projeta seus edifícios, transporte, energia e sistemas de resíduos de maneira a minimizar sua pegada de carbono. Além disso, promove iniciativas que reduzem as emissões associadas aos produtos e serviços consumidos pelos seus residentes. Esse enfoque não só diminui as emissões diretas, mas também incentiva práticas sustentáveis entre a população.

Os bairros de baixas emissões não só buscam reduzir o impacto ambiental, mas também melhorar a qualidade de vida de seus habitantes. Eles permitem que os residentes se adaptem e prosperem diante dos desafios climáticos, garantindo acesso equitativo a serviços, educação e emprego. Espaços urbanos vibrantes, seguros e acessíveis promovem a saúde e o bem-estar, que são essenciais para a resiliência frente à crise climática.

O conceito da "cidade dos 15 minutos" promove exatamente esse estilo de vida de baixa emissão, permitindo que os cidadãos satisfaçam a maioria de suas necessidades em trajetos curtos, reduzindo viagens desnecessárias e criando uma comunidade mais conectada e sustentável. Esse modelo visa uma cidade onde todos possam acessar serviços essenciais, como saúde, educação e comércio, a uma distância de 15 minutos a pé ou de bicicleta. Assim, as cidades se transformam em espaços habitáveis, verdes e conectados, com bairros completos e prósperos que incentivam um estilo de

vida de baixo carbono. Além de diminuir a dependência do transporte motorizado, essa estrutura urbana melhora a saúde pública, reduz as emissões e promove a coesão social ao fortalecer os vínculos comunitários.

Tainá de Paula fala sobre o programa **"Favela Bairro"**, que tem como objetivo melhorar a qualidade de vida nas favelas, regularizar a posse da terra pelos seus habitantes, promover a continuidade da trama urbana nesses bairros, melhorar a conectividade, fornecer equipamentos e assegurar a provisão de serviços básicos para a população dos assentamentos informais.

Dado o contexto atual de mudanças climáticas, urbanização crescente, esgotamento de recursos naturais e poluição generalizada, esse modelo não é apenas uma solução ambiental, mas também uma estratégia para proteger a saúde e o bem-estar dos cidadãos. Bárbara Barros

apresentou exemplos de como as cidades estão implementando soluções inovadoras para melhorar a saúde urbana. No Rio de Janeiro, por exemplo, foi instalado um sistema de previsão de eventos climáticos e sirenes para salvar vidas em caso de desastres. Além disso, foram criados corredores verdes que conseguiram reduzir a temperatura em até 2°C em áreas urbanas com pouca vegetação. Em São Paulo, a instalação de jardins de chuva tem contribuído para a redução das inundações, enquanto a cidade de Bogotá está estudando a implementação de uma zona de baixas emissões, apoiada por um sistema de monitoramento da qualidade do ar.

Esses exemplos mostram que as cidades podem liderar a mudança por meio da implementação de infraestrutura verde, como hortas urbanas e corredores verdes, que não apenas melhoram a qualidade de vida, mas também tornam as cidades mais resilientes frente aos desafios das mudanças climáticas.

## Quais são exemplos de ações climáticas das Cidades C40 na América Latina?

Rio de Janeiro



Sistemas de previsão dos eventos climáticos e sistema de sirenes

Medellin



Corredores Verdes para mitigar o fenômeno de ilha de calor urbano

Bogotá



Implementação de Zonas de Baixa Emissão e transporte ativo para melhorar a qualidade do ar

São Paulo



Jardins de chuva para reduzir alagamentos

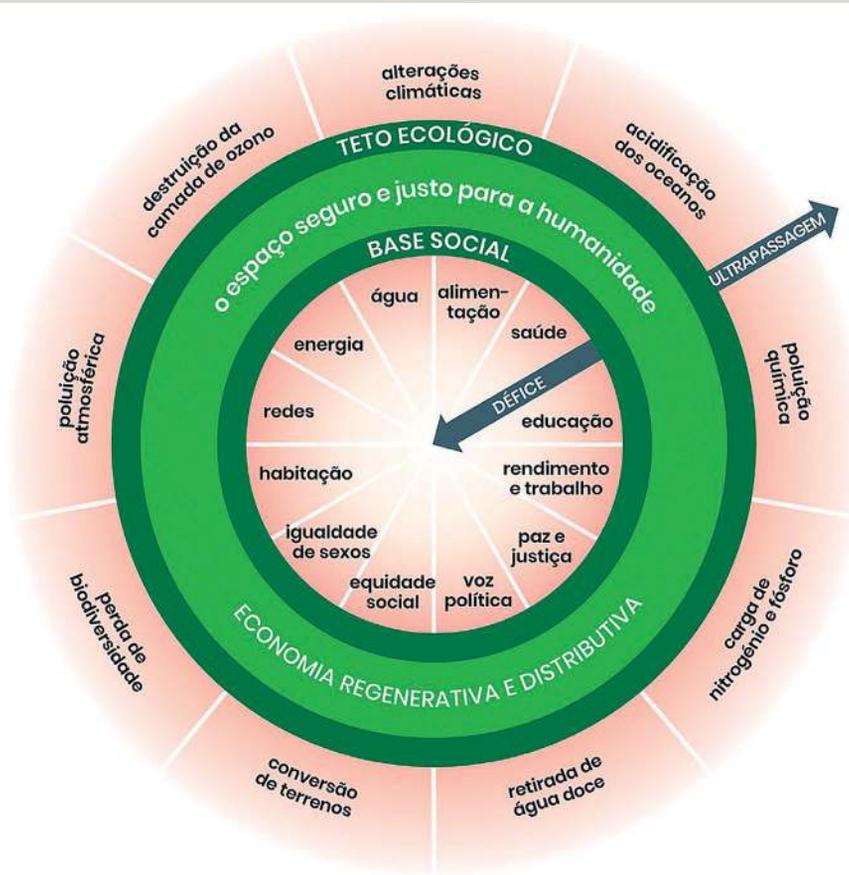
Tainá de Paula acrescentou que, embora tenhamos a capacidade de realizar ações significativas em prol do meio ambiente, como reflorestar 40 hectares em apenas um ano ou ter mil coletores em rios diariamente, a velocidade da crise climática superou nossa capacidade de resposta. Ela destacou que, embora contemos com os recursos e a vontade para agir, é essencial aprofundar a sensibilização das pessoas e acelerar a adoção de medidas, pois os desafios atuais exigem soluções rápidas e eficazes.

### As Pessoas e a Esperança

Apesar da magnitude dos desafios que enfrentamos, a mesa também foi um espaço de esperança e apresentação de soluções inovadoras para enfrentar a crise climática. Paulo mencionou o modelo econômico do "Donut", desenvolvido pela economista Kate Raworth. Esse modelo sugere uma abordagem econômica que respeite os limites planetários enquanto garante que

todas as pessoas tenham o necessário para viver dignamente.

A **Economia Donut** é uma metáfora visual que propõe uma mudança radical na nossa compreensão do crescimento econômico. No centro do donut estão as condições sociais mínimas necessárias para uma vida digna, como alimentação, água, educação e habitação. O anel exterior representa os limites ecológicos da Terra, incluindo mudanças climáticas, perda de biodiversidade e poluição. A teoria sugere que o desafio é encontrar um espaço seguro e justo para a humanidade: viver dentro desse "anel", sem cair em déficits sociais nem ultrapassar os limites ecológicos. Esse enfoque busca uma economia regenerativa e distributiva, em vez de uma baseada no crescimento infinito, que frequentemente ignora tanto o bem-estar humano quanto o ambiental.



O próprio Paulo, ao final da mesa, mencionou o conceito de **Bem Viver**, uma filosofia originária dos povos andinos, que se alinha com essa visão de equilíbrio. Inspirado em conceitos como o Sumak Kawsay dos quechuas e o Suma Qamaña dos aymaras, o Bem Viver rejeita o modelo de desenvolvimento extrativista predominante na modernidade. Esse enfoque promove uma vida em harmonia com a natureza, priorizando o bem-estar coletivo sobre a acumulação individual de riqueza. O Bem Viver entende o bem-estar não apenas em termos materiais, mas também na qualidade das relações sociais e na conexão com a natureza.

Segundo Eduardo Gudynas, o Bem Viver não pode ser reduzido a um simples "bem-estar ocidental"; trata-se de uma categoria em constante construção que incorpora valores éticos e espirituais, reconhecendo a importância da Pachamama (mãe natureza). Esse enfoque considera que o bem-estar da humanidade está intrinsecamente ligado ao bem-estar do planeta, o que ressoa com a visão da Economia Donut. Essa mudança de paradigma é essencial para construir uma sociedade mais justa e equitativa, onde o progresso humano não seja alcançado às custas do meio ambiente.

O otimismo também se concentra nas novas gerações, que desempenham um papel fundamental nessa mudança. Armadas com uma consciência ambiental muito mais forte do que as anteriores, essas gerações estão liderando a transição para economias regenerativas e estilos de vida sustentáveis. Tainá de Paula destacou que os jovens estão mais dispostos a adotar e promover estilos de vida sustentáveis e a exigir mudanças reais dos líderes políticos e empresariais. Esse impulso juvenil é crucial para acelerar as transições necessárias para uma economia mais justa e sustentável.



Camila Wirsching enfatizou a **importância da memória como ferramenta para a resiliência**, argumentando que a memória coletiva é fundamental para preparar as comunidades para enfrentar futuros desafios climáticos. Segundo Wirsching, "a memória salva vidas", referindo-se à forma como as lições de desastres passados podem ser essenciais para enfrentar crises futuras. Ela também observou que os desastres tendem a gerar "memórias desconfortáveis" associadas ao sofrimento e à perda, o que muitas vezes leva à amnésia coletiva, impedindo que se aprenda o necessário para prevenir eventos semelhantes no futuro. Esse ponto é especialmente relevante no contexto da crise climática, onde as comunidades vulneráveis precisam recordar e aprender a prevenir e gerenciar futuros desastres.



Paulo Horta encerrou a conversa com **um apelo à ação coletiva**, enfatizando que, para enfrentar esses desafios globais, é essencial trabalhar juntos e construir coesão social. Destacou a necessidade de sociedades justas, saudáveis, e equilibradas tanto ecológica quanto socialmente, onde o bem-estar humano esteja entrelaçado com o da natureza. "Podemos produzir economias prósperas", mencionou Horta, "mas para isso precisamos de integração". A integração dos diferentes atores sociais, desde os governos até a cidadania, é crucial para criar um futuro onde o crescimento econômico esteja alinhado com a justiça social e ambiental.

A mensagem final foi clara: a luta contra a crise climática não é apenas uma questão técnica ou econômica, mas também um processo de transformação social que requer o esforço de todos nós. Como expressou Paulo: "Trabalhemos juntos para que as próximas gerações possam se orgulhar das mudanças que conseguimos alcançar."

## Referências

CONVENCIÓN MARCO DE LAS NACIONES UNIDAS SOBRE EL CAMBIO CLIMÁTICO (CMNUCC). **Acuerdo de París**. Naciones Unidas, 2015. Disponível em: [https://unfccc.int/files/essential\\_background/convention/application/pdf/spanish\\_paris\\_agreement.pdf](https://unfccc.int/files/essential_background/convention/application/pdf/spanish_paris_agreement.pdf).

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). **Climate change 2021: The physical science basis**. 2021. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/>.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). **Climate change 2022: Impacts, adaptation, and vulnerability**. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Editado por H.-O. Pörtner, D.C. Roberts, M. Tignor, E.S. Poloczanska, K. Mintenbeck, A. Alegría, M. Craig, S. Langsdorf, S. Löschke, V. Möller, A. Okem e B. Rama. Cambridge University Press, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/9781009325844>.

GUDYNAS, Eduardo. Buen Vivir o Vivir Bien: germinando alternativas al desarrollo. **América Latina en Movimiento**, ALAI, n. 462, p. 1-20, 2011.

RAWORTH, Kate. **Doughnut economics**: seven ways to think like a 21st-century economist. Chelsea Green Publishing, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.33568/rbs.2409>.

UNFCCC. Conference of the Parties serving as the meeting of the Parties to the Paris Agreement (CMA). Informe de la Conferencia de las Partes en calidad de reunión de las Partes en el Acuerdo de París sobre su quinto período de sesiones, celebrado en los Emiratos Árabes Unidos del 30 de noviembre al 13 de diciembre de 2023. Adición. Segunda parte: Medidas adoptadas por la Conferencia de las Partes en calidad de reunión de las Partes en el Acuerdo de París en su quinto período de sesiones (FCCC/PA/CMA/2023/16/Add.1). Naciones Unidas, 2024.

---

<sup>1</sup>Bióloga e doutoranda em Ciências Ambientais e Conservação, trabalha com desenvolvimento sustentável e pós-desenvolvimento

<sup>2</sup>Especialista em financiamento climático e gerente sênior do programa de financiamento para cidades do C40, focado na adaptação climática.

<sup>3</sup>Arquiteta, urbanista e ativista pela luta urbana e vereadora pelo Partido dos Trabalhadores.

<sup>4</sup>Biólogo especializado em ecologia marinha aplicada, trabalha com soluções para a crise ambiental e climática.

<sup>5</sup>Arquiteta com mestrado em regeneração urbana, atua na educação sobre desastres socioambientais.



# GOVERNANÇA

## Carolina Tarrío

A palavra "governança", assim como "governo", vem do grego (kubérnao) e significa direção. Trata-se de estabelecer formas para diagnosticar, planejar, liderar e monitorar a gestão, dando-lhe uma direção. No caso de um órgão público, essa direção deve atender aos interesses da sociedade.

Isso levanta alguns questionamentos: seria possível direcionar a gestão para atender aos interesses da sociedade sem ouvir as pessoas, entender seus problemas e necessidades? E mais: como incluir, nessa escuta, aqueles que não estão formalmente representados, como bebês e crianças? Como garantir que essa escuta seja genuína, ampla e convidativa, e não apenas um simulacro? Como gerar, a partir do que foi ouvido, caminhos inovadores para implementar políticas públicas duradouras?

A mesa sobre governança, ocorrida no Insurgências, trouxe convidados que trabalham em iniciativas de diferentes países e contextos. Eles apresentaram exemplos de projetos em que atuam, tentando responder a essas perguntas.

A mesa foi composta pela jornalista Carolina Tarrío<sup>1</sup>, moderadora da mesa e uma das fundadoras do Movimento Boa Praça; Ana Velazquez Paredes<sup>2</sup>, responsável pelo Departamento de Estudos e Projetos da Secretaria de Planejamento da Prefeitura de Valdivia, no Chile; Karina Tollara<sup>3</sup>,

consultora de monitoramento e avaliação para a Fundação Van Leer no Brasil; Ernesto Figueroa<sup>4</sup>, diretor provincial de gestão estratégica do Ministério da Cidadania e coordenador do NQNLAB, Laboratório de Inovação Pública do governo de Neuquén, na Argentina.

O painel começou com Ana Velazquez Paredes, da Secretaria de Planejamento da Prefeitura de Valdivia, no Chile. Ela explicou como foi elaborado um Plano de Mobilidade Sustentável para a cidade, por meio da criação de uma "mesa de mobilidade" com articulação entre instituições públicas, privadas e sociais. O estabelecimento de acordos e entendimentos entre esses atores permitiu chegar a uma governança eficaz e criar um monitoramento efetivo das ações propostas.

"Valdivia é uma cidade pequena, localizada no sul do Chile, com aproximadamente 1000 km<sup>2</sup> e uma população de 170 mil habitantes. Tem o único rio navegável do país e vários lagos e parques protegidos", contou Ana. "Mas, assim como muitas cidades da América Latina e do mundo, seu desenvolvimento foi orientado pelo automóvel, o que trouxe conflitos e problemas." Dados mostram que 48% das viagens em Valdivia são realizadas com transporte motorizado privado e que 36% das emissões de gases de efeito estufa provêm desse tipo de transporte. Pior ainda: o número de veículos só cresce.



O desafio era diminuir as desigualdades sociais resultantes desse planejamento baseado em transporte motorizado privado e melhorar os índices de sustentabilidade, potencializando a participação cidadã e a articulação intersetorial. "Queríamos sonhar Valdivia como uma cidade compacta, intermodal, inclusiva, segura, amigável e sustentável", diz Ana. O primeiro passo foi convocar a "mesa de mobilidade", uma instância de trabalho informativa composta

por representantes de organizações da sociedade civil, instituições públicas e privadas. Em sessões periódicas, essas partes apoiaram o desenvolvimento e a validação do plano, que ainda está sendo implementado.

A mesa conta com 47 participantes, incluindo membros do Ministério de Habitação e Urbanismo, do Ministério dos Transportes, do Governo Regional e organizações da sociedade civil e empresas privadas de transporte. Esse conjunto intersetorial definiu os principais objetivos, iniciativas e o cronograma de implementação do plano.

"A mesa visava potencializar a mobilidade urbana sustentável, desincentivar o uso de veículos motorizados, fortalecer a educação vial, incorporar soluções inclusivas, melhorar a conectividade e articular as ações do plano com outros instrumentos de planejamento urbano local", explica Ana. Essas definições foram traduzidas em 42 iniciativas, incluindo planejamento de infraestrutura, campanhas de orientação e divulgação das ações.

A implementação envolveu acordos entre instituições públicas, como prefeitura e ministérios, para reconhecer e financiar projetos do plano, além de colaboração de organizações e fundações locais.



O financiamento foi compartilhado entre esferas nacional, estadual, municipal e ONGs, com metas claras, como aumentar a infraestrutura para melhorar a convivência vial, elevar o número de viagens a pé, de bicicleta e em transportes públicos, e reduzir as viagens de veículos motorizados privados. Até a apresentação no Fórum, 45% das iniciativas estavam em desenvolvimento.

Isso incluiu o desenho de ciclovias, rotas para caminhada, obras para melhorar o transporte público e reordenamento das calçadas, além de intervenções táticas para testar soluções e campanhas de incentivo à mobilidade sustentável.

A mesa de mobilidade continua trabalhando em sessões trimestrais para revisar os avanços e participar ativamente do desenvolvimento das iniciativas. “É preciso abrir espaços para identificar os atores presentes no território, que podem contribuir com diferentes perspectivas. Há as organizações comunitárias, que estão na ponta tentando resolver problemas cotidianos, e os técnicos. O que garantiu uma boa governança e trouxe eficácia, no caso de Valdívia, foi fazer essa costura intersetorial e incluir diferentes atores na implementação do plano”, diz Ana.

Chamar as partes interessadas para gerar informação, diagnósticos e planejamento, articular diferentes instâncias governamentais, testar e monitorar soluções ouvindo os vários atores e implementá-las conjuntamente mostrou-se um bom modelo. Mas como incluir a perspectiva de atores sociais não representados em entidades de classe, ONGs ou associações? Como incluir, por exemplo, as necessidades de bebês, crianças pequenas e seus cuidadores no planejamento urbano e nas políticas públicas? Quem pode advogar pela chamada primeira infância de maneira eficaz?

A segunda apresentação foi feita por Karina Tollara, consultora na Fundação Van Leer. Ela trouxe esclarecimentos sobre esse tema. “O planejamento urbano não é normalmente pensado para crianças, mas incluir a perspectiva da primeira infância torna os espaços mais acolhedores e melhores não apenas para esse público, mas também para outros grupos invisibilizados, como os idosos, melhorando o ambiente para todos”, diz Karina. A Fundação Van Leer atua no Brasil promovendo os direitos da primeira infância e seu desenvolvimento integral por meio do programa Urban 95, atualmente em 27 municípios. O número 95 remete à altura média de uma criança de 3 anos, e o programa busca trazer a visão desse grupo social, seus tempos e necessidades, tanto para o planejamento urbano quanto para uma série de serviços públicos.

Como assegurar a continuidade quando há mudança de governo? Garantir os direitos das crianças e seu desenvolvimento integral, com prioridade absoluta como demanda a Constituição Federal brasileira, envolve vários setores. “Muita gente associa a primeira infância à saúde e educação, mas estamos falando também de promoção social, urbanismo, meio ambiente, mobilidade e cultura. Trabalhar a governança é fundamental para promover a articulação e coordenação intersetorial, algo que não está garantido no poder público. Institucionalizar uma agenda dentro de um governo e fazê-la ser disseminada em diferentes setores não é simples”, diz Karina.

Saúde e educação atuam fortemente com a primeira infância, mas setores como urbanismo e meio ambiente podem não enxergar seu impacto, por exemplo, como o acesso a áreas verdes influencia o bem-estar e a saúde durante a gestação e os primeiros anos de vida. Dar visibilidade a essas interações é tão importante quanto promover a articulação entre setores. Outro



Bernard  
van Leer  
FOUNDATION

## Atuação no Brasil

Desde 1970, por meio de **parcerias estratégicas** com órgãos públicos, privados e da sociedade civil, com a finalidade de promover o desenvolvimento integral na **primeira infância**



ponto crucial é garantir a sustentabilidade das políticas ao longo do tempo. "Estamos falando do setor público, onde os programas são geralmente suscetíveis às mudanças de governo, o que frequentemente provoca descontinuidade quando mudam a gestão e as equipes de liderança. Promover uma estrutura de governança para uma política pública é fundamental para assegurar sua manutenção."

Karina recomenda como o primeiro passo ampliar o conhecimento dos municípios, gestores e técnicos sobre a pauta. No caso da primeira infância, por exemplo, explicar o impacto da qualidade de vida nos primeiros anos de vida no desenvolvimento futuro e como investimentos nessa fase podem transformar indicadores como escolaridade, doenças crônicas e violência. "Isso fomenta o reconhecimento da importância dessa pauta e incentiva o apoio político e o engajamento dos técnicos", diz. A Fundação Van Leer dissemina boas práticas de governança, divulgando exemplos de municípios no Brasil e no mundo que implementaram estruturas de governança com resultados positivos, para inspirar e orientar equipes e gestores.

Karina também aponta a necessidade de estabelecer indicadores para entender se uma política está se consolidando e se tornará sustentável ao longo do tempo. Para isso, os comitês gestores intersetoriais coordenam e monitoram as políticas em conjunto. "Trabalhar com monitoramento e avaliação é importante para escalar as políticas e estabelecer pilotos em algumas regiões para testar e ouvir as pessoas após uma primeira implementação. Isso cria uma base comum que pode ser aprimorada com as particularidades de cada local", explica.

No caso da primeira infância, Karina recomenda a adoção de um Plano Municipal pela Primeira Infância, semelhante a um plano de mobilidade, que estabelece um planejamento estratégico de longo prazo e metas claras. "É essencial ter um arcabouço jurídico com leis e decretos que definam as competências de cada ator e uma previsão orçamentária específica para a pauta e metas desejadas", diz. Além disso, um sistema de monitoramento e avaliação da política e mecanismos de controle social, como comitês e conselhos com participação da sociedade civil, garantem uma boa

aplicação das políticas e revisão da eficácia da governança estabelecida.

Mas será que comitês e conselhos são a maneira mais eficaz de assegurar participação? O terceiro convidado do painel, Ernesto Figueroa, do Laboratório de Inovação Pública do governo de Neuquén, na Argentina, trouxe ideias sobre isso. "Eu sou advogado e faço parte de um governo, mas não sou uma pessoa ruim, queria deixar isso claro já de início", disse, bem humorado.

Ernesto acredita que é impossível implementar uma política pública sem conhecer as pessoas da comunidade. "O que significa participação cidadã? É simplesmente adicionar mais pessoas? A pandemia mostrou que a colaboração é um imperativo ético do presente. A vacina só foi possível porque Oriente e Ocidente, universidades privadas e públicas se uniram pelo bem comum", diz. "Na América Latina, temos muitos problemas. Quando falamos de governos inteligentes ou abertos, falamos de governos que melhoram a qualidade de sua relação com os outros. Esse espaço de participação e inteligência coletiva precisa ser aberto por necessidade e imperativo ético, não por filantropia."

E como levantar ideias junto a uma comunidade? Muitos governos fazem consultas para confirmar o que já sabem, realizando simulacros de escuta apenas para justificar a participação. "Queremos descobrir o que não conhecemos como governo, abrir um espaço de inteligência coletiva. Não se pode copiar e colar soluções; cada comunidade tem suas singularidades, tradições e histórias", explica Ernesto.

Ele observa que as gestões costumam saber onde estão os atores relevantes, como igrejas, espaços públicos e clubes, mas as reuniões são frequentemente realizadas em horários e locais que não

atraem a participação da comunidade. "Não é que as pessoas não participem ou não tenham vocação democrática; o problema está no dispositivo de convocação", diz ironicamente Ernesto. "Além da democracia representativa e participativa, o Estado deve procurar aqueles que não participam mais, que não acreditam ou que estão no centro dos problemas."

O desafio é construir uma grande cúpula cidadã, como fez Madrid com o G1000. O governo de Neuquén convocou 500 cidadãos para formar um fórum que decidiu sobre a destinação de uma área de 900 hectares na cidade. A seleção dos participantes incluiu membros de organizações da sociedade civil, ambientalistas, ativistas e mulheres, e o processo de escuta ativa envolveu um amplo chamado na mídia. A partir da formação dessa cúpula cidadã, foi criada uma incubadora de projetos com o Colégio de Arquitetos, organizações sociais, universidades e técnicos do governo. "Houve participação porque houve gente, abertura e diversidade na convocatória. Isso resultou em inovação e incidência", explica Ernesto.

A experiência da cúpula cidadã em Neuquén gerou muitas ideias e criou um plano para transformar os 900 hectares restantes da cidade em uma área de convivência. "Hoje, esse parque existe, apesar dos interesses contrários. Criamos algoritmos sociais para errar menos e muitas possibilidades para acertar, e essa foi uma das estratégias que nos permitiu construir o mapa da cúpula cidadã", conta Ernesto. "Como Tarso Genro e Olívio Dutra nos ensinaram em Porto Alegre: é importante a consolidação democrática da obra. Todos que participaram do processo são hoje os guardiões e cuidadores desse espaço público."

Para Ernesto, diante da complexidade da realidade atual, pensar que um governo pode encontrar soluções simples sozinho

é absurdo. "Devemos sempre focar na cidadania para lidar com a complexidade, diversidade e desafios. No governo e na sociedade civil, o importante são sempre as pessoas."

---

<sup>1</sup>Jornalista com mestrado pela Universidade de Navarra, Espanha, e uma das fundadoras do Movimento Boa Praça, que desde 2008 trabalha para revitalizar e criar melhores espaços públicos em São Paulo, Brasil.

<sup>2</sup>Arquiteta com experiência em planejamento e projeto urbano focado na melhoria do espaço público e mobilidade sustentável.

<sup>3</sup>Socióloga com graduação e mestrado pela Universidade Livre de Berlim, Alemanha, que atua nas áreas de desenvolvimento social e gestão de projetos e políticas públicas, com ênfase na promoção dos direitos da infância.

<sup>4</sup>Facilitador, oficinairo, professor universitário e advogado.



# PACTO PARA OS ESPAÇOS PÚBLICOS

**Mariana Alegre**

## Um instrumento insurgente de acompanhamento e gestão para a América Latina

Este artigo apresenta os principais pontos discutidos durante a mesa "Pacto para os Espaços Públicos", moderada por Mariana Alegre, diretora executiva e fundadora do Sistema Urbano<sup>1</sup>. Participaram da mesa Emil Rodriguez Garabot<sup>2</sup>, diretor de Habitação e Mobilidade Sustentável no CAF, Banco de Desenvolvimento da América Latina e do Caribe; Maria Fernanda Pineda<sup>3</sup>, da Fundação Avina; José Chong<sup>4</sup>, coordenador do Programa Global de Espaços Públicos na ONU-Habitat; e Sindy González<sup>5</sup>, especialista em investimento social na primeira infância na Fundação FEMSA.

Atualmente, os espaços públicos desempenham um papel fundamental na criação de cidades mais inclusivas, sustentáveis e resilientes. A transformação desses espaços não apenas melhora a qualidade de vida dos habitantes, mas também promove a coesão social, a justiça espacial e a saúde pública. Nesse contexto, iniciativas como o Pacto para os Espaços Públicos, impulsionado pelo Ocupa Tu Calle, tornaram-se referências importantes para a inovação urbana na América Latina.

### 1. O Pacto para os Espaços Públicos: Um Instrumento de Transformação Urbana

O Pacto para os Espaços Públicos surgiu no Peru como uma resposta à necessidade de promover diretrizes transversais para simplificar e melhorar os

processos de desenvolvimento e gestão dos espaços públicos pelos governos locais. Anteriormente, uma das principais dificuldades era a negociação individual com cada governo local, um processo que se mostrava trabalhoso e custoso em termos de tempo e recursos. Este instrumento foi concebido para facilitar a colaboração entre municípios e fomentar a criação de uma rede mais ampla de atores interessados e pontos focais dentro do setor público, que compartilham o compromisso de melhorar suas cidades e territórios, superando assim as barreiras iniciais.

Os eixos temáticos do Pacto abordam aspectos cruciais para a criação de cidades mais inclusivas, sustentáveis, caminháveis e resilientes. Estes são:

**Meio Ambiente e Saúde Pública:** Este eixo promove a gestão de resíduos, a criação de espaços verdes como jardins e hortas urbanas, e a melhoria da qualidade do ar. Esses elementos são essenciais para promover a saúde pública e um ambiente urbano saudável.

**Inclusão e Cultura:** Este eixo foca na atenção às populações vulneráveis e em como as prefeituras podem responder a desafios sociais, como a migração e a atenção à primeira infância, promovendo a inclusão social no projeto dos espaços públicos.



**Mobilidade Sustentável:** Este eixo promove a mobilidade sustentável, a caminhada segura e a promoção de modos de transporte que atendam às necessidades de mobilidade dos usuários mais vulneráveis das vias.

**Infraestrutura de Bairro:** Este eixo enfatiza a melhoria do equipamento e do projeto urbano como ferramentas para facilitar a participação cidadã e melhorar a qualidade de vida.

## 2. Exemplos de Transformação: Impacto Real nas Comunidades Locais

O sucesso do Pacto para os Espaços Públicos é evidente nas diversas intervenções urbanas realizadas em diferentes cidades do Peru. Alguns exemplos notáveis incluem:

**Piura:** Um terreno baldio foi transformado em um espaço seguro e projetado especialmente para a infância, tornando-se um local de recreação e lazer para os mais jovens.

**Jaén:** Uma pequena rua, anteriormente sem atributos notáveis, foi convertida em uma área dedicada às crianças, melhorando significativamente o ambiente urbano e proporcionando um espaço seguro e acolhedor para jogos infantis.

**Barranco:** Um espaço vazio em frente a uma escola foi transformado em uma área verde com atividades e brinquedos, criando um ambiente seguro e vibrante para a entrada e saída das crianças.

Esses exemplos destacam como a intervenção em espaços públicos pode ter um impacto profundo na vida cotidiana das comunidades, promovendo um ambiente urbano mais seguro e saudável para todos.

## 3. O Desenvolvimento do Projeto: Desafios e Adaptações

Desde seu lançamento em 2019, o Pacto para os Espaços Públicos enfrentou diversos desafios, especialmente durante a pandemia de Covid-19. Em 2020, a pandemia gerou a necessidade de adaptar as diretrizes do Pacto para incorporar, prioritariamente, características que contribuam para melhorar a saúde mental, considerando o período de isolamento.

Desde sua criação, o crescimento do projeto tem sido notável. Em 2022, o número de municípios registrados aumentou significativamente, com 45 governos locais de 13 regiões do Peru participando ativamente. Esse crescimento reflete a confiança e a relação estabelecida entre os governos locais e a equipe do Ocupa Tu Calle, que tem sido crucial para o sucesso do projeto.



## Parque Infantil Ignacio Merino - Piura

### 4. Capacitação e Boas Práticas: Construindo um Modelo Reprodutível

A capacitação e a promoção de boas práticas têm sido pilares fundamentais na expansão do Pacto para os Espaços Públicos. Até o momento, 252 funcionários municipais foram capacitados por meio de nove processos de formação, e 19 especialistas ou organizações colaboraram na articulação de diferentes atores. Os espaços de socialização de experiências permitiram que esses profissionais aprendessem mutuamente sobre as estratégias implementadas em seus governos locais. Essas ações possibilitaram a identificação e o compartilhamento de 11 boas práticas, apresentadas em diversos eventos, incluindo festivais em Lima e nas redes sociais.

A implementação de atividades em espaços públicos, como concursos e projetos focados na primeira infância, tem se mostrado ferramentas eficazes para envolver os governos locais e fomentar a participação cidadã.

### 5. Projeções Futuras: Rumo a um Modelo Regional

O futuro do Pacto para os Espaços Públicos é promissor, com planos de expansão e adaptação a nível regional. A colaboração regional é essencial para esse processo, e 45 prefeitos já manifestaram seu compromisso com o projeto. Aliados como a Fundação Avina e a ONU Habitat estão apoiando a expansão do Ocupa Tu Calle na América Latina, com a visão de criar um modelo regional que articule processos comuns, como capacitação, visibilidade e impulso de políticas públicas adaptadas a contextos locais específicos.

O Pacto para os Espaços Públicos representa uma insurgência urbana que está redefinindo como concebemos e gerenciamos os espaços públicos na América Latina. Por meio de colaboração, inovação e compromisso com a inclusão e sustentabilidade, essa iniciativa está transformando não apenas as cidades peruanas, mas também a vida de seus habitantes. A expansão regional do Pacto

promete levar esse sucesso a um nível ainda maior, tornando-se um modelo de referência para o desenvolvimento urbano em todo o mundo.

## 6. Reflexões dos Participantes: Enfoques e Perspectivas

As principais reflexões dos participantes da mesa destacam que o Pacto para os Espaços Públicos se apresenta como um instrumento crucial para motivar compromissos globais, sendo essencial a adaptação e replicabilidade em cada cidade. Entre os principais aportes estão:

### José Chong: A Experiência da ONU Habitat em Espaços Públicos

José Chong compartilhou valiosas perspectivas sobre a importância e o impacto do Pacto para os Espaços Públicos. Desde 2011, a ONU Habitat tem trabalhado intensamente na área de espaços públicos, estabelecendo um programa dedicado a criar normativas, vincular instituições e desenvolver modelos inovadores.

Chong destacou que o Pacto para os Espaços

Públicos pode desempenhar um papel crucial na personalização de mandatos globais e na melhoria das capacidades locais. Em um contexto onde as cidades enfrentam desafios comuns, a possibilidade de escalar soluções bem-sucedidas e adaptá-las a diferentes contextos urbanos é fundamental. Além disso, ele enfatizou que a aprendizagem transversal entre os atores e o financiamento são elementos essenciais para o sucesso do Pacto.

A visão futura da ONU Habitat inclui a consolidação do Pacto na América Latina, como objetivo de expandi-lo eventualmente para um nível global. Essa expansão permitirá construir um conhecimento em rede que melhore a qualidade de vida urbana por meio da gestão eficaz e equitativa dos espaços públicos. Chong sublinhou a importância de construir cidades com espaços públicos que promovam a inclusão, a saúde e a resiliência.

### María Fernanda Pineda: Fundação Avina e a Promoção de Cidades Sustentáveis

María Fernanda Pineda explicou que sua organização latino-americana



promove mudanças sistêmicas para alcançar o desenvolvimento sustentável, concentrando-se em três eixos principais: inovação democrática, economia justa e regenerativa, e ação climática. Dentro desses eixos, a Fundação Avina gerencia programas que buscam replicar o sucesso de projetos como o Ocupa Tu Calle para melhorar a qualidade de vida e o meio ambiente em outras regiões da América Latina.

Pineda destacou que o projeto Ocupa Tu Calle teve um impacto significativo no Peru. Esse sucesso demonstrou que, com um investimento relativamente pequeno, mas bem direcionado, é possível gerar transformações urbanas profundas e sustentáveis.

A experiência no Peru, segundo Pineda, começou com uma intervenção urbana inovadora financiada durante a COP-20 em Lima, que levou à criação de espaços públicos que não apenas melhoraram o ambiente urbano, mas também promoveram a participação cidadã e a coesão social. A Fundação Avina vê no Pacto para os Espaços Públicos uma oportunidade para continuar colaborando e expandindo seu impacto em toda a região, com foco na replicação de boas práticas e na adaptação a diferentes contextos locais.

### **Sindy González: Fundación FEMSA**

Sindy González apresentou a missão e as atividades de sua organização. A Fundação FEMSA se concentra em quatro causas principais: água, economia circular, arte e primeira infância.

No que se refere à primeira infância, uma etapa crucial para o desenvolvimento humano, a FEMSA atua através de três plataformas principais. A primeira, a Plataforma de Cuidado, coloca a criança no centro, garantindo saúde, nutrição,

atenção e oportunidades de aprendizado. A segunda, a Plataforma de Espaços Públicos Amigáveis com a Primeira Infância, colabora com Urban 95 e a Fundação Bernard Van Leer em vários países da América Latina para desenvolver espaços públicos adequados para a infância e projetos de urbanismo tático. A terceira plataforma foca na capacitação e educação, oferecendo cursos em parceria com o Tecnológico de Monterrey para formar líderes no campo da primeira infância e do design urbano.

González sublinhou a importância de alinhar esforços e colaborar no Pacto para os Espaços Públicos, aproveitando o aprendizado existente em outras cidades e trabalhando com autoridades locais para garantir a continuidade e a manutenção dos projetos, especialmente aqueles que promovem o cuidado e a criação de ambientes mais seguros para crianças e para a primeira infância.

### **Emil Rodríguez: A Visão do CAF para um Desenvolvimento Urbano Sustentável**

Emil Rodríguez ofereceu uma perspectiva única sobre o papel das instituições financeiras na promoção de cidades sustentáveis. Rodríguez iniciou sua reflexão sobre o papel de um banco de desenvolvimento em projetos comunitários e como o CAF está em processo de se tornar o Banco Verde da América Latina, com foco na justiça espacial, na visão ecossistêmica e na coesão territorial.

No CAF, busca-se transformar a visão do desenvolvimento urbano na região, promovendo a sustentabilidade através da cooperação Sul-Sul e da colaboração entre setores. Rodríguez enfatizou que o Pacto para os Espaços Públicos reflete esses valores compartilhados e que sua escalabilidade depende da capacidade dos governos locais para aprender com boas

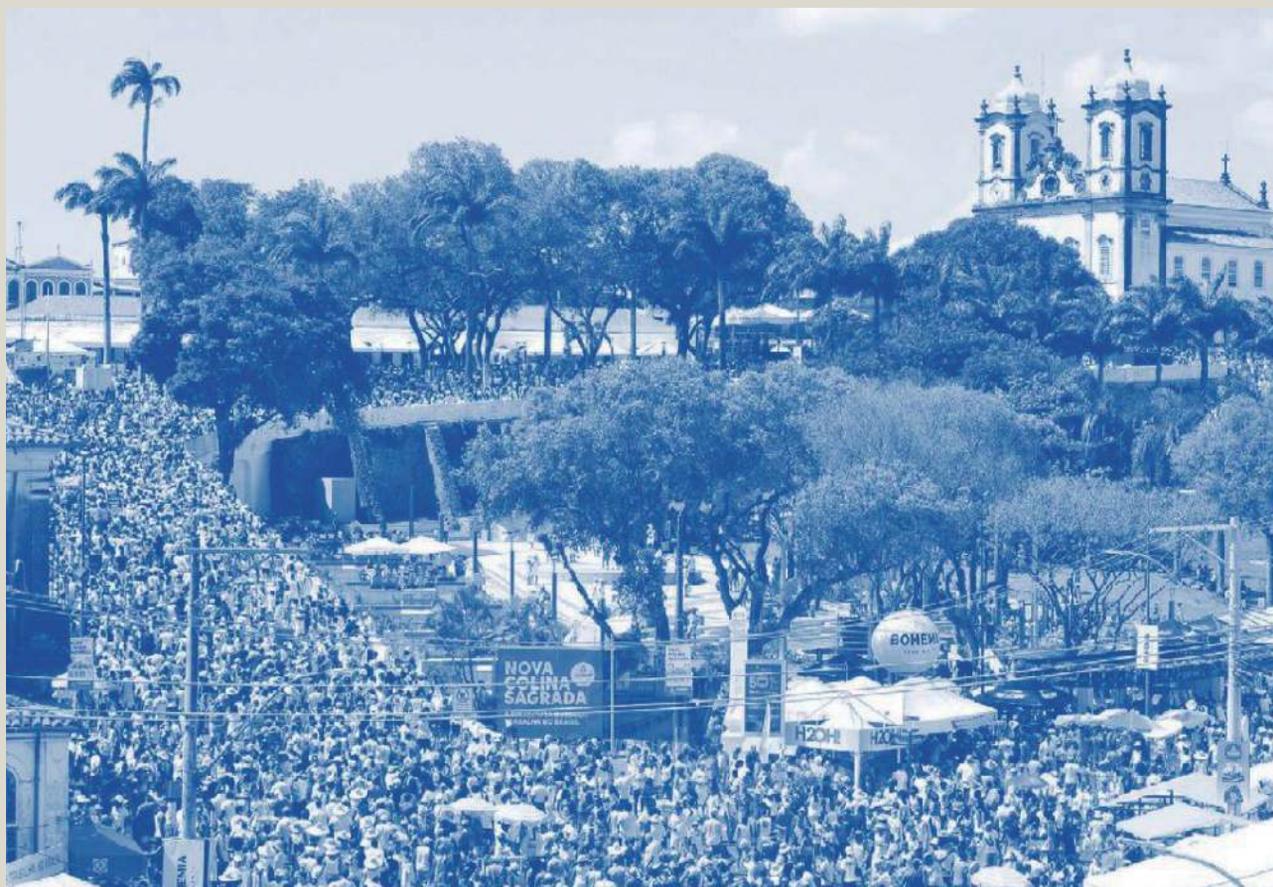
práticas e fomentar redes de colaboração. O CAF também está envolvido no financiamento de projetos que abrangem tanto grandes espaços públicos quanto áreas comunitárias menores, sublinhando a importância de considerar o espaço público como uma infraestrutura essencial para a comunidade. Para Rodríguez, a participação de todos os atores — incluindo bancos, organismos internacionais, a academia e a sociedade civil — é fundamental para alcançar uma mudança sistêmica na gestão urbana.

A reflexão dos participantes é que o Pacto para os Espaços Públicos não busca apenas estabelecer um marco para guiar o desenvolvimento urbano, mas também atuar como um catalisador que impulsiona a colaboração e a replicabilidade de soluções em diversos contextos. Portanto, seu sucesso dependerá da capacidade de

adaptar suas diretrizes às realidades locais, respaldado por um sólido compromisso intersetorial e pela disponibilidade de recursos financeiros e técnicos. Esse enfoque integrado e adaptativo promete ser um motor de mudança em direção a cidades mais inclusivas, sustentáveis e resilientes em toda a América Latina.

## 7. Escalabilidade e Replicabilidade: O Desafio de Expandir o Modelo

Um dos principais desafios enfrentados pelo Pacto para os Espaços Públicos é sua escalabilidade e replicabilidade em diferentes contextos regionais. Embora o modelo tenha se mostrado bem-sucedido no Peru, sua expansão para outros países da América Latina exigirá uma adaptação cuidadosa às realidades locais, levando em conta fatores culturais, políticos e econômicos.





### O Papel da Colaboração Regional

A colaboração regional é fundamental para a expansão do Pacto para os Espaços Públicos. A participação de aliados estratégicos, como a Fundação Avina e a ONU Habitat, tem sido crucial para criar um ambiente propício para a replicabilidade do modelo. Esses parceiros oferecem não apenas experiência e conhecimento, mas também recursos que facilitam a capacitação de funcionários locais, a implementação de projetos e a avaliação de impactos.

Desenvolver um modelo regional que articule processos comuns, como capacitação e visibilidade, permitirá que os municípios aprendam uns com os outros e compartilhem experiências bem-sucedidas. Esse enfoque colaborativo ajudará a evitar a reinvenção de ferramentas, promovendo, em vez disso, a adoção de políticas públicas eficazes que já demonstraram seu valor em outros contextos.

### Adaptação aos Contextos Locais

Cada cidade na América Latina possui suas próprias particularidades e desafios. A densidade populacional, a disponibilidade de recursos, a geografia e as prioridades políticas variam significativamente de uma região para outra. Portanto, a adaptação do modelo do Pacto para os Espaços Públicos aos contextos locais específicos será crucial para seu sucesso.

Em cidades como Rio de Janeiro, Santiago ou Valdivia, as intervenções devem levar em consideração fatores como topografia, clima e dinâmicas sociais locais. Isso exige uma abordagem flexível que permita ajustes conforme as necessidades e capacidades de cada município. Além disso, envolver a comunidade local no processo de design e gestão dos espaços públicos é fundamental para garantir que as soluções adotadas sejam sustentáveis e atendam às expectativas e necessidades dos habitantes.

## 8. O Futuro do Pacto: Rumo a Cidades Equitativas e Resilientes

O Pacto para os Espaços Públicos não se limita a melhorar a infraestrutura urbana; ele busca também promover cidades mais equitativas e resilientes. A inclusão de populações vulneráveis, como a primeira infância, migrantes e comunidades desfavorecidas, é um componente central dessa iniciativa.

### Rumo à Equidade Urbana

A equidade urbana é um dos principais objetivos do Pacto. Garantir que todos os cidadãos, independentemente de sua origem socioeconômica, tenham acesso a espaços públicos seguros, saudáveis e bem projetados é fundamental para a coesão social e a justiça espacial. O Pacto busca criar um ambiente onde as cidades não

sejam apenas funcionais e esteticamente agradáveis, mas também inclusivas e acessíveis para todos.

### Resiliência e Sustentabilidade

A resiliência urbana é um pilar fundamental do Pacto para os Espaços Públicos. À medida que as cidades enfrentam desafios crescentes relacionados às mudanças climáticas, como inundações, ondas de calor e outros fenômenos extremos, a importância de espaços públicos bem projetados e geridos se torna ainda mais evidente. Estes espaços desempenham um papel crucial na mitigação dos efeitos adversos das mudanças climáticas ao oferecer áreas verdes que absorvem água da chuva, reduzem as temperaturas urbanas e proporcionam abrigos seguros em tempos de crise.



## 9. Conclusão: Um Caminho para a Transformação Urbana

O Pacto para os Espaços Públicos se apresenta como uma ferramenta poderosa para a transformação urbana na América Latina. Através da colaboração entre governos locais, organizações internacionais, instituições financeiras e a sociedade civil, essa iniciativa está moldando cidades mais inclusivas, sustentáveis e resilientes. A expansão do Pacto, tanto em nível regional quanto global, promete levar essas boas práticas a novas latitudes, aprimorando a qualidade de vida urbana.

O Pacto transcende a ideia de um simples acordo entre instituições, funcionando como um instrumento de insurgência urbana. Ele capacita as comunidades a resistir, transformar e reimaginar suas cidades de baixo para cima, permitindo a construção de um ambiente urbano mais inclusivo e justo. Neste modelo, cada pessoa tem voz na configuração dos espaços que habita, trabalhando em conjunto com autoridades, a sociedade civil, coletivos e o setor privado.

A experiência acumulada até agora demonstra que é possível transformar os espaços públicos e, com isso, melhorar as cidades e a vida de seus habitantes. O futuro do Pacto dependerá da nossa capacidade de continuar colaborando, aprendendo e adaptando-se aos desafios enfrentados por nossas cidades. À medida que avançamos nessa jornada, o Pacto se consolida não apenas como um instrumento para melhorar os espaços públicos, mas também como um símbolo de esperança para um futuro urbano mais equitativo e sustentável.

---

<sup>1</sup>Um ecossistema que promove projetos urbanos na América Latina, como Lima Cómo Vamos e Ocupa Tu Calle.

<sup>2</sup>Arquiteto pela Universidade Nacional Pedro Henríquez Ureña (UNPHU), República Dominicana, Mestre em Urbanismo pela Universidade Politécnica da Catalunha (UPC), Barcelona. Diretor de Habitat e Mobilidade Sustentável no CAF - banco de desenvolvimento da América L

<sup>3</sup>Estudou Engenharia Empresarial, Mudanças Climáticas e Design Thinking. Atuou como líder em projetos de educação ambiental, reciclagem e Responsabilidade Social Empresarial, e atualmente contribui para as agendas de cidades sustentáveis e gestão de plásticos pela Fundação Avina.

<sup>4</sup>Coordenador do Programa Global de Espaços Públicos da Seção de Planejamento, Finanças e Economia Urbana, ONU-Habitat. Coordena o desenvolvimento de ferramentas inovadoras, promovendo a participação comunitária e o design urbano colaborativo.

<sup>5</sup>Economista pela Universidade Autónoma de Nuevo León, Mestre em Economia e Políticas Públicas e Doutora em Políticas Públicas pela Escola de Governo do Tecnológico de Monterrey. Professora de Economia no Tecnológico de Monterrey. Trabalha na área de Investimento Social na Primeira Infância da Fundação FEMSA.



# TRANSVERSALIDADES

## Adriana Sansão Fontes

A mesa Transversalidades ocorreu no último dia do Insurgências: experiências em espaços públicos, no palco do Museu do Amanhã. Com caráter multidisciplinar, teve como objetivo estabelecer uma conexão entre quatro eixos temáticos do evento - Cuidados e Primeira Infância, Mobilidade, Bairros e Crise Ambiental. Cada um desses temas foi representado por quatro especialistas: Claudia Vidigal<sup>1</sup>, psicóloga social e representante da Fundação Bernard van Leer no Brasil, liderando a Rede Urban 95; Leticia Fonti<sup>2</sup>, arquiteta e urbanista e gerente de Modos Ativos na CET-Rio; Pilar Silva<sup>3</sup>, assistente social e integrante do Ministerio de Vivienda y Urbanismo do Chile, na Divisão de Desenvolvimento Urbano do Programa Quiero Mi Barrio; e Ricardo Cardim<sup>4</sup>, paisagista e botânico, diretor do Cardim Arquitetura Paisagística.

Por meio de suas exposições, os quatro palestrantes trouxeram reflexões a partir de distintos pontos de vista: visões do primeiro setor (poder público), do segundo (setor privado) e do terceiro (instituições sem fins lucrativos). Ao longo de 90 minutos, dialogaram sobre os quatro eixos em uma conversa imbricada na qual os temas apareciam sobrepostos e articulados de uma forma tão evidente que não resulta complexa a costura entre as falas.

Assim, utilizando fragmentos das palestras transcritas<sup>5</sup>, estruturados a partir dos principais pontos discutidos, gostaria de

abordar a transversalidade utilizando como fio condutor a vulnerabilidade: seja da criança, do pedestre, da população pobre e periférica, ou mesmo da natureza, de forma a encadear o pensamento dos quatro palestrantes.

### 1. Vulnerabilidade infantil

Claudia Vidigal, promotora e defensora dos direitos de crianças e adolescentes, em sua exposição "Urbanismo e Primeira Infância: Comunidades Fazendo Seu Espaço Cuidador", ressaltou a importância de uma cidade construída para a criança, apresentando a iniciativa Urban 95 e suas ações no Brasil.

### Mas por que primeira infância?

Argumentando do ponto de vista da equidade, da economia e do direito, Claudia defende a necessidade da transformação da cidade em uma comunidade cuidadora, um lugar onde a criança tenha direito à convivência comunitária. Segundo ela, esse direito difere do direito à cidade como o conhecemos, pois demanda uma camada de cuidado que só encontra espaço em uma comunidade. Considerando que hoje 85% das crianças brasileiras vivem em cidades, é necessário investir em uma rede de apoio e serviços que possa prover os cuidados que as crianças merecem.

### Ampliar interações positivas

É necessário criar condições - de espaço e de tempo - para que as interações



positivas aconteçam. Se os serviços e o trabalho fossem próximos, se fosse possível realizar uma vida que não roubasse horas das mães, se a cidade não fosse tão estressante para os cuidadores... haveria muito mais oportunidades de se criar interações responsivas, que é o que os bebês precisam para se desenvolverem plenamente. Entretanto, a vida urbana, da forma como se estabeleceu, literalmente e figurativamente, atropela as crianças. (O interessante é que esta fala aponta diretamente ao eixo mobilidade, discutido na palestra seguinte).

Segundo pesquisas apresentadas por ela, mais de 65% das crianças pequenas não vão para uma creche. Elas passam o tempo dentro da família, da família estendida e na comunidade. Por isso, é urgente reforçar a noção de bairro, de forma a retomar a dimensão comunitária tão necessária para se constituir uma rede de cuidados. (Aqui aparece o eixo bairros, em mais uma articulação interessante que se construiu).

### **Crianças no centro**

"Se você pudesse vivenciar a cidade a partir dos 95 centímetros, que é a altura média de uma criança de 3 anos, o que você mudaria? O que você faria diferente?". Com esta pergunta, a Fundação Bernard van Leer coloca as crianças no centro da discussão sobre as cidades, engajando governos de todo o mundo na pauta da

primeira infância. A fundação apoia-se em três pilares: espaços públicos e natureza, serviços e primeira infância, e governança e institucionalização, construindo, assim, uma agenda intersectorial.

### **Espaços públicos e natureza**

Abordando outro eixo do evento, a crise ambiental, Claudia menciona o benefício da exposição à natureza para a saúde de todas as faixas etárias. No entanto, reforça a especificidade deste contato para as crianças pequenas, para as quais a natureza é cenário de exploração, de investigação, de curiosidade, de invenção de jogos simbólicos... É um cenário de experimentação de riscos e de tomada de decisão.

### **Brincar ao ar livre**

O brincar ao ar livre na natureza favorece vínculos sociais, inspira concentração, estimula a atividade física, promove o desenvolvimento integral, desenvolve competências de resiliência e traz benefícios diretos à saúde. No entanto, uma pesquisa conduzida pela Fundação Bernard van Leer junto ao Instituto Alana concluiu que, antes da pandemia, 50% das crianças brincavam ao ar livre somente uma vez por semana. Após a pandemia, este percentual caiu para 34%, ao mesmo tempo em que 59% das pessoas acreditam que precisamos de mais crianças na natureza e mais natureza para as crianças. Impasse?



## Mais crianças na natureza...

### Cidade compacta e verde

Propondo uma conexão com as falas seguintes, concluo que a fala de Claudia abordou a vulnerabilidade da primeira infância relacionando-a com a importância do bairro como lugar onde a comunidade se expressa, reverberando na ideia da compacidade e na importância de um bairro mais completo e autossuficiente, o que poderia ser interpretado como um bairro mais caminhável. Por outro lado, valorizou a importância do contato com a natureza, o que deixa implícitos para nós, arquitetas e arquitetos, alguns desafios na combinação de ambas as variáveis. De todas as formas, foi uma fala capaz de introduzir os três temas que virão a seguir.

### 2. Vulnerabilidade viária

Leticia Fonti, servidora pública focada na pauta da mobilidade ativa, em sua fala "Mobilidade de Modos Ativos e a Coreografia da Cidade", faz uma retrospectiva dos projetos de espaços públicos com foco na mobilidade ativa no Rio de Janeiro e apresenta algumas perspectivas recentes do poder público na transformação do espaço público existente.

### Rio de Janeiro e a mobilidade ativa

Segundo Leticia, a primeira ciclovia da cidade foi construída na década de 1970, mas o boom cicloviário ocorreu em 1992 com o emblemático "Rio-Orla", tendo a rede se expandido gradativamente até os dias atuais. O programa "Rio-Cidade", na mesma década de 1990, tinha como princípio trazer os pedestres para as calçadas, de forma a vivenciarem e experimentarem a cidade, algo ousado para a época. Em 2018, foi realizada uma grande intervenção de urbanismo tático pela própria prefeitura, com o pedestre como principal objetivo. No entanto, até então, tratava-se de projetos e ações pontuais.

O governo atual (2020-2024) incorporou a pauta da mobilidade ativa no Plano Estratégico da cidade (plano de metas para os próximos quatro anos) e, paralelamente, na agenda da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET-Rio). Agora, o pedestre, a bicicleta e todos os outros modos ativos são também considerados meios de transporte. Além disso, foi realizado um plano cicloviário da cidade, com o apoio do ITDP Brasil, que considerou as demandas da população usuária.

## Como se implanta?

O plano, no entanto, está bem distante do que realmente acontece na vida real. Qual é a distância entre o papel e a tinta no asfalto? Existe um espaçamento físico e temporal entre essas duas etapas que envolve desenho técnico, orçamento, previsão orçamentária, aprovação no legislativo, processo licitatório e execução. Este procedimento burocrático é importante e deve ser compreendido pela população.

## Espaço público em disputa

Segundo Leticia, sendo o espaço público finito, todos os usuários precisam ser contemplados e equilibrados em sua divisão. De fachada a fachada, é importante acomodar o pedestre, a bicicleta, o transporte público, a área de estar e a área de circulação. Com isso, em parceria com a WRI-Brasil, a prefeitura vem trabalhando com o conceito de Ruas Completas, que são ruas projetadas para atender a todos os usuários, incluindo os mais vulneráveis, como as crianças, conforme mencionado na fala anterior.

## Transformar com tinta

A CET-Rio trabalha com os leitos carroçáveis da cidade, sem a prerrogativa de alterar a posição dos meios-fios. Nesse âmbito, é possível realizar testes com tinta sobre o asfalto para propor novas configurações, a exemplo das intervenções de curto prazo e baixo custo características do urbanismo tático. Com isso, é possível redimensionar raios de giro, larguras de faixa de rolamento e implantar faixas de travessia, por meio do estudo dos fluxos de todos os usuários da via. O erro é visto como uma oportunidade de aprimoramento do projeto, por meio de experiências em pequena escala. Em uma cidade com configuração viária carrocêntrica, uma atuação crescente do órgão tem sido redividir o espaço existente com foco na escala humana.

## Gestão do meio-fio

Leticia conclui sua fala com a divertida reflexão de que o meio-fio é a coisa mais valiosa da cidade: está em permanente disputa por pontos de táxi, pontos de ônibus, estacionamentos, comércio ambulante,



embarque e desembarque de escolas... e que, por isso, deveria ser "um ativo na bolsa de valores". Como a disputa é inevitável, é um desafio para o poder público atender, pelo menos parcialmente, a todas as partes interessadas.

### **Meios-fios e qualidade urbana**

Afetada pela exposição de Leticia, cujas imagens mostraram de forma contundente como há espaço ocioso nas ruas que poderia ser mais bem aproveitado para a coletividade, gostaria de arriscar que o meio-fio — sua posição na cidade, se ele existe ou não — vai definir se uma cidade é boa ou ruim para as partes mais vulneráveis, mas também para os usuários de maneira geral. Passamos, então, para a exposição seguinte.

### **3. Vulnerabilidade social**

Pilar Silva, representante do Ministério de Vivienda y Urbanismo do Chile, em sua exposição "Comunidades e Territórios Vulneráveis: Política Pública em Territórios Mais Pobres e Vulneráveis do Chile", apresentou o programa Quiero Mi Barrio, uma sólida política chilena para a redução das desigualdades.

#### **Quiero Mi Barrio**

O programa "Quiero Mi Barrio", criado em 2006 durante o governo de Michelle Bachelet, é uma política pública com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos habitantes de bairros em situação de vulnerabilidade urbana e social, por meio da recuperação dos espaços públicos e da coesão social. O programa opera em distintas escalas de atuação (governo central, prefeituras, equipes locais e consultorias externas), atuando em 60% das prefeituras do país, com profissionais de diferentes áreas de atuação, geralmente provenientes dos próprios bairros intervindos, diretamente instalados nos territórios.

### **Processo seletivo**

Segundo Pilar, o processo de seleção do programa ocorre por meio de chamadas para que as prefeituras submetam propostas para atender bairros com mais de 9 mil habitantes. A municipalidade também deve se comprometer com investimentos relacionados às práticas de cuidado dentro do território.

### **Características**

O programa está estruturado em quatro eixos transversais: ambiente, memória, segurança e cuidado de gênero. O eixo ambiental trabalha com economia circular, plano de arborização e redução de riscos de desastres; o eixo patrimonial foca na visão coletiva sobre os bairros, muitas vezes históricos; a segurança é abordada a partir de um enfoque de gênero; e, finalmente, o eixo de cuidado, impulsionado pelo Plano Nacional do Cuidado, é uma abordagem mais recente, ainda em implementação, que tem uma conexão direta com a primeira fala da mesa.

### **Processo participativo**

Dividido em três fases, o programa inicia com a fase de diagnóstico, que inclui a coleta de dados quantitativos e qualitativos, destacando os Percursos de Bairro. Estes percursos são elementos importantes que contemplam trajetos com mulheres, percursos noturnos e percursos para diagnosticar riscos de desastres. A segunda fase é a execução das propostas, por meio de projetos participativos vinculantes, onde os vizinhos deliberam sobre os projetos. Finalmente, na última etapa são feitas medições da sustentabilidade dos projetos.

### **Medidores de sustentabilidade**

Pilar sustenta a importância de elementos que meçam a sustentabilidade dos processos, para avaliar como o programa está funcionando em cada território. Nesse sentido, o programa utiliza um índice urbano

e social associado a 45 indicadores de diferentes naturezas, que são aplicados antes e após as ações.

### Projetos mais sociais que físicos

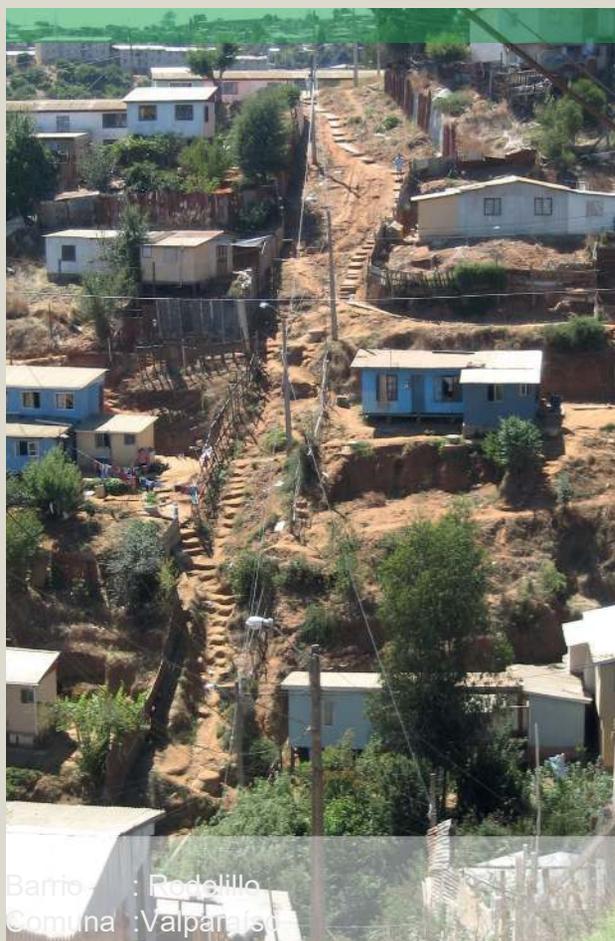
Durante a fase de execução, são realizados investimentos em projetos sociais por meio de ações diretas com as organizações locais, empoderando as lideranças e potencializando o uso dos espaços por meio de diversas iniciativas. As intervenções físicas são de pequena escala e focadas em áreas verdes, hortas, circulações, playgrounds e na compra de terrenos ociosos para implementar novos usos, como creches e centros de cuidado. A manutenção dos espaços é responsabilidade das prefeituras, com o engajamento comunitário desempenhando um papel importante, potencializado pela identificação que as pessoas criam com os espaços.

### Justiça territorial

Como conclusão, Pilar afirma que o mais importante para superar a condição de vulnerabilidade de um território é a justiça territorial e, principalmente, que as comunidades acreditem nas instituições. Isso precisa ser potencializado, e é exatamente para isso que existem os programas públicos.

### Estarão as prefeituras brasileiras pensando nos bairros?

A apresentação de Pilar sobre o programa Quiero Mi Barrio demonstra que é possível a continuidade de um programa público através de várias gestões com visões ideologicamente distintas, trazendo uma perspectiva otimista da ação institucional. Por outro lado, reforça a importância de se criar ações multissetoriais focadas na escala do bairro, algo que não é muito comum, ao menos na realidade do Rio de Janeiro.



Barrio : Rodalillo  
Comuna : Valparaíso



#### 4. Vulnerabilidade ambiental

Ricardo Cardim, paisagista e botânico, na última fala da mesa, intitulada "Paisagismo Sustentável para o Brasil: Florestas de Bolso", faz uma reflexão sobre a vegetação nas cidades com base no trabalho de seu escritório de arquitetura paisagística em várias cidades brasileiras.

##### Choque do invasor

Ricardo inicia sua exposição problematizando o encontro entre os invasores europeus e a imponência da Mata Atlântica no século XVI, e como o medo dessa natureza nativa fez com que se construíssem cidades com o intuito, inicialmente, de negá-la e, posteriormente, de domesticá-la, por meio de uma cópia da cidade europeia. Assim se criou no Brasil o jardim de plantas estrangeiras, pois, segundo ele, a vegetação nativa era associada ao atraso.

##### Plantas exóticas

O discurso modernista brasileiro propôs romper com o jardim europeu, mas, em vez disso, introduziu o jardim tropical com plantas da África, Ásia e América Central, e pouquíssimas plantas brasileiras. Foi uma verdadeira ruptura?

##### Cidade que não deu certo

Na década de 1970, já se sentiam os efeitos do crescimento urbano baseado na eliminação da natureza, com as grandes cidades enfrentando inundações, poluição e trânsito caótico. A expansão urbana brasileira foi absurdamente rápida e, hoje, 90% dos brasileiros vivem em cidades, muitas delas com sérios problemas ambientais: falta de escala humana, ausência de verde, ilhas de calor, falta de calçadas, arborização e áreas de lazer, e rios contaminados. Essas constatações estão em direta sintonia com as falas anteriores.



## **Diversidade de plantas nativas**

Segundo imagens apresentadas, a Mata Atlântica é um dos maiores centros de diversidade de plantas nativas do mundo: em apenas 1.000 m<sup>2</sup> encontram-se 144 espécies diferentes de árvores, em uma região que abriga as duas maiores metrópoles do país. Paradoxalmente, cerca de 90% da vegetação urbana é de origem estrangeira.

## **Não sabemos mais o que é nativo**

Ricardo critica o fato de que, nos jardins tropicais brasileiros, há uma ausência de plantas nativas. Das 20 frutas mais consumidas no Brasil, apenas duas são nativas (abacaxi e maracujá). Ele aponta que sofremos um processo severo de erosão cultural, pois não sabemos mais o que é nativo, não conhecemos as árvores nativas e desejamos a biodiversidade de outros lugares, enquanto possuímos a maior biodiversidade do planeta.

## **Pise na grama**

Enquanto isso, as crianças precisam andar na grama, correr, subir em árvores, pegar frutas do pé e andar descalças, reforçando as colocações das falas anteriores. Isso ocorre quando novas áreas verdes (não domesticadas) são criadas na cidade.

## **Florestas de bolso**

A partir desse ponto, Ricardo começa a apresentar seu conceito de “floresta de bolso”, uma nova abordagem para restaurar a vegetação nativa, utilizando a estratégia natural de competição e cooperação das espécies acumulada ao longo de milhares de anos. Nesse tipo de floresta, as espécies estão dispostas uma ao lado da outra, juntas e misturadas.

Na sequência, apresenta uma série de projetos profissionais que utilizam a vegetação nativa como estratégia, seja em fachadas, trepadeiras, margens de rios ou

telhados verdes. Ele também compartilha experiências de transformação de áreas públicas abandonadas em fragmentos de Mata Atlântica restaurada — as florestas de bolso —, construídas muitas vezes em sistema de mutirão. Essas florestas de bolso requerem pouca manutenção e apresentam crescimento rápido.

## **A floresta é um corpo**

Ricardo finaliza argumentando que a natureza nativa brasileira opera em um esquema em que uma planta ajuda a outra, e ao mesmo tempo também compete: algumas crescem mais, outras crescem menos, mas todos ganham no fim, pois a floresta não é um indivíduo. A floresta é um organismo, assim como nós. Ela é um corpo.

## **Vocês se acham insurgentes?**

Esta pergunta disparou o debate ocorrido após as ricas exposições da mesa Transversalidades. Seria a insurgência somente um processo de baixo para cima, ou é possível ser insurgente em distintos âmbitos? A resposta daria outra mesa, mas termino aqui reproduzindo trechos das breves respostas dos palestrantes:

“Eu acho que é o nosso papel aqui nesse mundo estar sempre insurgindo e ressurgindo. Insurgindo duzentas vezes e fazendo o que for possível.” — Leticia Fonti

“Ouvindo o Ricardo, acho que nós somos insurgentes. Acho que essa fala nos tocou bastante. Eu vi dos nossos colegas também, que a gente está buscando muito o que você (Ricardo) está conseguindo realizar na prática.” — Claudia Vidigal

“(…) que os desenhos sejam da comunidade e não de cima para baixo, mas sim de baixo para cima. Acredito que isso é a insurgência.” — Pilar Silva

"A gente tem que ser mesmo insurgente porque, no século XX, construíram essas cidades em que hoje 90% dos brasileiros moram. Agora, no século XXI, a gente vai ter que consertá-las, arrumá-las." — Ricardo Cardim

---

<sup>1</sup>Mestre em Psicologia Social, foi Secretária Nacional dos Direitos das Crianças e Adolescentes no Ministério da Justiça e Presidente do Conselho Nacional dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes. Atualmente é representante da Fundação Bernard van Leer no Brasil, onde lidera a Rede Urban 95.

<sup>2</sup>Arquiteta e urbanista pela UFRJ, especializada em Gestão Pública pela COPPEAD e MBA em Construções Sustentáveis, servidora pública municipal. Em 2023, ocupava o cargo de Gerente de Modos Ativos na CET-Rio.

<sup>3</sup>Assistente Social pela Universidad Mayor do Chile, Mestre em Gerência Social, Especialização em Políticas Públicas para o Desenvolvimento Democrático da América Latina. Hoje trabalha no Ministerio de Vivienda y Urbanismo do Chile, na Divisão de Desenvolvimento Urbano do Programa de Recuperação de Bairros Quiero Mi Barrio.

<sup>4</sup>Paisagista e Botânico, Diretor do Cardim Arquitetura Paisagística, Mestrado em Botânica pela Universidade de São Paulo. Em 2021, recebeu o Prêmio Muriqui Pessoa Física, como uma das principais premiações ambientais do país, outorgada pela RBMA – UNESCO.

<sup>5</sup>Foi realizada transcrição completa das conferências e o texto faz um resumo das conteúdos, guardando total fidelidade com as falas originais.



# FUTUROS

## Inês Domingues Maia e Silva

A Mesa Futuros proporcionou um diálogo entre dois especialistas: **Adelaide Oliveira**<sup>1</sup>, jornalista e coordenadora do Circular Campina Cidade Velha, projeto que atua no Centro Histórico de Belém promovendo arte, cultura e educação patrimonial; e **Washington Fajardo**<sup>2</sup>, arquiteto e urbanista, responsável pela criação e implementação do programa Reviver Centro, voltado para a reabilitação residencial da área central do Rio de Janeiro. Dois relatos de experiências que trouxeram à tona abordagens distintas, porém complementares, sobre a revitalização de centros históricos e urbanos no Brasil.

Adelaide Oliveira ressaltou o papel fundamental da sociedade civil na valorização do patrimônio cultural e na ocupação dos espaços urbanos. Ela compartilhou o exemplo do **projeto Circular Campina Cidade Velha**, um circuito cultural que busca a revalorização do centro histórico da capital paraense por meio da utilização das estruturas e edificações existentes. O projeto articula uma rede de iniciativas artísticas e da economia criativa (incluindo museus, galerias, pequenas lojas de arte, gastronomia, hospedagem e restaurantes) e tem o objetivo de resgatar as relações de vizinhança da área histórica, impactada pela ausência de políticas públicas (Projeto Circular, 2024).

Ela destacou a influência que o projeto exerce nas discussões com o poder público, ao dar visibilidade às questões preocupantes da cidade de Belém, como a falta de infraestrutura básica em uma região tão rica em recursos naturais. Além disso, abordou a importância de incentivar a ocupação das ruas, proteger o patrimônio cultural e valorizar a memória dos moradores do Centro Histórico. Reforçou também a relevância das atividades de educação patrimonial para adultos e crianças, promovendo as práticas culturais locais, como o carimbó.

Washington Fajardo refletiu sobre os desafios enfrentados pelas cidades brasileiras e como avançar de maneira estratégica para alcançar resultados concretos. Um dos maiores desafios apontados por ele é o **fenômeno da urbanização**, que muitas vezes resulta em segregação e exclusão. Ele citou políticas como o Minha Casa Minha Vida, que deveriam promover inclusão, mas acabam reforçando a segregação devido a modelos de expansão insustentáveis.

Ele também comentou sobre a discrepância entre o potencial das cidades e a realidade vivida nas áreas mais vulneráveis, onde a qualidade de vida é prejudicada pela falta de planejamento e infraestrutura. Nesse contexto, surgem iniciativas que



buscam promover a habitação em áreas consolidadas e servidas de infraestrutura e serviços urbanos, como o programa Reviver Centro, no Rio de Janeiro. O Reviver é uma proposta de lei que visa oferecer benefícios a quem investir em moradia no Centro, como bônus de construção em outras áreas da cidade e incentivos fiscais (Prefeitura do Rio de Janeiro, 2024).

Ambas as falas destacam os desafios enfrentados pelas áreas centrais, como o esvaziamento populacional e econômico, a degradação do patrimônio histórico, a subutilização de imóveis e a insegurança. Cada uma, à sua maneira, converge na defesa de abordagens integradas: Adelaide destaca os benefícios da cultura e da participação de agentes locais da economia criativa nas políticas públicas para o Centro, enquanto Washington defende um urbanismo holístico, que combina a valorização da memória com investimentos estratégicos em espaços públicos e no incentivo a habitação no Centro.

A mesa ressaltou que o futuro das cidades latinoamericanas deve estar intimamente ligado à revitalização de suas áreas centrais, o que exige colaboração entre a sociedade civil e os governos. O foco deve ir além da preservação do patrimônio, abrangendo também a inclusão social e

o bem-estar dos moradores. Iniciativas que integram cultura, economia criativa, inventários de afetos, renovação de imóveis por meio de retrofit, melhoria dos espaços públicos, modernização da infraestrutura e habitação para diferentes faixas de renda são essenciais para restaurar a vitalidade dessas áreas. Em resumo, é fundamental respeitar o legado das cidades, ao mesmo tempo em que se abrem novas possibilidades para o seu futuro.

## Referências

PROJETO CIRCULAR. **O Circular**. Disponível em: <https://projetocircular.org/o-circular/>. Acesso em: 15 set. 2024.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **Reviver Centro**. Disponível em: <https://carioca.rio/servicos/reviver-centro/>. Acesso em: 15 set. 2024.

---

<sup>1</sup>Jornalista formada pela Universidade Federal do Pará, gestora cultural e Coordenadora do Circular Campina Cidade Velha. Projeto que atua há 10 anos no Centro Histórico de Belém (Pará) levando arte, cultura e educação patrimonial em diversas ações.

<sup>2</sup>Arquiteto e urbanista formado pela UFRJ. Foi Presidente do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, Assessor Especial para Urbanismo durante a entrega dos Jogos Olímpicos e recentemente esteve à frente do Instituto Pereira Passos e da Secretaria de Planejamento Urbano. Foi responsável pela criação e implementação do programa Reviver Centro de reabilitação residencial da área central do Rio. Loeb Fellow pela Universidade de Harvard.



**2**

**EXPERIÊNCIAS  
INSURGENTES**



11 Agosto

23 Agosto

FIIU8

INSUR  
GÊNCIAS

# EXPERIÊNCIA #1

## Calle Mujer

### El Granel

#### Cidade e País

Assunção, Paraguai

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

El Granel, com fundos do Goethe Zentrum no Paraguai.

#### Mês e Ano de realização | Duração

Setembro e Novembro, 2021 | 2 dias



 @elgranelasu

 [www.elgranel.com](http://www.elgranel.com)



Nas ruas, nas praças, nos parques, nas calçadas, no bairro, na cidade... as mulheres. O espaço público foi, por excelência, o espaço para o homem, em contraste com o doméstico, que foi destinado à mulher e ao seu "papel". Com este duo de intervenções, quisemos ocupar a rua e o espaço público de uma maneira disruptiva e artística.

Calle Mujer foi um evento desenvolvido com o objetivo de experimentar diversas situações a partir da experiência das mulheres no espaço público.

Foram realizados passeios guiados por áreas da cidade que habitualmente não são de fácil acesso por estarem estigmatizadas.

O percurso propunha paradas interativas. No primeiro evento, o trajeto passava pelo lendário assentamento da Chacarita, reconhecido por sua identidade, coesão social e localização geográfica privilegiada.

As paradas interativas para trocas com os moradores criaram um vínculo próximo para entender o contexto.

Exploramos diferentes cantos do Parque Caballero (que hoje está passando por um

importante processo de reconversão) e terminamos em uma festa em uma rua de Punta Karapá, enclave icônico e mirante da Chacarita Alta, dançando ao som das polkas (ritmos tradicionais) com as famosas galoperas (em perigo de extinção) do bairro.

A intervenção contou com a participação de 172 pessoas em duas edições: 145 mulheres, 20 homens e 7 crianças. As principais beneficiárias diretas foram mulheres entre 20 e 65 anos. Outros beneficiários incluíram mais de 25 artistas do bairro, 5 membros da equipe da Chacarita Digital, 5 moradores da Chacarita e 5 moradores do bairro Sajonia. A intervenção teve impacto na mídia com uma síntese em meios tradicionais e um artigo na plataforma digital The Society Py, dedicada à difusão da arte e arquitetura no Paraguai.

## EXPERIÊNCIA #2

### Laboratorio de mujeres para intervención barrial

**Laura Bustamante - Cuarto menguante / Las Lauras**

**Cidade e País**

Lima, Perú

**Equipe proponente, doadores e patrocinadores**

Nossa equipe foi composta por duas pessoas, Lorena Marazza e eu, Laura Bustamante. Convidei Lorena para formar este projeto de intervenção, ao que ela aceitou, e usamos nossos próprios recursos para realizá-lo. Além disso, as mulheres do bairro também se identificaram e doaram os objetos que tinham para a intervenção. Os demais objetos e materiais nós mesmas compramos. A fotografia foi realizada por um par de fotógrafos voluntários que quiseram registrar nossa intervenção e o processo do laboratório. Infelizmente, não pudemos dar continuidade, pois no final fiquei sozinha, já que minha colega Lorena decidiu seguir um caminho mais pedagógico, e os coletivos que integrávamos ficaram apenas comigo.

**Mês e Ano de realização | Duração**

Março, 2020 | 3 semanas



 @Cuartomenguante.produce

 dinorahbustamante@gmail.com



A insegurança das mulheres é uma realidade no bairro central, um bairro movimentado predominantemente usado por homens para beber álcool ou jogar futebol, onde meninas, adolescentes e mulheres sofrem violências específicas e cotidianas, principalmente de natureza sexual, mas também discriminação nos espaços públicos e políticos. Em Lima, 9 de 10 mulheres foram vítimas de assédio sexual em espaços públicos, e 1 em cada 3 foi assediada em transportes públicos, impactando sua mobilidade. A intervenção aborda essa questão, pois a falta de segurança leva as mulheres a preferirem ficar em casa.

Chegamos ao bairro central devido a um feminicídio recente, que foi tratado pelos moradores como uma anedota. Reuniões com mulheres e moradores revelaram vivências de violência econômica, física e psicológica naturalizadas. As mulheres acreditavam que seu lugar era nos espaços privados e que os homens deveriam usufruir dos espaços públicos, evitando se expor a violências.

O Peru ocupa o terceiro lugar em crimes de violência sexual no mundo, segundo a ONU, com a maioria das vítimas sendo meninas e adolescentes. Nossa intervenção

temporária busca refletir e transformar essa problemática no espaço urbano de maneira colaborativa e de alto impacto. Promovemos uma melhor qualidade de vida urbana através de laboratórios e intervenções que visibilizam a realidade das mulheres nos espaços urbanos.

Nosso objetivo é gerar conhecimento e inovação no espaço urbano, permitindo uma criação coletiva envolvendo as mulheres da comunidade e empoderando-as com o conhecimento de seus direitos, como o fato de que o assédio de rua é um crime punível no Peru. Queremos que elas ganhem confiança para se proteger e reivindicar seus direitos.

A intervenção também visa conscientizar sobre direitos das mulheres e meninas de viver sem violência em seu bairro, promovendo sua participação ativa. Criamos um laboratório para expressar artisticamente palavras, emoções e sentimentos das participantes, combinando disciplinas como atuação, dança e performance. Nosso pilar é a criação coletiva em um espaço seguro, fortalecendo o tecido social e promovendo um diálogo compreensivo entre a população afetada.

## EXPERIÊNCIA #3

### A Vila do Mañá

#### A Vila do Mañá

##### Cidade e País

Galícia, Espanha e São Paulo, Brasil

##### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Promotores: PØST arquitectos, Prefeitura de Rianxo, Prefeitura de Ames, Prefeitura de Verín, Prefeitura de A Pobra do Caramiñal, Prefeitura de Mondoñedo, Prefeitura de Ribeira, Prefeitura de Carballo, Prefeitura de Bueu, Prefeitura de Vilagarcía de Arousa, Prefeitura de Cambados, Prefeitura de Arteixo, Prefeitura de Ferrol, Prefeitura de Malpica, Deputación de A Coruña, Prefeitura de Arzúa, Prefeitura de Silleda, Prefeitura de Barbadás, Prefeitura de Touro, Prefeitura de As Pontes de García Rodríguez, Prefeitura de Curtis.

Colaboradores: Apatrigal (Associação para a Defesa do Patrimônio Cultural Galego), ETSAC (Escola Técnica Superior de Arquitectura de A Coruña), FAU Mackenzie (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie).

##### Mês e Ano de realização | Duração

Desde 2016 | Em andamento



 @aviladomana

 <https://www.xn--aviladomaa-19a.com/>



"A Vila do Mañá" é um projeto educativo, de divulgação e de ação em constante evolução, cujo objetivo é que, desde a infância e a adolescência, através do jogo e da participação protagônica, se tome consciência de todas as escalas do comum: o patrimônio tangível e intangível, a arquitetura, o urbanismo e a paisagem. Busca-se obter uma nova visão da cidade, proporcionada por aqueles que serão os habitantes do amanhã.

O principal desafio é que meninas, meninos e adolescentes estejam presentes de forma ativa nos processos de construção do espaço comum, dotando-os das ferramentas necessárias para desenvolver sua criatividade através da arte e da arquitetura, despertando um novo olhar sobre os espaços em que habitam.

Quando "A Vila do Mañá" nasceu, dificilmente se poderia imaginar um futuro tão desconcertante quanto o que nos tocou viver após a pandemia. Essa inquietação se traduziu em nossos espaços, nos lugares que habitamos, trabalhamos e nos relacionamos. A arquitetura tem uma responsabilidade irrenunciável frente a uma sociedade em redefinição. À necessidade de repensar nossos lares e maneiras de trabalho, soma-

se a reivindicação de um espaço público de qualidade que não impeça a socialização e o desfrute dos espaços compartilhados.

"A Vila do Mañá" leva meninas, meninos e adolescentes para a rua para explorar e construir esses espaços através do jogo, transformando-os em *homoludens* que, com elementos limitados, organizam livremente seu entorno, sua particular Nova Babilônia, a utopia de Constant Nieuwenhuys onde a sociedade nômade adapta constantemente seu próprio ambiente. Sua experiência não se limita a uma semana de festa na cidade, mas permite reconquistar o espaço como próprio e gerar sinergias que contagiam o resto da sociedade.

Devemos observar o olhar desprovido de preconceitos daqueles que exploram pela primeira vez e que, frente às reservas do mundo adulto, se deixam levar pela curiosidade. Após grandes crises, a arquitetura sempre soube dar respostas criativas para a nova sociedade. Nesse sentido, "A Vila do Mañá" busca um novo modelo de cidade onde a infância e a adolescência sejam parte da cidadania ativa e tenham uma participação protagônica nos espaços onde desenvolvem suas vidas.

## EXPERIÊNCIA #4

### Projeto Sementes do Brincar

#### CoCriança

##### Cidade e País

São Paulo, Brasil

##### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Realização: Urban95 (Fundação Bernard van Leer), CECIP e Prefeitura de Mogi das Cruzes (Secretaria de Urbanismo e Secretaria de Educação)

Produção: CoCriança e CECIP

Coordenação: Andrea Muner e Camila Sawaia (CoCriança)

Equipe: Ayumy Pompeia, Beatriz Martinez, Camila Audrey (CoCriança)

Parceiros: EMEF Florisa Faustino Pinto, CEI Estrela do Amanhã II, CEI Heróis do Futuro, CEI Pequenos Inventores

##### Mês e Ano de realização | Duração

Dezembro, 2022 | 5 meses



 @cocrianca

 <https://cocrianca.com.br/>



O projeto foi impulsionado pelo desejo da Prefeitura de Mogi das Cruzes de se tornar uma cidade que apoia a saúde e o bem-estar das crianças por meio de experiências urbanas. Realizado pela prefeitura, com destaque para as Secretarias de Urbanismo e Educação, em parceria com Urban95 (Fundação Bernard van Leer), CECIP e CoCriança, o Projeto Sementes do Brincar teve como objetivo criar uma intervenção replicável e integrada ao poder público, baseada na escuta e nos desejos das crianças.

Reconhecendo a importância de incluir as crianças no planejamento urbano, o processo valorizou suas ideias e necessidades, promovendo uma concepção participativa para a qualificação dos espaços urbanos. Nesse contexto, o CoCriança, em colaboração com os corpos docentes da EMEF Profa. Florisa Faustino Pinto, da CEI Estrela da Manhã II, da CEI Pequenos Inventores e da CEI Heróis do Futuro, desenvolveu um processo de escuta com as crianças dessas quatro escolas. Cada escola participou de 04 Oficinas de Cocriação e 01 Oficina de Construção, permitindo que os alunos expressassem seus desejos, necessidades e sonhos para o

entorno escolar. Além disso, ocorreram 03 Encontros Abertos à Comunidade. Com base nessa escuta, foram estabelecidas diretrizes que orientaram o desenvolvimento do projeto de intervenção. O projeto foi cocriado pelos arquitetos da prefeitura, com o apoio da equipe do CoCriança, e implementado no quarteirão que abrange as 04 escolas. Para sua execução, além das obras realizadas pela prefeitura, foram organizados 02 mutirões com a participação das crianças e da comunidade, permitindo que todos deixassem suas marcas no espaço.

## EXPERIÊNCIA #5

### Mamífera. Punto de lactancia en colectivo

#### Equal Saree

##### Cidade e País

Barcelona, Espanha

##### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Autoria: Equal Saree (Dafne Saldaña, Julia Goula, Trilce Fortuna e Raquel Marcos).

Design e cálculo de estrutura com: Voltes Cooperativa de Arquitectura

Montagem da instalação: Brava! arts performing

No âmbito do festival: Model. Festival de Arquiteturas de Barcelona

Impulsionado por: Prefeitura de Barcelona

Organizado por: Fundació Mies van der Rohe

Direção artística: Eva Franch i Gilabert

##### Mês e Ano de realização | Duração

Abril, 2023 | 10 dias



@equal.saree



<https://equalsaree.org>



Mamífera é um espaço de livre acesso que oferece facilidades para pessoas que amamentam e alimentam lactentes, seja amamentando, usando mamadeira ou outros métodos.

Um espaço visível, acessível, seguro e confortável, que conta com os elementos necessários para amamentar e acompanhar as pessoas em período de lactação.

A instalação é formada por uma estrutura circular de madeira, com um banco circular para promover o encontro e o compartilhamento de experiências.

Permeável e sustentável. A estrutura permite a visibilidade interior-exterior, promovendo uma amamentação visível e segura. A face externa incorpora um letreiro luminoso que indica a localização do espaço e o torna visível quando escurece. A madeira laminada atende aos requisitos de produção sustentável e as empresas envolvidas em sua construção são de proximidade e vinculadas à economia social e solidária.

Tranquila e equipada. O interior oferece um espaço íntimo e seguro que facilita amamentar, tirar leite, trocar fraldas,

preparar mamadeiras, aquecer o leite e lavar os utensílios ou as mãos. Está equipado com um móvel que inclui essas facilidades, com uma pia e um ponto de água, uma geladeira, um micro-ondas e um espaço que funciona como trocador.

Confortável e em coletivo. No interior, conta com um banco circular de madeira para favorecer os cuidados coletivos e o suporte mútuo. Uma parte do banco tem encosto. O chão está coberto por um tapete fúcsia para brincar, engatinhar ou sentar-se. Está coberta por lonas para dar sombra. Além disso, há uma montanha de almofadas de amamentação que podem ser usadas para amamentar ou brincar.

Fez parte do Model: Festival de Arquiteturas de Barcelona, que tem como objetivo ser um espaço de reflexão que nos aproxima da arquitetura experimental e nos ajuda a imaginar novos modelos de cidade.

## EXPERIÊNCIA #6

### Programa A Caminho da Escola 2.0

#### Companhia de Engenharia de Tráfego (CET-Rio)

##### Cidade e País

Rio de Janeiro, Brasil

##### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Companhia de Engenharia de Tráfego do Rio de Janeiro (CET-Rio)

##### Mês e Ano de realização | Duração

Desde 2013 | Em andamento



@cetrio.rio



<https://cedut-cet-rio.blogspot.com/>



<http://transito.rio.rj.gov.br/>



O Programa A Caminho da Escola 2.0 tem como princípios convidar a comunidade escolar a pensar a cidade em parceria com o poder público, sensibiliza-la quanto à mobilidade sustentável, e criar nela o sentimento de pertencimento em relação ao espaço público e aos equipamentos urbanos para que os alunos se tornem multiplicadores dessas boas práticas, além de promover a criação de um espaço público de excelência que sirva como catalisador de boas práticas. As ações são realizadas em parceria com a comunidade escolar obedecendo às seguintes etapas:

1. Ação educativa e diagnóstico/escuta da comunidade
  - . A CET-Rio leva ao ambiente escolar projetos educativos para introduzir o assunto e estimular a discussão sobre a segurança viária;
  - . Conhecimento das características do local, tanto físicas quanto de uso cotidiano;
  - . Elaboração do mapa de risco pela comunidade escolar.
2. Escolha das escolas
  - . Análise das condições viárias no entorno das escolas;
  - . Levantamento de dados sobre sinistros de trânsito.
3. Elaboração do projeto
  - . Definição dos objetivos;
  - . Desenvolvimento do projeto junto à comunidade escolar.
4. Implantação das intervenções
  - . Modificações nas vias;
  - . Sinalização horizontal / vertical / semaforica (conforme o caso);
  - . Presença de um controlador de tráfego da CET-Rio durante os primeiros dias, após a implantação, para orientar a população sobre as mudanças realizadas.

# EXPERIÊNCIA #7

## Área da Infância

### Ateliê Navio

#### Cidade e País

Jundiaí, Brasil

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Desenvolvimento e Coordenação: Ateliê Navio (Ursula Troncoso, Beatriz Paiva, Camilla Duarte, Giovanna Tozzi, Marina Amorim, Michele Pinheiro, Patricia Rabbat)

Iniciativa: Urban95 - Fundação Van Leer

Apoio: Prefeitura de Jundiaí

#### Mês e Ano de realização | Duração

Janeiro, 2023 | 1 ano e 6 meses



 @atelienvio

 [www.atelienvio.com](http://www.atelienvio.com)



O conceito da Área da Infância é composto por três pilares: um serviço público de atendimento às famílias, uma zona calma com elementos lúdicos e também uma área que proporciona o brincar ao ar livre com acesso à natureza.

A primeira Área da Infância de Jundiaí foi implementada no bairro Vila Arens. Ela ocupa uma área de aproximadamente 7.300m<sup>2</sup> e é composta por:

1. Fábrica das Infâncias Japy, sede do Comitê das crianças: Esse equipamento público, pensado para e com as crianças, é um local de encontro, de brincadeiras e aprendizados, de experimentação e de cultura, tudo de forma lúdica e divertida para as crianças. A Fábrica é também a sede oficial do Comitê das Crianças, criado em 2018, para que as crianças de Jundiaí tenham voz e participem do planejamento da cidade;

2. Parque Naturalizado Japy: Anexo à Fábrica das Infâncias, o parque foi implementado em uma área de aproximadamente 710m<sup>2</sup> e conta com diversos brinquedos não estruturados que propõem o livre brincar e o contato com a natureza;

3. Zona calma com elementos lúdicos: Primeiramente implantado com urbanismo tático, o projeto de remodelação viária buscou trazer maior segurança para as crianças e as famílias e tornar esse espaço público mais atrativo para eles. Assim foi desenvolvido um projeto de segurança viária com travessias seguras e redução da velocidade, por exemplo. Vagas de estacionamento para automóveis deram lugar para ampliações de calçada e para uma ciclovia educativa, com o objetivo de incentivar a mobilidade ativa e também criar um espaço seguro para as crianças aprenderem a usar a bicicleta em um contexto urbano. E também elementos de sinalização e pinturas ao longo da área de intervenção que buscam tornar o espaço mais atrativo para as crianças e incentivem o brincar.

## EXPERIÊNCIA #8

### Mi canchita: Diversión segura - Losa Zona H Huaycán

#### Anidare Company

##### Cidade e País

Lima, Perú

##### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Liderança social e impulso do projeto:

Organização Juvenil Q'umir Kuyuy

Design, Direção teórica e técnica: Anidare Company

Organização: Subgerência da Juventude da Gerência de Participação Comunitária da Municipalidade Metropolitana de Lima

Equipe técnica em campo: Tinqu Colab

Financiamento: Fundação Bernard van Leer

##### Mês e Ano de realização | Duração

Outubro - Dezembro, 2021; Março - Maio, 2022 | 6 meses independentes



@anidare\_company



<https://anidarecompany.wixsite.com/inicio>



É uma intervenção urbana tática projetada para criar um espaço seguro de brincadeira e convivência para a primeira infância e seus cuidadores, localizada na Zona H de Huaycán (Ate), uma área muito árida nos bairros orientais de Lima.

A Losa Zona H é composta por duas quadras em dois níveis, que desempenham o papel de um grande espaço recreativo comunitário. Embora as quadras sejam frequentadas por homens adultos jogando futebol nos fins de semana e algumas tardes, as crianças têm presença recorrente nas tardes. Os mais novos se concentram nos cantos das quadras, onde há caminhos informais que conectam as quadras às ruas em diferentes níveis, onde brincam com seus irmãos mais velhos ou cuidadores.

O projeto busca potencializar essas áreas marcadas pela infância. Ele visa criar um espaço semi-contido seguro para convivência e brincadeiras no canto da quadra superior, abraçado pela encosta semi-inclinada de contenção, cercado por hortas existentes e localizado na interseção da primeira e segunda plataformas com uma rua superior. O design focado na escala da primeira infância nos móveis,

elementos de proteção contra inclinações e pisos macios promove deslocamentos seguros para as crianças e uma atmosfera de brincadeira. Além disso, a vegetação proporciona contato com a natureza, dando identidade ao espaço e uma cobertura de sombra estende as estadias no local.

Atualmente, com a intervenção em funcionamento, o perfil de usuários principais, em termos de gênero e faixa etária, foi invertido, destacando a presença das mulheres e da primeira infância no espaço. Embora os jogos de futebol continuem ao redor, este pequeno setor da Losa é respeitado para as crianças, onde o foco é o jogo livre e psicomotor.

## EXPERIÊNCIA #9

### Crianças e a escadaria: uma história a ser contada

#### Apê-estudos em mobilidade

##### Cidade e País

São Paulo, Brasil

##### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Realização: apê-estudos em mobilidade (Julia Anversa, María Fernanda Godoy, Marieta Colucci, Tayná Messinetti e Alex Ninomia)

Patrocinador: SESC Vila Mariana

Doador: Escola Carandá Educação

Parceiros comunitários: Rua de Lazer Mauro II, Leyla Francisco e João Bandeira - Cabeça de Xícara

##### Mês e Ano de realização | Duração

Dezembro, 2022 | 3 semanas



 @apemobilidade

 <http://apemobilidade.org/>



O projeto "Crianças e a escadaria: uma história a ser contada" propôs reunir três grupos diferentes de crianças (do Projeto Curumim, da Escola Carandá e da Comunidade Mauro II) no Jardim da Saúde para realizar uma ação de ocupação do território por meio de atividades lúdicas e participativas, tendo como ponto de partida a escadaria que conecta a comunidade à Av. José Maria Whitaker e seus espaços adjacentes.

A avenida é destinada ao programa "Ruas de Lazer" aos domingos, e a escadaria funciona como espaço de acesso, passagem e permanência de forma mais intensa durante o horário do programa.

A partir do uso de ferramentas práticas como caminhada, escuta ativa, observação, memória e urbanismo tático, propôs-se mapear e intervir no território da comunidade Mauro II com crianças da região, acompanhadas por crianças da Escola Carandá e do Projeto Curumim do SESC Vila Mariana, a fim de iniciar uma parceria entre a comunidade e as instituições envolvidas, reconhecendo o poder do diálogo na transformação do território e a potencialização da sensação de pertencimento.

O projeto foi dimensionado para a participação de 30 crianças e cuidadores, com a previsão de, no mínimo, 50% das crianças participantes serem da Comunidade Mauro II. Inicialmente, a ideia era atingir crianças entre 7 e 12 anos, mas também incluiu crianças mais novas e pré-adolescentes.

O resultado da intervenção foi a transformação da escadaria em um espaço colorido e brincante, por meio de um processo participativo que deu protagonismo e voz ativa às crianças ao longo do processo.

# EXPERIÊNCIA #10

## Rota Escolar Amigável

### A pezito

#### Cidade e País

Porto Alegre, Brasil

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

O projeto contou com uma equipe multidisciplinar composta por dois urbanistas e um jornalista com experiência em comunicação.

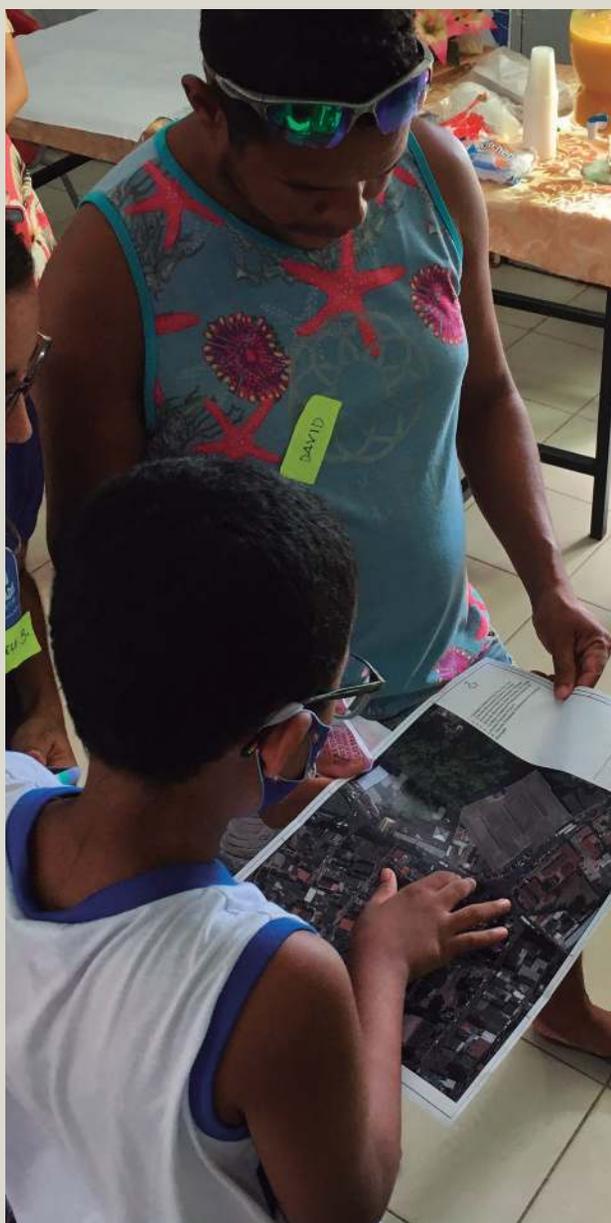
Essa iniciativa foi parte do programa de aceleração de projetos chamado "Vai Longe", promovido e financiado pela Tembici. Além disso, mais de 50 pessoas compraram a camisa do A pezito e parte do valor foi arrecadado para produção dos kits exploratórios do projeto.

#### Mês e Ano de realização | Duração

Setembro, 2022 | 4 meses

 @a\_pezito

 <https://www.apezito.org/rota-escolar-amig%C3%A1vel>





O Rota Escolar Amigável é um projeto dedicado a assegurar que as crianças e seus cuidadores tenham um trajeto diário seguro, inclusivo e saudável até a escola.

A edição mais recente ocorreu em Salvador, através de uma parceria entre a Tembici, a Prefeitura de Salvador e a Escola Municipal Sociedade Fraternal. O projeto uniu a comunidade escolar, moradores da vizinhança, vários setores da Prefeitura e organizações do terceiro setor, como objetivo de desenvolver soluções de micromobilidade para o entorno da escola, permitindo que as crianças possam caminhar e andar de bicicleta com segurança e conforto.

As atividades, realizadas ao longo de três meses, focaram nos direitos das crianças à participação ativa na cidade. As crianças se envolveram em ações que estimulavam a percepção do espaço, o sentimento de pertencimento e a interação com a vizinhança, utilizando desenhos, mapas e entrevistas.

Ao todo, o processo envolveu aproximadamente 450 pessoas e resultou na criação de um projeto para requalificação das ruas ao redor da escola e no desenvolvimento de um jogo para facilitar a replicação do processo.

A avaliação do projeto utilizou métodos quantitativos e qualitativos, permitindo uma análise profunda do impacto das atividades. Os indicadores foram divididos em três eixos principais: Colaboração, Apropriação e Mobilidade. O projeto teve ampla participação, com mais de 450 pessoas envolvidas diretamente ou indiretamente, incluindo 46 crianças em oficinas diretas e 16 técnicos da Prefeitura. A colaboração ativa entre a escola, organizações da sociedade civil e a Prefeitura foi fundamental para o sucesso da iniciativa.

Os resultados mostraram uma alta taxa de apropriação dos participantes em relação ao tema da mobilidade urbana, com uma média de 4,66 em uma escala de 0 a 5. Além disso, foi observado que a maioria dos deslocamentos diários para a escola é feita a pé (92,7%), com 77,20% desses realizados por mulheres, refletindo as condições de vulnerabilidade social enfrentadas por muitas famílias. O projeto destaca a importância de uma abordagem inclusiva na mobilidade urbana, que leve em conta as necessidades de gênero, idade e classe social, contribuindo para a criação de cidades melhores para todos.

# EXPERIÊNCIA #11

## Urbanismo tático e construção colaborativa: criação de um projeto piloto de Zona 30 no bairro Cachoeirinha (Belo Horizonte)

BHTRANS / Instituto Wuppertal / ITDP Brasil

### Cidade e País

Belo Horizonte, Brasil

### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Coordenação da intervenção: Eveline Prado Trevisan (BHTRANS)

Responsável pelo projeto: Janaina Amorim Dias (Instituto Wuppertal)

A proposta foi mediada pelo ITDP Brasil, principalmente representado por Danielle Hoppe (Gerente de Transportes Ativos do ITDP Brasil) e pela BHTRANS (Empresa de Transporte e Trânsito de Belo Horizonte), principalmente representada por Eveline Prado Trevisan (Coordenadora de Sustentabilidade e Meio Ambiente), com financiamento da Citi Foundation. O projeto e o acompanhamento deste foi desenvolvido pela Arquiteta Urbanista Janaina Amorim Dias, representando o Instituto Wuppertal. Diversos voluntários fizeram parte da intervenção ao longo do seu processo e durante o dia da execução in loco.

### Mês e Ano de realização | Duração

Abril, 2019 | 3 meses



@oficialBHTRANS



<https://prefeitura.pbh.gov.br/BHTRANS>



<https://wupperinst.org/>



<https://itdpbrasil.org/>





A intervenção urbana temporária da Zona 30 do bairro Cachoeirinha foi proposta pelo ITDP Brasil e BHTRANS, com apoio do Instituto Wuppertal e financiamento da Citi Foundation, e visava aumentar a segurança dos pedestres e reduzir a velocidade dos veículos.

O projeto foi implementado na rua Simão Tamm, que é frequentemente percorrida por veículos em alta velocidade, apesar de abrigar três escolas, uma igreja e um lar de idosos.

A partir de fevereiro de 2019, foram realizados encontros com a comunidade local, incluindo alunos de escolas, associação de moradores, Comissão Regional de Transporte e Trânsito da Regional Nordeste, comerciantes e prestadores de serviço da rua Simão Tamm. Esses encontros promoveram o aprendizado coletivo sobre segurança viária, desenho urbano e mobilidade sustentável além de serem identificadas prioridades e discutidas proposições de soluções para a área.

Durante a intervenção de quatro dias, técnicos e voluntários redesenharam as ruas para reduzir a velocidade dos veículos e desencorajar o tráfego de passagem. Foram adicionados mobiliário urbano temporário,

elementos de paisagismo e sinalização removível. Além disso, foi implantada uma chicana para alargar as calçadas e reduzir o raio de curvatura nos cruzamentos.

O resultado foi uma pronta apropriação do novo espaço de lazer: na noite de sexta-feira, dia 26 de abril, uma festa foi organizada pela Associação de Moradores e contou com show e apresentação de dança do lar de acolhimento de idosos. No sábado, uma atividade foi realizada com crianças, que pintaram parte da nova área de pedestres. No domingo, a associação BH em Ciclo e o coletivo Cicloficina de Rua organizaram uma oficina para reparo de bicicletas e uma roda de conversa sobre mobilidade urbana e bicicleta. No último dia da ação, uma apresentação teatral foi realizada para os alunos da Escola Estadual Mariano de Abreu.

# EXPERIÊNCIA #12

## Eje Traversal Chimbacalle - Laboratorio Urbano

### HABITAR COLECTIVO

#### Cidade e País

Quito, Equador

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Habitar Colectivo, Fundación Rescate de Chimbacalle - Municipio del Distrito Metropolitano de Quito

#### Mês e Ano de realização | Duração

Novembro, 2021 | 1 ano



 @habitarcolectivo.ec

 <https://habitarcolectivo.com/>



O projeto de regeneração urbana está profundamente enraizado no objetivo de revitalizar a mobilidade dos pedestres e os espaços públicos urbanos, utilizando a arte como uma ferramenta central para pacificação temporária do trânsito. A iniciativa tem como foco primordial eliminar as barreiras invisíveis que causam fragmentação e desconexão entre os bairros, resultando em insegurança e deficiência na comunicação entre os residentes e a população flutuante. Ao superar essas barreiras, o projeto busca não apenas transformar os espaços públicos, mas também criar laços mais fortes entre os habitantes, promovendo um senso de orgulho, identidade e apropriação comunitária.

Essas intervenções são desenvolvidas por meio de um processo de design colaborativo, onde são identificadas e priorizadas as necessidades específicas da vizinhança. Com essa abordagem participativa, espera-se alcançar uma série de resultados significativos, incluindo: maior acessibilidade aos serviços básicos, melhoria da infraestrutura pública, alternativas inovadoras para a gestão de resíduos sólidos, mudanças positivas na paisagem urbana, recuperação dos recursos naturais do território, e uma melhor mobilidade interna e conectividade entre diferentes setores da comunidade.

Os diagnósticos iniciais das áreas de intervenção revelaram que as principais

preocupações dos moradores estavam relacionadas à insegurança, percebida por 27% dos entrevistados, e ao mau uso dos espaços públicos. Este último grupo de problemas incluía a poluição sonora (21%), a presença de lixo (20%) e o consumo de álcool e drogas (20%). Com a conclusão das intervenções, tornou-se fundamental medir a percepção dos habitantes diretamente beneficiados pelo projeto, com o objetivo de contrastar esses dados com os índices anteriores à intervenção. Essa avaliação visa quantificar os avanços obtidos e identificar áreas que ainda necessitam de atenção, especialmente porque questões complexas como a insegurança podem ultrapassar a capacidade de resposta do projeto.

O objetivo primordial deste projeto de regeneração é criar espaços públicos que transcendem as divisões estruturais e sociais, promovendo a integração entre os habitantes de um mesmo espaço geográfico. A visão é que essa integração permita que diversos atores colaborem de forma eficaz, concentrando esforços para alcançar objetivos comuns que melhorem a habitabilidade do espaço, incentivem o comércio local e recuperem o orgulho de pertencer a essa comunidade. Em última análise, o projeto aspira a criar um ambiente urbano mais coeso, seguro e vibrante, onde todos os membros da comunidade possam prosperar.

# EXPERIÊNCIA #13

## Reocupação das Ruas

### Turba

#### Cidade e País

Porto Alegre, Brasil

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

A equipe proponente é composta pelas integrantes do Coletivo Turba: Paula Motta, Renata Saffer, Amanda Faraco, Valentina Fonseca, Gabriela Escobar, Mariana Marques, Fernanda Menegari e Luisa Silveira.

#### Mês e Ano de realização | Duração

Junho, 2022 | 1 noite



 @t.urb.a

 <https://www.instagram.com/t.urb.a/>



Propusemos uma caminhada para reocupação das ruas, de forma crítica e ativa, no contexto da reabertura pós-pandemia. No sábado 04 de junho de 2022 convidamos a todes para caminhar conosco pelas ruas do centro de Porto Alegre, durante a noite.

A concentração aconteceu na esquina da Sofia Veloso com a Lima e Silva, dali partimos em direção ao Centro Histórico, caminhando por ruas com nomes de mulheres, para entendermos quem foram essas mulheres e que papel elas tiveram na construção da cidade.

A ação teve como objetivo promover maior segurança na caminhabilidade de pessoas que se identificam com o gênero feminino durante um turno onde muitas de nós sentem-se vulneráveis no espaço público. Durante o percurso foram realizadas intervenções com stencil e giz com perguntas e afirmações sobre como nós, mulheres, nos sentimos caminhando pela cidade. Também propusemos pausas para conversas sobre vivências e percepções da cidade.

Como forma de aumentar o engajamento e a sensação de segurança, criamos um grupo de whatsapp para permitir que as participantes estivessem conectadas e

para que ninguém ficasse para trás caso fosse chegar depois ou desviar um pouco do percurso. Além disso, o grupo seguiu existindo para divulgação de outros eventos que tenham a mesma temática.

A caminhada encerrou em um local da cidade onde havia uma festa de rua e proporcionou a confraternização e criação de rede entre as participantes que não se conheciam mas partilhavam de interesses comuns.

# EXPERIÊNCIA #14

## Caminhar Afro Feminino

### Instituto Caminhabilidade

#### Cidade e País

São Paulo, Brasil

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Equipe proponente: Leticia Sabino, Louise Uchôa, Bethânia Boaventura

Apoio: BID Cidades

#### Mês e Ano de realização | Duração

Maio, 2021 | 08 meses



 @institutocaminhabilidade

 <https://caminhabilidade.org/>



O projeto "O Caminhar Afro-Feminino" foca-se na interseção de gênero e raça, destacando as experiências de meninas e mulheres negras nas ruas do centro histórico de Salvador. A iniciativa combina a caminhabilidade com o desenvolvimento do turismo responsável, analisando as condições dos espaços públicos para criar ambientes que acolham e representem essas mulheres.

Utilizando uma metodologia participativa, o projeto reuniu três grupos principais: servidoras/es públicos, mulheres afro-empresendedoras e trabalhadores/as do setor turístico. Juntos, esses grupos diagnosticaram o centro da cidade, buscando soluções que promovam a segurança e a representatividade de mulheres negras no espaço urbano. Essa colaboração entre diferentes atores do planejamento urbano e da tomada de decisões visou garantir que as populações marginalizadas participem ativamente das transformações territoriais.

O principal resultado foi dar visibilidade às demandas de gênero e raça relacionadas ao uso do espaço público e à caminhabilidade. Além disso, o projeto fortaleceu a relação entre turismo e caminhabilidade, fornecendo dados para melhorar a

qualidade dos espaços públicos para os moradores da cidade. As interações entre os 35 participantes de diferentes grupos (servidores públicos, empresárias negras e recepcionistas turísticos) criaram novas conexões e promoveram um entendimento mútuo, contribuindo para a resolução de desafios urbanos e turísticos.

Outro impacto significativo foi o fortalecimento e o empoderamento das mulheres negras participantes, equipando-as com ferramentas e conceitos para reivindicar e influenciar a transformação da cidade. O projeto também deixou um legado importante para os servidores técnicos, destacando a importância de considerar gênero e raça em projetos futuros. Como resultado, foram propostas 20 soluções para melhorar os espaços públicos, e outros secretários e atores relevantes estão sendo envolvidos nesse processo de transformação.

Em resumo, "O Caminhar Afro-Feminino" não só criou um modelo de boas práticas participativas, mas também avançou na construção de uma cidade mais inclusiva e representativa, especialmente para mulheres e meninas negras.

## EXPERIÊNCIA #15

### O caminhar na cidade: oferecemos companhia

#### Universidade Federal de Sergipe (UFS)

##### Cidade e País

Sergipe, Brasil

##### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Maria Cecília Pereira Tavares, Damyler Ferreira Cunha, Marcia Cristina Baltazar, Joana Angélica Lavalle de Mendonça Silva, Cristina Barretto de Menezes Lopes, Nathália Felix Cerqueira, Caroline Viana Rebouças

##### Mês e Ano de realização | Duração

Março, 2023 | 3 meses



 @ufsdau

 ceciliatavares@ufs.br



Considerando o objetivo principal de compreender as abrangências do caminhar na cidade como uma prática estética e experiência urbana, esta ação tem como foco o bairro Siqueira Campos, em Aracaju, e investiga as diversas formas de caminhar como necessidade básica do habitar e de conexão dos moradores de um bairro com seu território, que potencializa os vínculos com o lugar, favorecendo uma apropriação dos espaços e a colaboração com seu desenvolvimento.

O bairro Siqueira Campos surge como uma aglomeração urbana a partir da rede ferroviária e suas oficinas de manutenção de trens, e se configura como importante bairro comercial e residencial. Conhecido por muitos anos como Aribé, o atual Siqueira Campos se caracteriza hoje como um bairro de média e baixa renda, abrigando diversos estabelecimentos comerciais e serviços de saúde. A paisagem urbana é marcada por intensa movimentação de pessoas e veículos, característica de áreas centrais, mas com baixa qualidade ambiental para o caminhar.

A ação consiste em desenvolver experimentações práticas de errância e registros de mapas psicográficos para

melhor compreensão das relações das pessoas com o bairro enquanto espaço e a paisagem.

Os procedimentos experimentados pelos situacionistas na Paris da década de 1960, as práticas de derivas experimentadas por Francesco Careri na Roma dos anos 2000 e outras práticas performativas experimentadas na cidade de São Paulo por Verônica Veloso serão detonadores de procedimentos que podem ser experimentados e criados pelo grupo em Aracaju.

Utilizamos a intervenção "Oferecemos Companhia" como metodologia onde os participantes desta ação oferecem companhia para deslocamentos a pé em uma barraquinha instalada nas ruas do bairro. Após os agendamentos os participantes acompanham as pessoas em trajetos a pé pelos bairros referidos buscando apreender o bairro pelo convívio efêmero em tais caminhadas. A cada dia percorrido fazíamos escritas rápidas de 7 minutos para os registros do dia.

## EXPERIÊNCIA #16

### ActivaTe: Piloto de movilidad urbana sostenible

#### Colectivo PLURAL

##### Cidade e País

Montevideo, Uruguai

##### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Noelia Botana - Consultora local para PNUD-MOVÉS para o desenho participativo, implementação e avaliação do piloto de urbanismo tático ActivaTe e Integrante do Colectivo Plural.

Instituições no âmbito das quais o projeto foi realizado:

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) Uruguai

Projeto MOVÉS (Projeto Global Environment Facility, implementado pelo PNUD e executado pelo Ministério da Indústria, Energia e Mineração (MIEM), Ministério da Habitação e Ordenamento do Território (MVOT), e Ministério do Meio Ambiente (MA), com colaboração da Agência Uruguia de Cooperação Internacional (AUCI))

Intendência de San José

Município de Ciudad del Plata

##### Mês e Ano de realização | Duração

Abril, 2023 | 9 meses

 @colectivo\_plural

 <https://moves.gub.uy/iniciativa/piloto-urbanismo-tactico-2/>





Activate é um projeto piloto de mobilidade urbana sustentável, uma iniciativa conjunta do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) Uruguai, do Projeto MOVÉS (Projeto Global Environment Facility, implementado pelo PNUD e executado pelo Ministério da Indústria, Energia e Mineração (MIEM), Ministério da Habitação e Ordenamento do Território (MVOT), e Ministério do Meio Ambiente (MA), com colaboração da Agência Uruguia de Cooperação Internacional (AUCI), da Intendência de San José e do Município de Ciudad del Plata.

A partir de um processo participativo envolvendo crianças, adolescentes e suas famílias no bairro Delta El Tigre, Ciudad del Plata (San José, Uruguai), conforme detalhado na seção de metodologia, foi co-desenvolvida, implementada e avaliada uma intervenção de urbanismo tático para enfrentar os desafios de mobilidade e acessibilidade enfrentados por esse grupo populacional em seus deslocamentos diários.

O processo Activate compreendeu 4 etapas: diagnóstico participativo, co-design, implementação e avaliação, envolvendo mais de 300 pessoas. Os locais selecionados para a intervenção foram escolhidos com base nos resultados do processo participativo e na priorização da comunidade local.

Descrição da intervenção de urbanismo tático:

1. Conversão da Rotatória (onde está localizada uma das 3 praças do bairro) em uma rua 30 com prioridade para ciclistas em tráfego misto, com definição de uma faixa para pedestres utilizando pintura e elementos delimitadores verticais (bolardos e vasos com vegetação), e travessias seguras para pedestres até a Rotatória através de ilhas triangulares intermediárias.

- Sinalização vertical e horizontal em todas as entradas da Rotatória indicando prioridade de passagem e limite de velocidade de 30 km/h.

- Elementos redutores de velocidade na entrada da Rotatória e pacificação viária através da redução da largura da via.

2. Transformação das ruas Saigón e Cuba, que dão acesso ao Liceu Delta El Tigre (instituição educacional) a partir da Rotatória, em ruas com prioridade para bicicletas em tráfego misto (rua 30) de sentido único, com delimitação de uma faixa para pedestres utilizando pintura e separadores verticais.

- Controle de tráfego através de sinalização horizontal e vertical de limite de velocidade e lombadas falsas.

- Travessias seguras (zebras).

- Instalação de painéis onde os adolescentes podem se expressar.

# EXPERIÊNCIA #17

## Praia da Bandeira

### Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático (Labit), PROURB-FAU/UFRJ

#### Cidade e País

Rio de Janeiro, Brasil

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Equipe proponente da apresentação para este evento: Rodrigo Rinaldi de Mattos, Renata Gomes Assumpção, Maria Eduarda Silva Cunha, Guto Santos, João Victor Pena Campos, Laisa Eleonora Marostica Stroher e Bruno Amadei Machado.

A ação foi desenvolvida no bairro da Praça da Bandeira pela turma A da disciplina Ateliê Integrado II da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ a convite do projeto Vida Local Rio 2022 que é uma iniciativa do Instituto Cultura Da Dinamarca (ICD), com patrocínio da Danish Art Foundation. Toda a coordenação do projeto e produção local no Rio de Janeiro é de responsabilidade do Instituto Agente Muda (I AM) e conta com apoio e parceria da Subprefeitura Da Grande Tijuca, Associação De Moradorese Amigos Da Praça Da Bandeira, FAU-UFRJ, Associação de Basquete de Veteranos do Rio de Janeiro (ABVRJ) e sociedade civil. Vida Local Rio 2022 faz parte do projeto expositivo COMMONS & COMMUNITIES (Comunidades & Bens Comuns)

#### Mês e Ano de realização | Duração

Setembro, 2022 | 4 meses

 @labit.prourb

 <https://intervencoestemporarias.com.br/intervencoes-temporarias-no-rio-de-janeiro/>





A intervenção urbanística “Praia da Bandeira” foi realizada no bairro da Praça da Bandeira, como parte do Projeto Vida Local, em colaboração com o Centro Sustentável e Democrático de Design Urbano (CSDDU) da UFRJ. Estudantes e professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ desenvolveram e executaram a ação, que incluiu exposições e simulações de futuras configurações urbanas mais amigáveis para o local.

Durante o evento, houve música, comida e workshops, incentivando a participação ativa da sociedade civil. A ação destacou o valor social da arquitetura e do urbanismo, focando na escala local da rua, do bairro e da vida cotidiana. Utilizando pinturas com stencil e materiais temporários, a intervenção também incorporou mobiliário urbano e elementos de ativação, como cadeiras de praia, guarda-sóis, pallets, andaimes, pula-pulas, vasos com plantas, barraquinhas e banheiros químicos. Um contêiner instalado por dois meses em um espaço público serviu como base provisória para o CSDDU, coordenado pelo Instituto Agente Muda (IAM).

A iniciativa Vida Local Rio, promovida pelo Instituto Cultural da Dinamarca e coordenada por Jesper Koefoed-Melson,

contou com a parceria da UFRJ, o LabIT-PROURB, moradores e instituições locais, e o apoio oficial da subprefeitura da Grande Tijuca.

A intervenção foi cuidadosamente planejada durante quatro meses, com três semanas dedicadas à preparação final. A ativação ocorreu em três etapas: montagem, evento e desmontagem. Aproximadamente 40 pessoas, incluindo alunos, professores e parceiros locais, participaram da montagem. No auge da atividade, cerca de 60 visitantes desfrutaram das atividades festivas, que incluíram apresentações musicais, comida, lazer infantil e distribuição de mudas de hortaliças. A recepção da comunidade local superou as expectativas, demonstrando grande adesão e interação positiva. A equipe adaptou-se a sugestões espontâneas dos moradores, como a pintura de uma faixa de pedestres, proposta por um transeunte.

Para avaliar o impacto da intervenção, foi realizada uma contagem do fluxo de pedestres e ciclistas durante e após o evento. Embora a natureza festiva da intervenção pudesse influenciar os resultados, a contagem foi útil para treinar os estudantes na técnica de medição e observação do espaço urbano.

## EXPERIÊNCIA #18

### O Céu da Mina d'água do Morro de Santa Marta

PPGARq / PUC-Rio

**Cidade e País**

Rio de Janeiro, Brasil

**Equipe proponente, doadores e patrocinadores**

Fernando Espósito Galarce

**Mês e Ano de realização | Duração**

Julho, 2022 | 3 dias



 @dau.puc\_rio

 <http://www.dau.puc-rio.br/pos-graduacao/?pagelid=90>



A intervenção corresponde à idealização e execução de uma microarquitetura de caráter efêmero e leve, de materialidade madeira (pinus) e tecido (lycra), localizada na Mina d'água do Morro de Santa Marta. A Mina é um lugar de identidade e memória da favela de Santa Marta. Durante décadas foi um lugar de encontro onde os moradores lavavam roupa, a louça e as panelas, e tomavam banho. Na Mina as pessoas conseguiam a água que era levada para casa, especialmente nos verões quando o calor fazia com que os moradores e moradoras disputassem um lugar na fila para conseguir satisfazer suas necessidades fundamentais. A Mina d'água do morro de Santa é, por tanto, um dos lugares fundacionais da favela e da construção do sentimento de comunidade.

A intervenção intitulada Céu da Mina d'água do Morro de Santa Marta consiste é uma estrutura de madeira e tecido, leve e efêmera, que gera uma cobertura para a Mina. O objetivo foi dar um destaque a este lugar num momento de celebração durante a execução de uma outra intervenção desenvolvida por estudantes da FAU UFRJ (O Mapa Muro). Uma vez construído este Céu, em um ato coletivo com participações de todas e todos os moradores presentes,

foram penduradas mensagens dedicadas à comunidade. Estas mensagens foram escritas pelos próprios moradores em cubos de madeira de 5x5x5 centímetros e penduradas na estrutura com barbantes vermelho, criando uma espécie de móbile de mensagens sobre a Mina.

A intervenção foi idealizada e construída com participação de estudantes de graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio.

## EXPERIÊNCIA #19

### Padrinos del Espacio Público

#### Defensoría del Espacio Público-Escuela de Espacio Público

##### Cidade e País

Bogotá, Colombia

##### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Equipe proponente: Robert Castillo Ramírez - Líder da Escola de Espaço Público do DADEP (Departamento Administrativo de la Defensoría del Espacio Público), Cindy Ramírez - Componente Social da Escola de Espaço Público, Ana Milena Ramos - Componente Urbanístico da Escola de Espaço Público, John Stik Quintero - Componente Arquitetônico da Escola de Espaço Público, Carlos Quintero - Apoio Administrativo da Escola de Espaço Público

Doadores Eventuais: Organismos multilaterais; Organizações Não Governamentais (ONGs) de habitação, desenvolvimento e cidadania; Organizações distritais, nacionais e internacionais; Empresas privadas; Entidades públicas distritais; Instituições acadêmicas

Patrocinadores: Empresas privadas; Entidades públicas distritais; Instituições acadêmicas; Organismos multilaterais; Organizações Não Governamentais (ONGs) de habitação, desenvolvimento e cidadania; Organizações distritais, nacionais e internacionais

##### Mês e Ano de realização | Duração

Novembro, 2022 | 5 meses

 @DadepBogota

 <https://escuela.dadep.gov.co/?p=3649>





O programa "Padrinhos do Espaço Público" visa ser um modelo pedagógico que transforme a forma como nos relacionamos com o espaço público. Ele promove a apropriação, a interação e a criação de imaginários e símbolos, incentivando a tolerância, a não-violência, a celebração de acordos e a sustentabilidade dos espaços públicos por meio de um trabalho colaborativo com a cidadania.

Para o desenvolvimento de processos voluntários e comunitários focados na sustentabilidade e corresponsabilidade do espaço público, as comunidades são essenciais. Elas permitem que indivíduos, de forma autônoma, participem das decisões e se tornem atores corresponsáveis pelos projetos coletivos.

Em julho de 2022, foi lançado o concurso "PADRINHOS DO ESPAÇO PÚBLICO", no qual 25 organizações comunitárias se inscreveram e duas foram selecionadas como vencedoras. Essas organizações propuseram a revitalização de dois parques de bairro, que foram revitalizados em colaboração com a comunidade no âmbito do concurso.

Antes da revitalização, foi realizado um trabalho preparatório de um mês e meio

utilizando a metodologia de participação ativa do Laboratório de Espaço Público da entidade. Com base nas necessidades expressas pela comunidade, foram criadas passagens para pedestres seguras, projetadas por estudantes da disciplina de Urbanismo Tático e Placemaking da Faculdade de Arquitetura da Universidade América. Essas passagens foram pintadas nas vias com a ajuda dos estudantes, da comunidade e do grupo de Defensores e da Escola de Espaço Público da Defensoria do Espaço Público (DADEP).

Além disso, foram pintados jogos infantis, bancos e mobiliário urbano em geral. Árvores e plantas foram plantadas, as áreas verdes e os caminhos pedonais foram limpos, e hortas urbanas foram instaladas. Essas atividades ocorreram ao longo de cinco meses, com a assistência de várias entidades públicas distritais.

## EXPERIÊNCIA #20

### Barrios altos - De un lugar inseguro a uno lleno de arte y participación vecinal

Irene Alejandra Carrasco Moya

#### Cidade e País

Bogotá, Colombia

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

A equipe foi formada por Irene Alejandra Carrasco Moya, coordenadora do projeto de Gestão de Participação Comunitária da Prefeitura Metropolitana de Lima, Mary Carmen Ascoy Noriega, Gerente de Participação Comunitária da Prefeitura Metropolitana de Lima, e pela organização Coronel Zubiaga, presidida por Pablo Chávez Parapar.

#### Mês e Ano de realização | Duração

Novembro, 2022 | 5 meses



 @panconpejerrey

 alejandra.carrasco@pucp.pe



A rua Centro Escolar, em Barrios Altos, era usada como estacionamento e servia de esconderijo para ladrões, além de ser um local de consumo de bebidas alcoólicas devido à falta de iluminação. Aproveitando que a rua fisicamente se assemelha a um passadiço, os moradores de Coronel Zubiaga, em coordenação com a Gerência de Participação Comunitária da Prefeitura Metropolitana de Lima, onde coordenei a área de projetos, realizaram intervenções de urbanismo tático. Estas ações foram apoiadas por outras gerências, como a de Serviços à Cidade, e incluíram muralizações participativas organizadas pela Gerência de Cultura.

Durante esse processo, os moradores se empoderaram, registrando-se no Registro Único de Organizações Sociais (RUOS) da Prefeitura de Lima e continuaram com o projeto mesmo após o término da gestão inicial, buscando agora financiamento para manutenção e aprimoramento dos equipamentos. O espaço foi adaptado para atender tanto adultos quanto crianças. Os adultos geralmente utilizam os bancos instalados, enquanto as crianças aproveitam os brinquedos feitos de MDF e as pinturas no chão. Além disso, foram colocados vasos ao longo do passadiço, que são cuidados pelos moradores, nos quais estão plantando vegetais.

Atualmente, os moradores organizam eventos para a comunidade e até celebraram o aniversário de um ano da intervenção. Aproximadamente 700 pessoas foram beneficiadas, incluindo frequentadores do mercado, os moradores da Centro Escolar, do Psj. Capitán Ruiz Diaz, a ONG Punto Corazón e os alunos do Colégio República de Guatemala.

Os workshops participativos para o design do espaço e dos murais envolveram crianças, jovens e idosos, refletindo tanto a identidade histórica de Barrios Altos quanto a que está se formando nas novas gerações. Como resultado do novo uso do espaço, nem ladrões nem carros frequentam mais o local, demonstrando que, mesmo em uma área considerada perigosa, é possível realizar mudanças significativas com o apoio de instituições e ONGs, sempre em colaboração com os moradores.

A intervenção demonstrou que, com um planejamento cuidadoso e a participação ativa da comunidade, é possível transformar áreas degradadas e perigosas em espaços seguros e acolhedores para todos. A experiência em Barrios Altos destaca a importância do urbanismo tático e das ações comunitárias para revitalizar e ressignificar os espaços urbanos, promovendo a convivência e o desenvolvimento social em regiões historicamente marginalizadas.

# EXPERIÊNCIA #21

## Mejoramiento de Barrio en Comunidad Asunción

### Glasswing International

#### Cidade e País

San Salvador, El Salvador, CA

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Equipo de espacios públicos para el desarrollo de Glasswing

#### Mês e Ano de realização | Duração

2021 | 4 meses



 @glasswingstv

 adubon@glasswing.org



A intervenção na Comunidade Asunción surge após a remodelação do Parque Cuscatlán, um importante parque metropolitano em El Salvador. Durante essa remodelação, foram identificadas comunidades com alto nível de deterioração, pobreza e estigmatizadas como perigosas. A Comunidade Asunción está situada perto de um rio, em um terreno acidentado, com moradias construídas ao longo de nove trilhas para pedestres. As casas são feitas de materiais diversos como tijolos de concreto, folhas de metal e taipa. Essa comunidade possui mais de 60 anos de história e se formou devido à migração do campo para a cidade. Inicialmente, um grupo de famílias se estabeleceu em terrenos estatais e atualmente os habitantes possuem títulos de propriedade, embora as condições das suas moradias permaneçam precárias.

A intervenção na Comunidade Asunción foi realizada utilizando a metodologia de placemaking e contou com ampla participação dos seus habitantes. Especialistas em urbanismo, arquitetura e gestão social, junto com técnicos da municipalidade de San Salvador, orientaram o processo de intervenção.

Foram organizados workshops de co-design chamados "Minha Comunidade Ideal" e "Workshop de Orgulho" para conhecer os interesses de melhoria dos habitantes e descobrir as características que lhes geram orgulho na comunidade. Durante esses workshops, foi expressa a necessidade de um espaço público, melhorias nas moradias e criação de áreas de lazer e recreação. Com essas informações, foi intervencionada a casa comunitária da comunidade para criar um pocket park. Foram pintados murais, fachadas e ruas para sinalizar calçadas e áreas de jogo. Além disso, foi implementada uma agenda de atividades que inclui workshops de artesanato, projeções de cinema noturno e sessões de autocuidado direcionadas às mulheres, entre outras iniciativas.

O processo de intervenção durou quatro meses e atualmente continua em andamento com atividades de ativação comunitária.

## EXPERIÊNCIA #22

### Laboratório 2030 de pedagogia urbana e os ODS no DF

#### Instituto COURB

#### Cidade e País

Brasília, Brasil

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Instituto COURB

Patrocinador: CAU-DF

#### Mês e Ano de realização | Duração

Dezembro, 2021 | 6 meses



 @institutocourb

 <http://www.courb.org/>



O projeto visou executar atividades com alunos de instituições públicas de ensino médio, começando pelos centros de ensino do Recanto das Emas-DF, e treinar os professores de educação básica locais.

O objetivo era ampliar os conhecimentos sobre cidades sustentáveis e inclusivas, além de desenvolver habilidades necessárias para fomentar o engajamento. O intuito era fortalecer a cidadania, a mobilização e o controle social que apoiam a transformação urbana, promovendo o desenvolvimento de cidades e comunidades sustentáveis.

O Laboratório de Pedagogia Urbana foi desenvolvido através de oficinas semanais oferecidas aos alunos aos sábados, culminando em uma intervenção simbólica em um espaço público na cidade e um seminário online de pedagogia urbana como encerramento do projeto. Dessa forma, foi possível avançar no entendimento dos alunos sobre a cidade como um território educador, sem prejudicar as atividades curriculares e permitindo o conhecimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) como parte do currículo escolar. Além disso, foi oferecida uma capacitação para os professores envolvidos, com o intuito de consolidar o poder de replicação do projeto

e contribuir para o constante trabalho com os ODS junto ao aprendizado dos alunos em diferentes níveis do ensino básico.

A capacitação dos professores sobre a temática dos ODS e o trabalho de conscientização com crianças e adolescentes foi o principal resultado alcançado. Adicionalmente, a intervenção em um local abandonado da cidade, transformando-o em uma praça próxima à escola, serviu como uma forma de ensinar aos alunos como podem mudar a cidade e replicar práticas de intervenção social. O envolvimento direto dos alunos se expandiu para a comunidade próxima, tornando-se uma parte legítima na intervenção final.

Dessa maneira, o projeto não só promoveu a educação ambiental e a cidadania, mas também criou um impacto duradouro na comunidade, demonstrando como a educação e a ação comunitária podem se unir para transformar realidades urbanas.

# EXPERIÊNCIA #23

## Pulsa Bairro

### Massapê

#### Cidade e País

Recife, Brasil

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

O projeto foi concebido e realizado de forma colaborativa, contando com a participação de uma equipe multidisciplinar composta por urbanistas sociais, artistas urbanos, fotógrafos, cineastas locais e construtores locais e não locais. Ao longo de um período de 9 meses, que compreendeu todo o ciclo de aproximação, um total de 34 pesquisadores e pesquisadoras locais, estratégia fundamental para o engajamento e adesão da comunidade à pesquisa.

As atividades relacionadas ao registro audiovisual do projeto, incluindo fotografias, vídeos e entrevistas, ficaram a cargo de um cineasta local e de dois fotógrafos parceiros do Massapê. Já a execução e o desenho das intervenções contaram com a participação ativa tanto dos construtores locais quanto dos construtores não locais. Por fim, os urbanistas sociais trouxeram uma compreensão aprofundada das dinâmicas sociais e urbanas da comunidade, contribuindo para o planejamento estratégico e a concepção das intervenções. Essa abordagem colaborativa e diversificada permitiu a

integração de diferentes perspectivas e expertise, enriquecendo significativamente o resultado final.

Todo o projeto foi financiado pelo Instituto Shopping Recife, instituição que trabalha com educação, profissionalização, cultura e esportes, convivência comunitária, saúde e meio ambiente dentro da Comunidade de Entra Apulso, e recebeu doação de tintas das Tintas Coral.

#### Mês e Ano de realização | Duração

Setembro, 2022 | 2 anos e 9 meses

 @coletivomassape

 [www.massapecoletivo.org](http://www.massapecoletivo.org)



O Pulsa Bairro é uma iniciativa promovida pelo Instituto Shopping Recife em parceria com o Massapê, com o objetivo de valorizar e fortalecer os espaços públicos, a identidade e a cultura local da comunidade de Entra Apulso. O projeto buscou promover a colaboração e a articulação entre os diferentes atores urbanos do território, por meio de um amplo processo de engajamento.

O processo de intervenção foi dividido em dois ciclos principais: Aproximação e Fazendo Lugares Juntos. No ciclo de Aproximação, realizou-se o diagnóstico comunitário, com objetivo de democratizar o acesso às questões socioculturais, ambientais, territoriais, econômicas produtivas e afetivas da comunidade e fornecer subsídios para a tomada de decisões na elaboração de políticas públicas e ações de melhoria na habitabilidade do local. Realizado durante a pandemia de COVID-19, foram adotadas medidas e estratégias para garantir a participação ativa e efetiva da população, respeitando todas as precauções necessárias. Esse ciclo durou aproximadamente nove meses e envolveu mais de mil pessoas da comunidade.

No ciclo Fazendo Lugares Juntos, que ocorreu após o ciclo de Aproximação, buscou-se traçar alternativas criativas para o uso e ocupação dos espaços públicos da comunidade. As intervenções urbanas propostas tiveram como objetivo aproveitar melhor os vazios urbanos, tendo em vista o adensamento construtivo da região, de forma a fortalecer o senso de coletividade e a apropriação cidadã desses espaços. As propostas foram discutidas e validadas junto à comunidade, sendo detalhadas pela equipe de projeto e executadas por prestadores de serviço locais e especializados, com o uso de materiais duráveis. Esse ciclo durou aproximadamente 2 anos e envolveu mais de 300 pessoas da comunidade em atividades de formação, de cocriação, de validação, de ativação e muito mais.

## EXPERIÊNCIA #24

### Parque de la familia

**Grupo Dromos - Associação para o Desenvolvimento e a Pesquisa a partir da Arquitetura**

**Cidade e País**

Lima, Perú

**Equipe proponente, doadores e patrocinadores**

Gestão e atividades: Grupo Dromos e Vizinhos do AA.HH. Príncipe de Asturias.

Doação de vegetação: SERPAR (Serviço de Parques de Lima)

**Mês e Ano de realização | Duração**

Abril, 2023 | 1 mês



 @grupo.dromos

 <https://grupodromosperu.wixsite.com/grupo-dromos>



A intervenção surgiu a partir de uma solicitação dos residentes do AA.HH. Príncipe de Asturias em Villa el Salvador, em dezembro de 2020, com o objetivo de melhorar a qualidade do espaço público, que até então era percebido como inseguro. Devido à pandemia, as primeiras reuniões entre a organização, os líderes comunitários e os vizinhos foram realizadas por videoconferência. Dessa forma, os residentes puderam expressar suas necessidades e requisitos para o que eles chamavam de "parque dos sonhos". Foram realizadas pesquisas, e adultos e crianças elaboraram desenhos de suas ideias. Além disso, foram realizadas reuniões periódicas para acompanhar o processo. Este processo permitiu estabelecer as diretrizes de design que respondessem aos requisitos apresentados.

No final de março de 2021, a proposta formal foi registrada e foram propostas diferentes etapas para sua implementação. A falta de financiamento econômico foi a principal limitação para a execução do projeto. Por essa razão, considerou-se que a etapa mais importante para começar, devido à alta radiação solar e ao clima quente do local, era fornecer sombra. Em abril de 2021, em colaboração com o SERPAR (Serviço

de Parques de Lima), foram traçados os caminhos e plantadas árvores das espécies disponíveis na região.

Em 2023, iniciou-se o processo de pintura de jogos nas calçadas do parque, contando com a participação dos vizinhos. Esta proposta está em andamento e, desde o seu início, tem sido bem recebida e utilizada pelas crianças do local, proporcionando-lhes um espaço seguro para recreação.

Foi alcançada a participação ativa da comunidade no processo de design, criando um forte senso de pertencimento e apropriação do projeto. O processo contribuiu para a geração de confiança e transparência entre a associação e os moradores, ao apresentar o design baseado nas diretrizes estabelecidas durante a fase de design participativo, o que permitiu manter uma comunicação contínua com a comunidade e avançar no desenvolvimento da proposta global. A qualidade e funcionalidade do espaço público foram melhoradas, proporcionando à comunidade um ambiente mais agradável, seguro e adaptado às suas necessidades.

# EXPERIÊNCIA #25

## Proyecto Territorios

### PROYECTO TERRITORIOS

#### Cidade e País

Buenos Aires, Argentina

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Equipo proponente: Javier Sandoval Velásquez, Juana de Oromí y Melisa Rolón (Equipe curatorial). Edwin Alva Torres, Gabriela Golder, Candela del Valle, Agustina Woodgate, Juliana Iriart e Edgardo Rojas (Artistas).

Patrocinadores: Ministerio de Cultura através do "Fondo Nacional de las Artes" (FNA).

Colaboradores: Universidad Nacional de las Artes (UNA), Instituto de Vivienda de la Ciudad (IVC), Universidad Popular de Belgrano, Kiosco Lalo, Centro Hipermediático Experimental Latinoamericano (cheLA), Club Cultural Céspedes e SACH (se agrando Chacarita), além de oficinas dos bairros Chacarita, Villa Ortúzar e Parque Chas.

#### Mês e Ano de realização | Duração

Dezembro, 2021 | 2 meses

 @proyectoterritorios

 <https://linktr.ee/proyectoterritorios>





A primeira edição (2021) do projeto realizou várias intervenções significativas no bairro de Chacarita:

1. Todo lo que ven mis ojos es mío (mural e intervenção site specific): Uma intervenção numa quadra esportiva do Playón de Chacarita, baseada em desenhos feitos pelos moradores que descreviam transformações em suas casas durante processos de reurbanização. Um mural foi criado em um workshop onde crianças e moradores participaram ativamente.

2. Camino Blando (instalação): Dez bandeiras foram instaladas ao longo de 0,54 km da rua Teodoro García, conectando poeticamente o campo esportivo de Villa Fraga ao clube oficial de Chacarita.

3. Todo lo que vemos son ruinas futuras (intervenção site specific): Intervenção em dois terrenos baldios de Chacarita com pôsteres e realidade aumentada, representando ecossistemas locais.

4. Piedra Fraga (escultura): Esculturas foram instaladas na praça pública Celedonio Flores, resultado de workshops comunitários na Villa Fraga.

5. Rayuela (intervenção site specific): Uma grande amarelinha foi criada em duas calçadas, convidando as crianças da Escola 13 D.E. 9 Raúl Scalabrini Ortiz para participar.

6. Nada es Ajeno (letreiro de néon): Instalado numa despensa histórica de Chacarita, simbolizando a colaboração com os moradores.

O projeto buscou promover processos colaborativos e práticas artísticas comunitárias, envolvendo moradores e diversas organizações locais. Foram realizados circuitos de intervenções, workshops artísticos e estabelecidas parcerias com o Instituto de Vivienda de la Ciudad (IVC) e outras entidades, com apoio financeiro do Ministério da Cultura através do programa Fondo Nacional de las Artes. Este trabalho não pretende ser conclusivo, mas sim iniciar uma reflexão sobre os impactos culturais e identitários dessas intervenções em Chacarita, marcando o início de um processo de exploração mais profundo sobre o tema.

## EXPERIÊNCIA #26

### LabIC Novale e as práticas experimentais de design de interação urbana

#### LabIC Novale

##### Cidade e País

Jaraguá do Sul, Brasil

##### Equipe executora

Laryssa Tarachucky; Cristiane Karina da Fonseca; Rodrigo Willemann; Bruna Borgheti; Taís Urquizar e Nelson Martins de Almeida Netto.

##### Mês e Ano de realização | Duração

Novembro, 2021 | 3 dias



 @labicnovale

 labicnovale@gmail.com



O 1º Workshop LabIC Novale foi uma atividade realizada entre os dias 5 e 7 de novembro de 2021, que representou um marco na trajetória do Centro de Inovação Novale Hub, lançando oficialmente seu laboratório de inovação cidadã. O evento reuniu um público vindo de onze cidades brasileiras e portuguesas e teve como objetivo principal amparar a co-criação de soluções tecnológicas para os desafios urbanos de Jaraguá do Sul.

O processo de formação dos grupos de trabalho iniciou com uma convocatória aberta à comunidade, para a qual cidadãos de Jaraguá do Sul e municípios vizinhos foram convidados a propor soluções para problemas que afetam a vida em comum. A convocatória de ideias resultou na seleção de seis projetos inovadores: Cozinha Comunitária, Biblioteca Virtual para Todos, Dia da Limpeza Permanente, Salas de Aula Inteligentes, Dandara e App Colaborativo Doador + ONG. Cada proposta, elaborada por cidadãos engajados e organizações locais, abordou temáticas sensíveis à comunidade local, como o acesso a estruturas de trabalho formal, a disseminação da literatura e a melhor distribuição de recursos.

Em seguida, uma convocatória de colaboradores foi realizada para a formação dos grupos de trabalho, que tiveram a missão de desenvolver protótipos para as soluções selecionadas. Ao longo de três dias intensos de oficinas, os participantes, com diferentes habilidades e conhecimentos, colaboraram ativamente na construção de soluções tecnológicas com potencial de impacto social.

O 1º Workshop LabIC Novale demonstrou o potencial da inovação cidadã como ferramenta para transformar as cidades. A iniciativa, que contou com o apoio do programa Iberbibliotecas e da Fundación para el Conocimiento madri+d, fez parte do projeto internacional Laboratorios Ciudadanos Distribuidos, promovido pelo Medialab Prado e pelo Ministério de Cultura e Deporte da Espanha.

Todos os projetos desenvolvidos durante o workshop foram documentados e estão disponíveis para consulta pública no site <https://labsbibliotecarios.es/laboratorio/labic-novale/>.

# EXPERIÊNCIA #27

## Mapa-Muro: Santa Marta

**Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático (LabIT),  
PROURB-FAU/UFRJ.**

### Cidade e País

Rio de Janeiro, Brasil

### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

A equipe proponente é composta por Gabrielle Queiroz da Rocha, Paulo Henrique Batista dos Santos Martins e Mariana Cunha Caetano. O trabalho é parte do projeto "Co-creation in marginalised urban areas", financiado pela União Europeia e coordenado pelas universidades Oxford Brookes e de Bath, na Inglaterra, Unam, no México, e PUC-Rio, no Brasil. É fruto da parceria do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio com o grupo ECO Santa Marta e o coletivo Brazilidade, com o Laboratório de Observação do Espaço Habitado (LObE-Hab), do PPGArq/DAU/PUC-Rio, e com o Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático (LabIT), do PROURB-FAU/UFRJ.

### Mês e Ano de realização | Duração

Julho, 2022 | Três dias



@labit.prourb



<https://intervencoestemporarias.com.br/intervencoes-temporarias-no-rio-de-janeiro/>



# MAPA-MURO - SANTA MARTA -



0 25 50m

ESCALA 1:450



O projeto "Mapa-Muro" consiste, conceitualmente, na intervenção em uma parede externa, muro ou fachada localizada em uma favela, reproduzindo o mapa da própria comunidade através de um mosaico de cacos de tijolo. A intervenção aqui apresentada foi a produção coletiva do mapa da favela Santa Marta, área de foco do projeto.

Realizado entre os dias 8 e 10 de julho de 2022, o projeto foi realizado em mutirão com estudantes de arquitetura, parceiros e moradores locais, buscando destacar a identidade local sob uma perspectiva diferente da habitual dos moradores – a visão pedestre. Dessa forma, através da arte e da cartografia afetiva, os moradores puderam fortalecer o sentimento de pertencimento, promovendo a identidade e o acesso à arte.

Localizado em uma área de grande importância histórica e cultural, o projeto foi inaugurado na Praça da Mina com uma oficina onde os moradores elaboraram desenhos ao lado do mapa, expressando a memória afetiva da comunidade. Com a recuperação da Primeira Mina D'água, o local se torna um novo ponto de encontro onde é possível identificar a diversidade de instituições atuantes em Santa Marta.

O projeto piloto foi realizado na favela Rio das Pedras em 2018, recebendo o prêmio Ações Locais da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro em 2020. Como resultado, foi elaborado um manual para a execução do projeto, indicando sua viabilidade de replicação em Santa Marta e outras favelas, revelando o potencial de disseminação dessa experiência.

## EXPERIÊNCIA #28

### Compostagem Comunitária e Regeneração de Praça na Zona Oeste de São Paulo

Coletivo das Vilas Beatriz, Ida e Jataí

**Cidade e País**

Sao Paulo, Brasil

**Equipe proponente, doadores e patrocinadores**

Coletivo das Vilas Beatriz, jataí e Ida

**Mês e Ano de realização | Duração**

Maio, 2023 | 6 anos



 @vilasbeatrizidajatai

 www.coletivodasvilas.com.br



Neste trabalho apresentamos a experiência de compostagem comunitária realizada na praça Carlos Monteiro Brisola, Bairro Vila Madalena, Zona Oeste de São Paulo, e organizada pelo Coletivo das Vilas Beatriz, Ida e Jataí. Outras três praças vizinhas têm sido usadas por este coletivo para compostar comunitariamente e para se encontrarem através de atividades culturais e festas desde 2017. O caso que trazemos é expressivo pela maneira como se conjugou a compostagem e o fortalecimento dos vínculos comunitários com a regeneração da própria praça. Esta ação procura uma alternativa para o tratamento dos resíduos orgânicos no município de São Paulo. A compostagem se baseia no método termofílico desenvolvido pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Os vizinhos composteiros se reúnem semanalmente aos domingos trazendo em baldes seus resíduos orgânicos e folhas secas, e a composteira é alimentada. O composto gerado após a maturação é utilizado nas praças ou levado para hortas e jardins domésticos. A atividade de compostagem interage com outras ações no território, como regeneração de praças, cultivos de plantas comestíveis, especialmente PANCs, eventos festivos e culturais. Ação autônoma, sem apoio do governo local.

A Praça Brisola foi construída em situação de declive acentuado, estando até antes da intervenção com muitas erosões e solo empobrecido. Pelo declive e as chuvas, grande quantidade de terra era escoada para as calçadas e pela rua abaixo, causando entupimentos a jusante. Foram construídos, na base de mutirão e simultâneo ao trabalho de compostagem, terraços para conter a erosão, mesa de picnic e múltiplos, pequenos jardins de chuva ao longo do terreno da praça, retardando o escoamento da água. Os jardins foram construídos com material proveniente da composteira e galhos e troncos da própria praça, causando maior penetração da água no solo.

A praça atualmente se encontra com solo regenerado, jardins viçosos e trilhas, passando a ser um local de encontro comunitário.

## EXPERIÊNCIA #29

### Museu Ambulante

**CasaDuna - Centro de Arte, Pesquisa e Memória de Atafona e Grupo Erosão de Teatro e Artes Visuais**

#### Cidade e País

São João da Barra, Brasil

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Direção artística, produção e pesquisa: Fernando Codeço, Curadoria, produção e pesquisa: Julia Naidin. Produção e arte-educação: Mariana Moraes; Assessoria de comunicação e arte-educação: Lucia Talabi; Arte-educação: Jailza Mota e Rachell Rosa; Cenografia e figurino: Rafael Sánche. Patrocinadores: Sesc-Campos, Sesc-RJ e UENF

#### Mês e Ano de realização | Duração

Abril, 2021 | Cada ação pública do Museu Ambulante dura em média 3h



 @casadunaduan

 @grupoerosao

 [www.casaduna.org](http://www.casaduna.org)



O Museu Ambulante foi criado em 2021 como uma proposta desenhada para mobilizar a comunidade de Atafona em torno da memória de seu território que foi e segue sendo atingido pela erosão costeira. Também como exercício de valorização de suas histórias, tradições e manifestações culturais. Uma experiência que cruza práticas de teatro de rua e uma pesquisa de metodologia em museologia social, unindo o trabalho de arquivo desenvolvido pela CasaDuna desde 2017, com as pesquisas do grupo teatral Grupo Erosão.

Operamos o deslocamento do suporte da bicicleta Devir-a-lata, criada originalmente para o espetáculo de teatro de rua TEMPONTAL do Grupo Erosão, transformando-a em suporte manipulável para expor o trabalho de arquivo. Esse dispositivo ganhou autonomia em relação ao espetáculo e se transformou em uma plataforma performática de museologia social, criando jogos teatrais e exposições de arte ao ar livre. A primeira performance em Atafona, em 2021, deu origem a um média-metragem, dirigido por Jô Serfaty e Fernando Codeço, "Museu Ambulante", realizado em Atafona (2021) ganhador do Prêmio Jean Rouch no 4º Festival Etnográfico do Pará.

Em 2023, a CasaDuna recebeu um novo acervo, e direciona o trabalho do Museu Ambulante à outra parte do rio. Uma nova entrada em outra veia do Paraíba do Sul, em Campos dos Goytacazes. Outros materiais enriqueceram do acervo neste contexto: O trabalho de Felipe Fittipaldi, premiado pela National Geographic, que acompanha o processo de Atafona na última década, e imagens históricas do início do século XIX, do Acervo da Memória Iconográfica e do Centro de Memória Fotográfica de Campos-RJ.

# EXPERIÊNCIA #30

## Parque Naturalizado Pinheirão

### Estúdio+1

#### Cidade e País

São Paulo, Brasil

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Equipe de projeto: Estúdio+1, Instituto Alana e Coletivo Taboa

Patrocinadores: Fundação Bernard van Leer

Apoio: Prefeitura Municipal de Caruaru

#### Mês e Ano de realização | Duração

Fevereiro, 2023 | Permanente



 @estudio\_maisum

 estudiomaisum.com



O projeto do Parque Naturalizado Pinheirão foi concebido para estreitar a relação das crianças com a natureza. A praça escolhida para a implantação do projeto está localizada próxima ao CMEI Pinheirão, que tem passado por um processo de "desemparedamento" das crianças, professores e funcionários. Esse processo envolve mudanças significativas nas dinâmicas da escola e do berçário, com o objetivo de ampliar as interações com as áreas externas da escola e com o espaço urbano circundante.

O principal objetivo do projeto foi fornecer bases e elementos que apoiassem as novas atividades propostas pela escola. Além disso, buscou-se expandir a área verde permeável, promovendo uma maior proximidade da comunidade local com esse espaço natural.

O parque é composto por elementos naturalizados, incluindo brinquedos, esculturas e paisagismo interativos, projetados para estimular a total apropriação do espaço pelas crianças de todas as idades, com um foco especial na primeira infância.

Antes do início da construção, a praça foi palco de atividades de ativação que apresentaram o projeto à comunidade. Essas atividades incluíram brincadeiras na praça, o que permitiu às pessoas antecipar a

transformação do espaço e se apropriar dele de forma mais envolvente. Durante essas atividades, a futura configuração da praça foi demarcada com tinta no chão, placas foram instaladas para indicar os futuros espaços, e uma maquete simples foi apresentada para que as crianças e os adultos pudessem contribuir com o desenvolvimento do projeto.

As atividades de ativação contaram com a participação de aproximadamente 250 crianças e 165 cuidadores. No processo de intervenção, durante a implantação da praça, 20 crianças da comunidade participaram ativamente, ajudando a testar e usar os novos espaços e brinquedos.

Atualmente, a praça serve como um cenário vital para as atividades pedagógicas do CMEI Pinheirão. Dentro dos processos de desemparedamento, a praça contribui significativamente para aproximar as crianças da natureza e incentivar o brincar livre, essencial para o desenvolvimento infantil.

Este projeto exemplifica como a criação de espaços naturais interativos pode beneficiar não apenas o desenvolvimento educacional, mas também fortalecer os laços comunitários e promover uma relação saudável entre a população urbana e a natureza.

## EXPERIÊNCIA #31

### Jardim Secreto do Poço da Panela

#### Jardim Secreto do Poço da Panela

##### Cidade e País

Recife, Brasil

##### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Todo recurso financeiro provém de doações de voluntários, através de campanhas pontuais de arrecadação e venda de alguns produtos em eventos. Também temos a sorte de contar com o apoio do Condomínio Vila Pasárgada, nosso vizinho, que nos cede espaço para armazenamento de ferramentas e materiais e também fornece energia para a bomba de irrigação. Recebemos o apoio da Prefeitura do Recife, que contribuiu com a instalação do sistema de iluminação e implantou o projeto "Transplante Urbano", onde foram instalados bancos em curvas, pisos, lixeiras, bicicletário e construído o espaço do palco. A EMLURB, responsável pela limpeza urbana, realiza regularmente a capina e a limpeza do espaço, sempre atendendo prontamente às nossas solicitações. A Polícia Militar faz rondas periódicas no espaço, proporcionando segurança. No entanto, buscamos uma maior integração e diálogo com os agentes e seu comando para uma parceria mais efetiva.

##### Mês e Ano de realização | Duração

Maio, 2017 | 7 anos

 @jardimsecretodopoco

 raynaia.uchoa@gmail.com





Fundado em maio de 2017, somos um coletivo de voluntários que decidiu ocupar e recuperar uma área pública de preservação permanente às margens do Rio Capibaribe. Com 3.000 metros quadrados, o local costumava ser um depósito de lixo e entulho, gerando uma sensação de abandono e insegurança na população.

Hoje em dia, transformamos esse espaço em um local para descanso, contemplação, educação ambiental e convívio social. Desde a intervenção, plantamos mais de 50 árvores, o que trouxe de volta a fauna e flora que antes estavam ausentes.

Somos um coletivo heterogêneo, com cerca de 30 pessoas atuando regularmente, representando diversas origens étnicas, idades, gêneros, religiões e classes sociais. Nossa gestão é compartilhada e horizontal, acolhendo constantemente novos interessados em contribuir.

Realizamos diversas atividades no espaço, como o plantio e manejo de árvores nativas, frutíferas e de ervas medicinais. Também cultivamos uma horta orgânica com variedades como milho, feijão, berinjela, quiabo e pimentão. Preparamos mudas em uma sementeira para uso próprio, doação e venda em eventos.

Construímos uma composteira para receber resíduos orgânicos dos moradores locais e utilizar o composto na nutrição das plantas e regeneração do solo. Criamos um espaço chamado "espiral de ervas" para o cultivo de ervas medicinais, que podem ser utilizadas pelos moradores e visitantes para chás, infusões e temperos.

Além disso, implementamos um sistema de irrigação, um espaço de convivência com palco, bancos e mesas, além de oferecer cursos, palestras, oficinas e eventos culturais para a comunidade. Buscamos sempre a inclusão e a gratuidade em nossas atividades. Todo recurso financeiro provém de doações de voluntários, através de campanhas pontuais de arrecadação e venda de alguns produtos em eventos.

Temos parcerias importantes, como o Condomínio Vila Pasárgada, que nos oferece espaço para guardar materiais e energia para a irrigação, e a EMLURB, responsável pela capina e limpeza periódicas do local. A Prefeitura do Recife contribuiu com a instalação do sistema de iluminação e em um projeto chamado "Transplante Urbano". A Polícia Militar realiza rondas no espaço, mas buscamos uma maior integração e diálogo com os agentes e seu comando.

## EXPERIÊNCIA #32

### Parque Ecológico da Rocinha – a agenda de ativação dos espaços públicos da APER

#### APER

#### Cidade e País

Rio de Janeiro, Brasil

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Aline Chagas, Antonia Emiliano, Clóvis Nascimento Junior, Edevaldo Gonçalves, Fernando Hermírio, Gabriel Rolemberg, Gilian Túlio, Guto Santos, Hans Richter, Hosana Pereira, Jaciara Lemos, Jaque Joy, João Brum, José Martins, Julia Cruz, Julia Reinoso, Julliana David, Lara Michelli, Leidijane Chagas, Lindacy Menezes, Lourdes Marques, Luiz Carlos de Toledo, Luiz Cassiano, Maira Martins, Márcia Valentim, Maria Consuelo Pereira, Maria Eduarda Cantanhede, Marta Gil Riesco, Monica Bahia Schlee, Nicolas Simões, Patrícia Maya Monteiro, Ramona Sanchez, Renata Simões, Roberto Lucena, Rose Firmino, Severino Franco, Wagner Rocha, Yolanda Demetrio. Com apoio de: Coletivo Educação e Periferias; ACAER; Anfiteatro da Rocinha; Museu Sankofa; Redes da Rocinha; Projeto de Extensão Praça-Rua Bairro- UFRJ (MPAP- PROURB, FAU/ UFRJ e PPGARQ, DAU/PUC-Rio); Studio de Arte Espaço Aberto; SóCria; Comunidades & Bens Comuns; Reconnect; MPA; Bando Cultural Favelados; Escola Dançando para não Dançar; Gaspar e os Reis das Dancinhas; Instituto Agente Muda; e Projeto Terra Viva.

#### Mês e Ano de realização | Duração

Fevereiro, 2022 | Em andamento

 @aperrocinha

 pmaya@fau.ufrj.br





O Parque Ecológico da Rocinha, inaugurado em 2012 como uma área de amortecimento entre a Floresta da Tijuca e a Favela da Rocinha, com equipamentos comunitários diversos, foi gradativamente abandonado e degradado ao longo de uma década, pela ausência de manutenção, pela gestão pública descontinuada e por outros fatores locais. O APER (Amigos do Parque Ecológico da Rocinha), coletivo criado no âmbito das discussões sobre o esvaziamento deste espaço, tem organizado uma série de atividades mensais desde março de 2022 que visam fomentar a fruição e conservação do Parque.

A partir de uma Agenda de Ativação, os encontros denominados suPERação seguem uma programação cujos temas mensais orientam as atividades culturais, discussões e atividades interativas e recreativas, em meio aos (ou nos) variados ambientes do parque.

Esta série de atividades agrega coletivos locais, instituições, discentes e docentes de graduação, pós-graduação, visitantes, grupos e pessoas de variados bairros e comunidades da cidade como proponentes e/ou participantes das dinâmicas realizadas. Dentre as atividades regulares estão as

apresentações de dança (jazz, clássico, forró, carimbó, passinho, etc.), capoeira e música (canto e piano); as rodas de conversa sobre questões ambientais, sociais e culturais, que contam com debatedores da própria comunidade, de outras comunidades e das universidades UFRJ e PUC-Rio; as oficinas e atividades interativas diversas, como as oficinas voltadas à educação ambiental e aulas de expressão corporal; os saraus de literatura; mutirões de limpeza e os piqueniques compartilhados.

Há também oficinas de projeto efetuadas pelo projeto de extensão, que tem observado e coletado as impressões e ideias dos participantes, como subsídios para eventuais reformas e adaptações do Parque. Este trabalho objetiva discutir as propostas das dinâmicas das atividades e a interação dos grupos de usuários diversos e apresentar os resultados do processo de ativação do uso do parque desde 2022.

# EXPERIÊNCIA #33

## (+)Favela, -Lixo

### (+)Favela, -Lixo

#### Cidade e País

Belo Horizonte, Brasil

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Orientação: Professoras da Escola Municipal Professor Edson Pisani e Professores de UFIAUP ARQ013 em Arquitetura e Urbanismo Noturno Universidade Federal de Minas Gerais

Alunos: Alunos do Ensino de Jovens e Adultos da Escola Municipal Professor Edson Pisani 2022 e 2023; alunos do Ensino de Infantil Integrado da Escola Municipal Professor Edson Pisani 2022 e 2023; alunos de ARQ013 em Arquitetura e Urbanismo Noturno Universidade Federal de Minas Gerais 2022/01 ; 2022/02 ; 2023/01

Parceiros: Projeto ITAMAR; Projeto Roots Ativa

#### Mês e Ano de realização | Duração

Fevereiro, 2020 | Em andamento



@maisfavelamenoslixo



pedro.arles@yahoo.com.br





Os resíduos sólidos urbanos são um dos maiores problemas enfrentados nas grandes cidades do Brasil e do mundo. Seguindo o padrão de outros problemas sociais, as populações mais afetadas são as mais pobres, que vivem em bairros onde o acesso aos serviços de coleta e tratamento do lixo, quando existente, é insuficiente ou inadequado. Essa é a situação experienciada no Aglomerado da Serra, uma das maiores favelas do Brasil, localizada em Belo Horizonte, Minas Gerais, onde estratégias de autogestão do lixo têm sido desenvolvidas e avaliadas em conjunto com a comunidade.

Tendo a Escola Pública Professor Edson Pisani como centro de referência, as atividades se estruturam junto aos alunos da Educação de Jovens e Adultos e os alunos da Escola de Arquitetura da UFMG. Dessa forma, trabalhou-se para fortalecer a integração comunitária, promovendo a associação dos conhecimentos tradicionais e acadêmicos na criação de ações para difundir informações e iniciativas alternativas para acomodação, transporte e destino do lixo.

Nele, foram desenvolvidas ações que podem ser divididas em três frentes principais:

1. Mobiliários urbanos com a concepção e instalação de 75 Ganchos Porta-Lixo, que consiste na fixação de ganchos para evitar que o lixo seja depositado no chão e uma placa com o endereço do morador e de Jardins Urbanos em áreas onde o lixo era descartado;
2. Estratégias de divulgação e informação, que consistiu na produção de um graffiti de mais de 20 metros com os mapas dos locais de coleta de lixo, informes sobre como solicitar a retirada de carros abandonados, sobre reciclagem e compostagem de resíduos orgânicos, além da criação um jogo que apresenta os locais de coleta de entulho em próximos a favela;
3. Entulho com a proposta de fabricação de minigabiões a serem utilizados para estabilização do solo permitindo a criação de vias e novos espaços comunitários.

## EXPERIÊNCIA #34

### Ecocidade - A Cidade Precisa de Agroecologia

#### Instituto A Cidade Precisa de Você

##### Cidade e País

São Paulo, Brasil

##### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Laura Sobral, Marcella Arruda, Fabíola Bergamo, Heloísa Sobral, Karen Martini, Thaline Nunes Rocha, Bruno Borges, Ícaro Chagas, José Vieira de Aquino, Isac Ferraz, Rachel Telles

##### Mês e Ano de realização | Duração

Junho, 2021 | 2 anos



 @acidadeprecisadevoce

 <https://www.acidadeprecisa.org/>



Em 2023, o Brasil voltou ao mapa da fome, e diante desse desafio, o ECOCIDADE – A Cidade Precisa de Agroecologia trabalha para fortalecer o ciclo do alimento em regiões periféricas. O projeto promove a articulação de uma rede de hortas urbanas, cozinhas comunitárias, pontos de cultura alimentar, grupos de consumo responsável e pontos de compostagem, criando um ecossistema de cooperação que melhora a qualidade de vida nos bairros. Além de fortalecer a economia local, essas ações contribuem para a adaptação ao colapso climático e aumentam a resiliência das comunidades através da produção, distribuição, consumo e destino dos alimentos.

Desde 2021, o ECOCIDADE desenvolve ações na Brasilândia, Zona Norte de São Paulo, para tornar o ciclo do alimento mais circular, combater a insegurança alimentar e promover a justiça climática. Nove hortas foram apoiadas, totalizando 7.000 m<sup>2</sup> e atendendo cerca de 300 pessoas. Mais de 3 mil mudas foram plantadas, e as hortas produzem cerca de 400 kg de alimentos por mês, incluindo hortaliças, frutas, legumes, plantas medicinais e temperos. Quatro hortas possuem composteiras com capacidade total de 7.000 litros.

O projeto envolveu cerca de 45 agricultores urbanos e periurbanos de São Paulo, que fornecem suas produções para serem vendidas no Ponto de Cultura Alimentar. Aproximadamente 75 famílias passaram a ter acesso a uma maior variedade de alimentos, com 20 pessoas apoiando a operação do ponto, 5 trabalhando na logística e 50 atuando nas hortas urbanas, além de suas famílias. Cerca de 200 pessoas começaram a fazer compostagem comunitária, 18 bikers fizeram curso de entrega com bicicletas, e 10 lideranças comunitárias receberam bolsa-auxílio para participar de cursos, com 7 outras colaborando nos programas do projeto. Aproximadamente 330 pessoas participaram de oficinas e atividades pedagógicas presenciais, e 90 lideranças comunitárias de toda a cidade foram influenciadas pelas atividades pedagógicas sobre a transição agroecológica.

# EXPERIÊNCIA #35

## Coletivo Ocupe&Abraçe - Praça da Nascente

### Coletivo Ocupe&Abraçe

#### Cidade e País

São Paulo, Brasil

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Coletivo Ocupe&Abraçe

#### Mês e Ano de realização | Duração

Junho, 2013 | Em andamento



 @coletivoocupeeabraçe

 l.cury@uol.com.br



A revitalização e “devolução” de uma praça à cidade e à população transformou um espaço de 12 mil m<sup>2</sup> que antes era evitado por medo. A praça, praticamente abandonada, foi recuperada por um coletivo que encontrou o chão molhado, descobriu nascentes e as revitalizou, direcionando-as para formar um lago. Esta intervenção revitalizou o ambiente e incentivou a comunidade a reocupar o espaço público.

Nos 13 festivais realizados até agora, mais de 10 mil pessoas frequentaram a praça, participando de inúmeras oficinas relacionadas ao meio ambiente, brincadeiras e Soluções Baseadas na Natureza (SBNs). Essas atividades proporcionaram educação ambiental e momentos de lazer, contribuindo para a conscientização e o engajamento da população na preservação do espaço.

A intervenção do coletivo atraiu a atenção da mídia, resultando em várias matérias de jornais impressos e reportagens na televisão. O destaque foi dado tanto às intervenções relacionadas à água quanto à mobilização contra a construção de um prédio em terreno vizinho à praça, demonstrando a importância da preservação do espaço verde para a comunidade.

Além da cobertura midiática, a atuação do coletivo também se tornou objeto de estudo em trabalhos de conclusão de curso (TCCs), dissertações de mestrado e teses de doutorado. Esses estudos destacam o impacto positivo da revitalização da praça e a importância das intervenções urbanas e ambientais na promoção da qualidade de vida e na preservação dos recursos naturais.

A revitalização da praça exemplifica como a ação comunitária pode transformar espaços públicos negligenciados em áreas vibrantes e seguras, promovendo a interação social, a educação ambiental e a sustentabilidade. A “devolução” da praça à população não só resgatou um espaço verde vital, mas também fortaleceu os laços comunitários e incentivou a participação ativa na defesa e preservação do ambiente urbano.

## EXPERIÊNCIA #36

### Jardim de Chuva - Projeto Escola Verde com Afeto

#### Canteiros Coletivos

##### Cidade e País

Salvador, Brasil

##### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Proponente: Movimento Canteiros Coletivos, com parceria institucional da organização SER.

Patrocinador: Instituto MRV - Programa Educar para Transformar 8

##### Mês e Ano de realização | Duração

Janeiro, 2022 | 1 ano e 11 meses



 @canteiroscoletivos

 <https://canteiroscoletivos.com.br/>



O jardim de chuva do Colégio Estadual Profa. Marileine da Silva, na Mata Escura, integra o projeto Escola Verde com Afeto, que engajou a comunidade escolar em atividades de pesquisa e leitura de paisagem para o aproveitamento da água da chuva acumulada no pátio da instituição.

Desdobramento das ações de melhorias ambientais realizadas desde 2018 no entorno do colégio, o projeto visa promover a implantação comunitária de Soluções Baseadas na Natureza (SbN), especialmente de jardins de chuva, como meio de solucionar efeitos locais da crise climática.

Um dos principais objetivos foi transformar este equipamento em ferramenta pedagógica para servir como laboratório de práticas curriculares ao ar livre, envolvendo inúmeras disciplinas, e para incentivar o uso criativo da área externa do colégio como espaço de troca de conhecimento.

O jardim de chuva laboratório, como passou a ser chamado, foi implantado em um dos canteiros do pátio escolar, adaptado com vala de infiltração, filtros de pedra e areia e introdução de plantas adequadas, e foi conectado a uma cisterna coletora de água da chuva. A instalação do jardim de chuva e da cisterna foi realizada coletivamente

durante a Semana do Meio Ambiente e inaugurou o primeiro equipamento do tipo na cidade de Salvador, em junho de 2022.

Considerado uma inovação pedagógica, o jardim de chuva laboratório recebeu a visita de representantes das secretarias municipais de Manutenção e de Infraestrutura, da Defesa Civil (Codesal), da Secretaria de Educação do Estado da Bahia e da Frente Parlamentar Mista Ambientalista da Câmara Municipal de Salvador.

O mandato da então vereadora Maria Marighella, presidenta da Frente Ambientalista, propôs projetos de indicação para a prefeitura e o Estado da Bahia recomendando a implantação de jardins de chuva em escolas públicas.

O projeto envolveu mais de 1800 estudantes e professores em 43 oficinas, 20 encontros pedagógicos e 33 atividades curriculares ao ar livre.

Também foram mobilizados 27 professores e 28 profissionais diversos da escola, cinco intercâmbios com escolas públicas e nove, com instituições parceiras. Ao todo, 39 reportagens destacaram o jardim de chuva como uma importante iniciativa de educação ambiental na capital baiana.

## EXPERIÊNCIA #37

### Jardins Filtrantes - Solução Baseada na Natureza (SBN)

#### Agência Recife para Inovação e Estratégia (ARIES)

##### Cidade e País

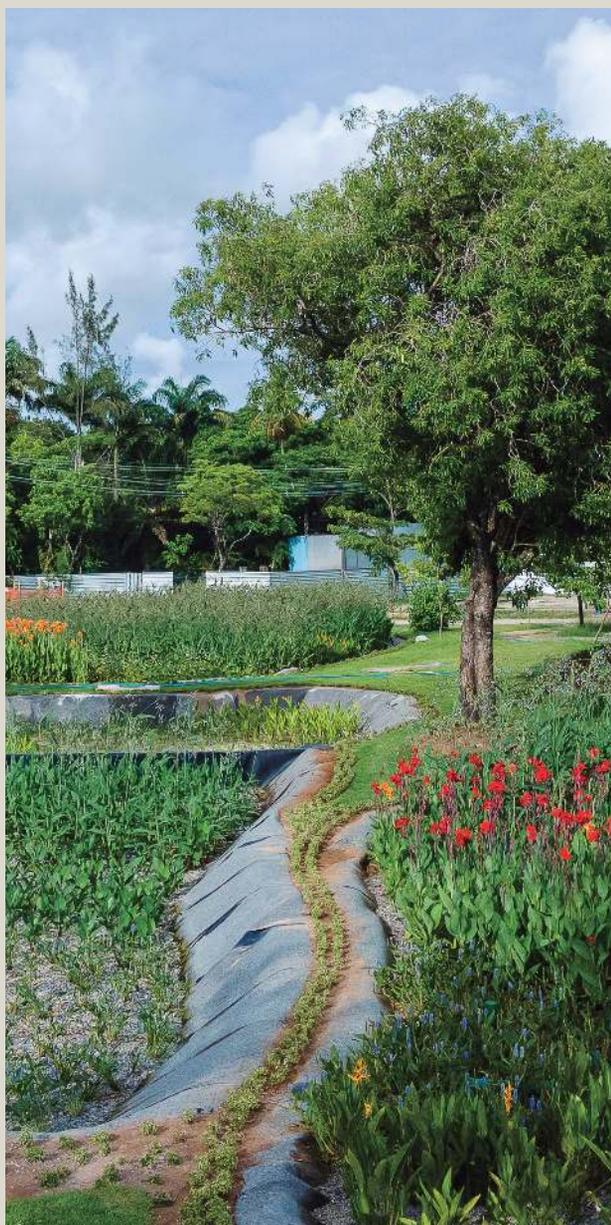
Recife, Brasil

##### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

ARIES (Agência Recife Para Inovação E Estratégia), Citinova e Prefeitura do Recife

##### Mês e Ano de realização | Duração

Abril, 2023 | 3 anos



@ariesrecife



@recife500anos



<https://aries.org.br/>



O projeto Jardins Filtrantes é uma Solução Baseada na Natureza (SBN) implementada na Cidade do Recife como um projeto-piloto. Ele representa uma inovação nos parques públicos do Recife, interagindo com o ciclo hidrológico natural por meio de uma tecnologia que utiliza plantas e pedras para degradar, extrair, conter ou imobilizar poluentes da água. Esse processo de filtragem natural é capaz de tratar cerca de 350 mil litros de água por dia.

Os Jardins ou Wetlands Construídos, localizados na foz do Riacho, captam uma parte do fluxo do riacho para o tratamento da água poluída, devolvendo-a com melhor qualidade ao Rio Capibaribe. Isso beneficia diretamente a saúde do Capibaribe, que corta a Região Metropolitana e afeta a qualidade da água e a vida da população, especialmente aquelas que dependem da pesca e da navegação em barcos. A oxigenação da água promovida pelos Jardins Filtrantes também melhora a resiliência ambiental dos corpos d'água.

Os Jardins Filtrantes são compostos por tanques escavados no solo, impermeabilizados e preenchidos com substratos específicos. Sobre esses substratos são plantadas espécies

vegetais que promovem o tratamento na zona de raízes. Este sistema natural não utiliza agentes químicos artificiais ou microrganismos exógenos no processo. Após a construção e o plantio das espécies vegetais, os microrganismos responsáveis pelo tratamento se proliferam naturalmente na zona de raízes.

O projeto está integrado ao sistema de saneamento e tratamento de águas da cidade, combinando vários tipos de SBN em corpos aquáticos construídos artificialmente para formar bolsões de água tratada que podem ser devolvidos ao corpo hídrico de forma descentralizada e independente da infraestrutura de saneamento existente. Gestão qualitativa da água, biodiversidade, requalificação urbana, educação ambiental e incentivo ao poder público para novos investimentos em soluções sustentáveis são alguns dos diferenciais deste projeto.

# EXPERIÊNCIA #38

## enRegla

### Centro bahia

#### Cidade e País

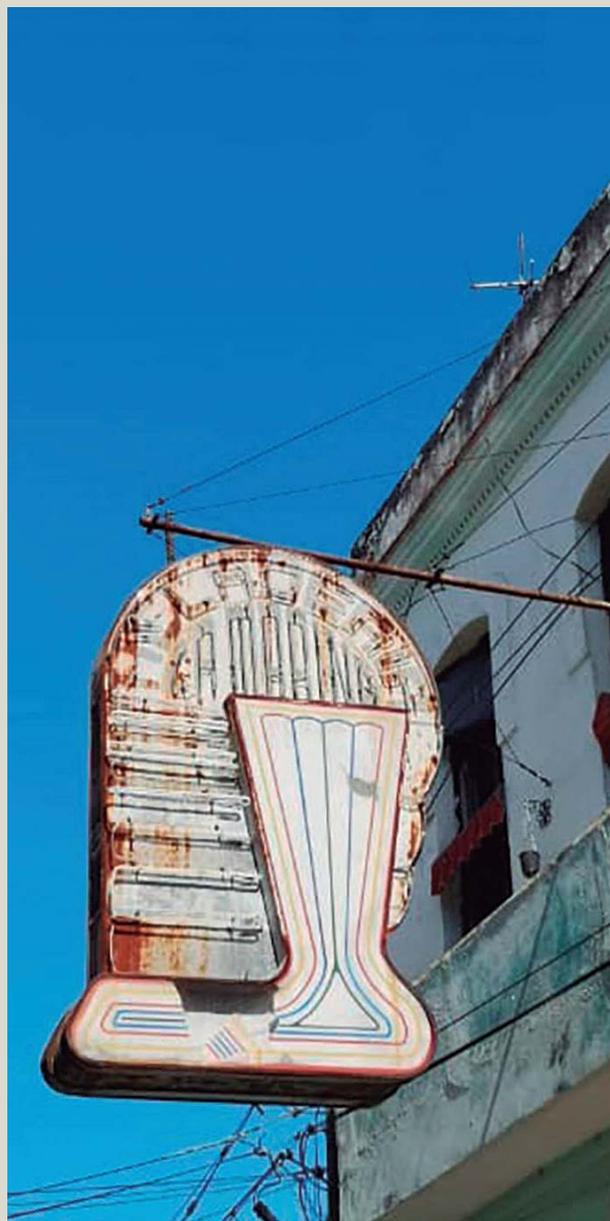
Regla, Cuba

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

A equipe do Centro Bahía é liderada pelo artista visual Felipe Dulzaides e é composta pelo geógrafo Fredy Mora, o artista Maury Diaz, a designer Daniela Estrada e a historiadora de arte Sabrina Oliva. O patrocínio para executar o projeto veio do Ministério da Cultura, da Fundação Ludwig de Cuba, do Governo de Regla, da Embaixada da Noruega e amigos de Havana.

#### Mês e Ano de realização | Duração

Julho, 2022 | 1 ano



 @centrobahia

 maury85dc@gmail.com



Centro Bahía é um projeto interdisciplinar que surge da necessidade de criar um programa de ação cultural voltado para repurposing, proteger e expandir as possibilidades de uma das áreas mais significativas que compõem a Baía de Havana.

O enRegla foi um projeto exclusivamente concebido pela 14ª Bienal de Havana, que executou uma série de ações interagindo com diversas problemáticas do contexto. O nome refere-se à localização e à colaboração com autoridades locais para sua realização.

Durante o projeto, várias iniciativas marcaram a intervenção urbana e cultural em Regla:

1. Primeiro Encontro de Atores Locais: Realizado com ativistas culturais, líderes religiosos, empreendedores e autoridades locais para discutir desafios da área e estimular parcerias.

2. Malecón Temporário: Espaço criado para que os cidadãos pudessem desfrutar de uma das vistas mais bonitas da entrada da baía de Havana, em resposta à destruição do Malecón de Regla pelo furacão Irma.

3. Um barco é mais que um barco: Mural elaborado por crianças (6-10 anos) nas

estações de ferry de Regla e Casablanca, frequentadas diariamente por 3000 a 5000 pessoas. Essa intervenção transformou espaços altamente deteriorados com poesia visual, através de um concurso onde as crianças imaginaram os barcos que gostariam de ver na Baía.

4. Yemayá canta a Havana: Evento que promoveu a música afro-cubana por meio dos artistas mais representativos do território.

5. Baía adentro de bicicleta: Primeiro passeio pelo patrimônio industrial da baía.

6. Lumínico para Regla: Resgate e restauração do letreiro de néon que funcionou de 1987 a 1991 no parque central da cidade, revitalizando um símbolo local importante.

As intervenções do projeto envolveram a população de Regla, que conta com mais de 40 mil habitantes, além de visitantes, e foram amplamente divulgadas nos principais telejornais da TV Cubana e na rede de comunicação do Ministério da Cultura Cubano. O enRegla se destacou como um projeto especial da 14ª Bienal de Havana, contribuindo significativamente para a revitalização cultural e urbana da região.

# EXPERIÊNCIA #39

## Mapa de Moravia

### Fundación Oasis Urbano

#### Cidade e País

Medellín, Colombia

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

A Fundação Oasis Urbano é um coletivo intercultural e multidisciplinar sediado no bairro popular de Moravia em Medellín, Colômbia. Facilita a coprodução de espaços públicos e comunitários, compreendendo os assentamentos informais não como problemas, mas como partes cruciais das soluções para os desafios mais urgentes enfrentados pelas cidades hoje e no futuro. Conecta comunidades locais com o mundo acadêmico, organizações civis e culturais, setor público e privado para trocar conhecimentos e experiências em laboratórios urbanos multidisciplinares e interculturais.

Essas experiências coletivas geram confiança e demonstram o potencial da coprodução em processos abertos de design, resultando em soluções surpreendentes. Ao encontrar linguagens comuns, a fundação visa mitigar a lacuna entre iniciativas de base e planejamento centralizado, permitindo a cocriação de cidades dignas para todos os habitantes.

A ideia para o Oasis Urbano surgiu da colaboração entre Medellín e Berlim.

Ancorado em Moravia, o projeto expandiu-se internacionalmente, alcançando outras comunidades na América Latina, Europa e além. O coletivo é composto por diversos profissionais, incluindo arquitetos, artistas, ativistas, designers, cientistas e construtores, todos engajados em transformar e revitalizar espaços urbanos.

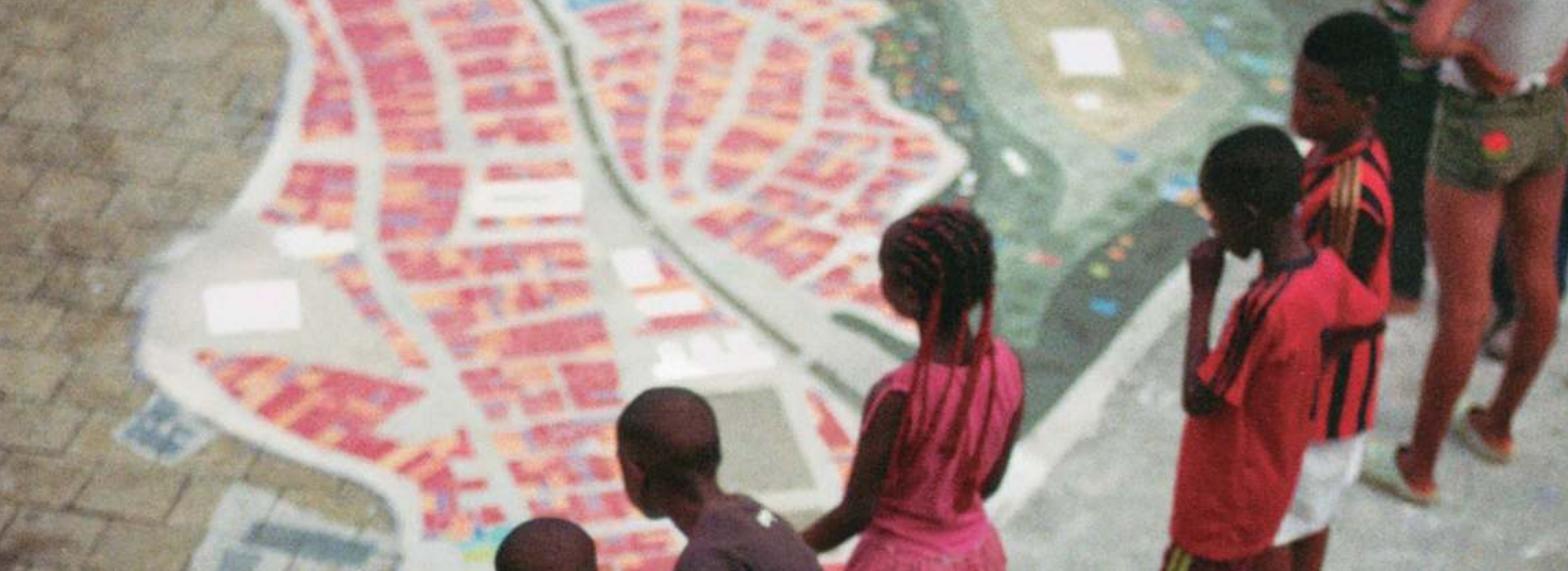
Desde 2017, iniciou-se como "Urban Lab Medellín Berlim". Em 2021, a Fundação Oasis Urbano foi formalizada como uma entidade sem fins lucrativos legalmente constituída em Medellín. Ao longo de seis anos, foram realizadas intervenções urbanas e artísticas significativas, colaborando com várias universidades e envolvendo centenas de estudantes em projetos que beneficiaram diretamente moradores locais e visitantes.

#### Mês e Ano de realização | Duração

Mai, 2021 | Em andamento

 @fundacionoasisurbano

 [www.oasisurbano.org](http://www.oasisurbano.org)



O Mapa de Moravia é um colorido mosaico em grande formato localizado na praça central do bairro autoconstruído de Moravia, em Medellín, Colômbia.

Diante da implementação de um novo planejamento urbano para Moravia, que ameaça o futuro da comunidade e seu território, iniciamos um processo colaborativo com moradores, estudantes de instituições educacionais locais, iniciativas comunitárias, voluntários do bairro e da cidade. Criamos um mapa em grande escala do bairro (8 x 3 metros) como uma ferramenta lúdica para promover o conhecimento do território, fortalecer a identificação local e aumentar a conscientização sobre os planos de realocação.

Em 2019, como primeira etapa, aplicamos uma base de concreto e pintamos as ruas, quarteirões e casas do bairro no chão da praça central, em frente à Junta de Ação Comunal de Moravia. No entanto, as chuvas tropicais levaram embora a pintura em um ano. Por isso, iniciamos em 2020 um novo processo para preservar este colorido ícone, transformando-o em um mosaico. Em colaboração com moradores, estudantes e voluntários, e liderados pelo nosso artista Dubian Monsalve, elaboramos e instalamos

peças únicas de azulejos coloridos. Cada peça representa uma casa, sendo que as quatro cores predominantes representam os quatro setores do bairro: Bosque, Moravia, Morro e Oasis Tropical.

O Mapa de Moravia tem sido um local para diversos eventos e oficinas destinados a explorar a complexa estrutura urbana do bairro, criar mapas de circulação e interação, e compreender a extensão e as consequências do planejamento urbano proposto. O conhecimento e a conscientização desses planos apoiam a comunidade em sua luta pelo direito à cidade. Localizado na praça central, o mapa tornou-se um espaço de encontro e interação, onde atividades comunitárias, como mercados, ocorrem sobre ele e ao seu redor.

# EXPERIÊNCIA #40

## Programa de Recuperación Económica y Social

### Fundación Placemaking México

#### Cidade e País

Cidade do México, México

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Equipe Proponente: Fundación Placemaking México

Doadores: Fundación Coca Cola, Cocacola-FEMSA, Industria Mexicana de Coca Cola, Arca Continental e Corporación del Fuerte.

#### Mês e Ano de realização | Duração

2020-2022 | 3 anos



 @placemakingmx

 <https://www.placemaking.mx/>



O Programa de Reativação Econômica e Social (PRES) de espaços públicos no México é uma iniciativa da Fundación Placemaking México que busca fomentar as dinâmicas sociais e econômicas que foram afetadas devido à COVID-19, ao mesmo tempo em que se promovem comunidades resilientes e preparadas para futuras emergências.

Para que as comunidades recuperem suas atividades socioeconômicas, é realizado um design participativo que responde às necessidades e desejos de cada comunidade em particular e seu contexto. Os espaços são adequados com critérios de distanciamento físico, utilizando equipamento urbano e mobiliário de uso individual, criativo e especial para gerar identidade e apropriação por parte das pessoas que vivem e usam os espaços.

O programa se baseia em criar lugares que fomentem a resiliência comunitária e apoiem a percepção de segurança, promovendo o desenvolvimento de negócios locais e fortalecendo a economia. Para o programa, foi seguido o processo de Revitalização com a metodologia Placemaking, que consiste em:

#### Aproximação Comunitária

Processo de participação comunitária com o objetivo de identificar as necessidades

dos usuários em relação ao espaço a ser intervindo por meio de design participativo.

#### Revitalização de Espaços

Busca a revitalização através de estratégias de Placemaking, com a finalidade de promover espaços lúdicos que reflitam novos valores de identidade local e apropriação comunitária.

#### Reabilitação de Contexto

Mediante a mobilização da comunidade, busca-se promover a apropriação comunitária e a corresponsabilidade entre o setor privado e as autoridades.

#### Ativação

Jornada de integração comunitária por meio de atividades educativas, culturais e artísticas que visam promover o encontro. No período de 2020-2022, foram criados 29 projetos de Recuperação Econômica e Social em espaços públicos em 14 estados da República Mexicana, beneficiando diretamente 49.407 pessoas. O programa consistiu principalmente na melhoria de parques e praças, e foram investidos cerca de 850.000 USD no programa durante este período.

## EXPERIÊNCIA #41

### Mobiliário de guerrilha: pandemia e a água nos espaços públicos

#### TransLAB.URB

##### Cidade e País

Porto Alegre, Brasil

##### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Equipe proponente: TransLAB.URB, Cozinheiros do Bem - Food Fighters (ONG), Banho Solidário (ONG) e Centro social da Rua (ONG).

Doadores: Cozinheiros do Bem - Food Fighters (ONG), Banho Solidário (ONG) e Centro social da Rua (ONG) e suas redes de apoio.

Apoio: voluntárias das ONGs, população em situação de rua, vizinhança de cada sistema instalado, funcionários do Departamento Municipal de Limpeza Urbana (extra-oficialmente) e Corpo de Bombeiros (extra-oficialmente).

##### Mês e Ano de realização | Duração

Abril, 2020 | 8 meses



 @translab.urb

 <https://translaburb.cc/>



O projeto “Mobiliário de Guerrilha: Pandemia e a Água nos Espaços Públicos” foi o desenvolvimento e execução de um mobiliário urbano leve, de fácil instalação e de baixo custo, que possibilitasse o acesso à água para higienização das mãos, com foco na população em situação de rua da cidade de Porto Alegre no contexto dos primeiros meses da pandemia do coronavírus.

O desenho inicial consistia de uma pia com acionamento pelos pés e um compartimento para detergente líquido, além de um reservatório de 200 litros e um duto flexível para o escoamento, ambos independentes das redes de água e esgoto do município, visto que o governo local não quis participar da iniciativa e nem mesmo autorizou o uso das redes públicas.

Com a ajuda de três ONGs, foram mapeados e identificados seis locais para a instalação das pias, onde usualmente ocorrem ações de distribuição de comida e agasalhos para as pessoas em situação de rua, além de manter um sétimo sistema (pia + reservatório) reserva montado dentro do furgão de uma das ONGs, que a cada ação de distribuição de comida em outros bairros da cidade, instalava o sistema de higienização ao lado da fila. Por fim, foi criada

uma aliança entre diferentes entidades parceiras para monitorar o uso das pias e entender a periodicidade para reabastecer cada sistema com água e detergente líquido, e fazer qualquer manutenção necessária.

## EXPERIÊNCIA #42

### Programa “Urbanismo Tático, recuperación del afecto al espacio público de la ciudadanía taficeña”

#### Municipalidad de Tafí Viejo

##### Cidade e País

Tafí Viejo, Argentina

##### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

O projeto foi uma iniciativa teórica da diretora Arq. Agostina Belén Rossini, proposta à área de obras públicas quando trabalhava no planejamento. Devido a mudanças internas, foi nomeada Secretária de Gestão Ambiental e Infraestrutura, estabelecendo o projeto como um programa municipal com o aval do prefeito (Dr. Javier Noguera). Conta com 100% de financiamento municipal, implementado como política pública e publicado na Resolução N° 1/2023.

##### Equipe Proponente:

Diretora: Arq. Agostina Belén Rossini;

Coordenador do Programa: Figueroa Mauro Leandro

Equipe Técnica: María Belén Moreno, Jonathan Avila.

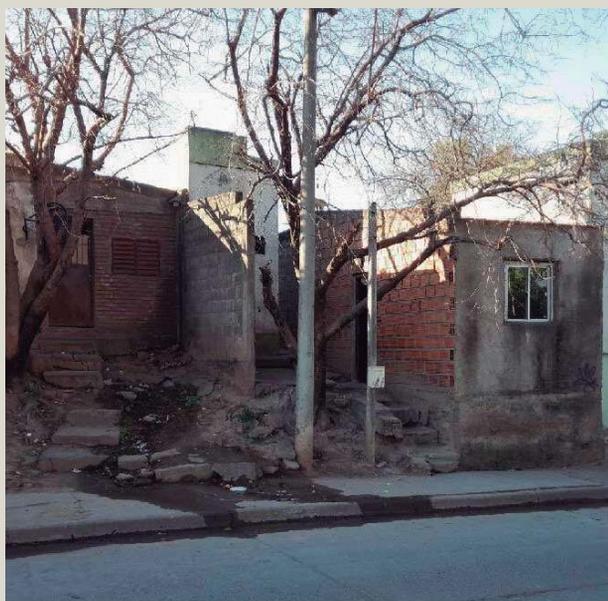
Rede de Mulheres Solidárias de Tafí Viejo: Dra. Alejandra Rodriguez

##### Mês e Ano de realização | Duração

Abril, 2023 | 14 meses

 @municipalidad\_de\_tafiviejo

 [https://www.tafiviejo.gob.ar/?fbclid=IwAR2SYp0jSUKMYxteSsEmqmly6f9-pv2jaRJRh0wJ-ST\\_mtyufWQRaqlxdi8](https://www.tafiviejo.gob.ar/?fbclid=IwAR2SYp0jSUKMYxteSsEmqmly6f9-pv2jaRJRh0wJ-ST_mtyufWQRaqlxdi8)





O programa denominado "Urbanismo Tático, recuperação do afeto ao espaço público da cidadania táctica" busca resolver conflitos urbanos da comunidade com intervenções de baixo custo e alto impacto. O programa executou dois casos em contextos diferentes com processos contrastantes, mas que resultaram em satisfação tanto na participação cidadã quanto na articulação com instituições.

O primeiro caso se realizou no "Bo La Saenz Peña" sobre Av. Saenz Peña, de 900 metros de comprimento, pertencente a ReNaBaP. O time relevou o espaço público e organizou o projeto em três setores conforme sua complexidade. Como metodologia de abordagem, utilizaram-se mapeamentos coletivos junto aos moradores, que forneceram um diagnóstico sobre o espaço público e os emergentes de cada zona.

O segundo caso foi no Barrio Jardín, a oeste da área central. Esta iniciativa surgiu a partir de um episódio de mal-estar em relação a um espaço em desuso, sem abertura da vizinhança à presença municipal. Foi desenhada uma estratégia de abordagem integral: a partir de uma entrevista com um coletivo de mulheres, foi possível dialogar e problematizar o espaço. Em seguida,

desenvolveu-se uma atividade para incentivar as crianças a participar, pensando e desenhando com base em perguntas disparadoras. Desta etapa, emergiu que elas imaginavam jogar futebol e queriam uma cancha para treinar, além de gostarem de murais, pintura e balanços.

Ambos os casos foram marcados por mudanças de paradigmas na intervenção da área de obras públicas, capacitando a equipe técnica institucional sobre a importância da construção democrática do espaço público. Essas obras melhoraram os espaços cotidianos de circulação e de encontro, promovendo uma relação mais afetiva e próxima com os dispositivos municipais e fortalecendo os laços sociais, enriquecendo assim a governança participativa.

## EXPERIÊNCIA #43

### Oficinas de Desenho de Espaços Públicos em territórios vulnerabilizados de Pernambuco

#### ONU-Habitat

##### Cidade e País

Rio de Janeiro, Brasil

##### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Equipe proponente do escritório do ONU-Habitat em Pernambuco: Daphne Costa Besen – Coordenadora de Programas; Julia Rabelo – Analista de Programas; Larissa Cunha – Assistente de Programas Jr.

Doador do Projeto: Governo do Estado de Pernambuco – Secretaria de Desenvolvimento Social, Criança, Juventude e Prevenção à Violência e às Drogas.

##### Mês e Ano de realização | Duração

Junho, 2022 | 8 meses



 @onuhabitatbrasil

 <https://unhabitat.org/>



A intervenção “Oficinas de Desenho de Espaços Públicos” surge no âmbito do projeto “Cooperação Pernambuco: Prevenção, Cidadania e Segurança”, em que ONU-Habitat tem como objetivo produzir informações qualificadas para subsidiar a formulação e adequação das políticas públicas do Governo do Estado de Pernambuco e a tomada de decisão na área da prevenção social ao crime e à violência, com base em evidências. Dentre os estudos e metodologias desenvolvidos, o principal tema trabalhado é o uso dos espaços públicos por jovens e mulheres nos territórios selecionados, resultando em diagnósticos participativos sobre essa utilização.

Nesse contexto, entre os meses de novembro de 2021 e junho de 2022, o ONU-Habitat implementou oficinas participativas de Desenho de Espaços Públicos com jovens (de 14 a 29 anos) em dez territórios divididos entre oito municípios do estado de Pernambuco: Pina, Várzea e Ibura (Recife); Peixinhos (Olinda); Maranguape I (Paulista); Cajueiro Seco (Jaboatão dos Guararapes); Cohab (Cabo de Santo Agostinho); Centro (Vitória de Santo Antão); São João da Escócia (Caruaru) e João de Deus (Petrolina).

Assim, a juventude participante, durante os dois dias de atividades, experimentou

uma sequência de atividades práticas que culminou na elaboração de propostas de requalificação para um espaço público por território e na votação dos equipamentos e usos mais desejados para este local. Outros resultados importantes também foram obtidos ao longo do processo, como: as suas impressões sobre os espaços públicos da sua comunidade e os seus desejos de ações para transformação desses espaços a fim de torná-los mais seguros, inclusivos, sustentáveis e saudáveis.

# EXPERIÊNCIA #44

## Banheiro Comunitário do Setor Comercial Sul

### Instituto Cultural e Social No Setor

#### Cidade e País

Brasília, Brasil

#### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Itaú

Banco do Brasil

Bradesco

#### Mês e Ano de realização | Duração

Maio, 2021 | Em andamento



 @noseitor

 [www.noseitor.com.br](http://www.noseitor.com.br)



O Instituto Cultural e Social no Setor adotou em maio de 2021 o banheiro público do Setor Comercial Sul, em parceria com empresários locais e a administração regional do Plano Piloto. O Setor Comercial é uma área central do DF que enfrenta desafios comuns a outros grandes centros urbanos do país. Essa iniciativa é pioneira na capital e tem sido um modelo de gestão comunitária e de desenvolvimento e implementação de políticas públicas em rede.

O projeto teve como objetivo principal abordar a falta de banheiros públicos em uma área com intenso fluxo de trabalhadores e significativa presença de pessoas em situação de vulnerabilidade econômica e social. As principais metas do projeto incluem: universalização do acesso a banheiros e necessidades básicas, defesa de direitos e fortalecimento da comunidade. A metodologia utilizada foi a construção de políticas públicas em rede.

Nos últimos três anos, mais de 5.000 pessoas mensalmente utilizaram o banheiro, incluindo transeuntes, comerciantes e pessoas em situação de rua.

## EXPERIÊNCIA #45

### ConectaLAB - Experimentação para soluções coletivas

#### TransLAB.URB

##### Cidade e País

Porto Alegre, Brasil

##### Equipe proponente, doadores e patrocinadores

Promovido com recursos do programa de Pontos de Cultura, fundo da Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, o laboratório foi desenhado e executado em conjunto com o Instituto de Arquitetos do Brasil (Departamento RS) e TransLAB.URB.

##### Mês e Ano de realização | Duração

Julho - Agosto, 2020 | 17 semanas no total e 8 dias execução do laboratório com participantes



 @translab.urb

 <https://translaburb.cc/>

O ConectaLAB foi um laboratório virtual cujo objetivo era desenvolver um conjunto de diretrizes para orientar os processos de construção de soluções destinadas a atender às demandas de universalização do abastecimento de água. Além disso, o projeto buscava ampliar o debate na sociedade e impulsionar ações que tivessem impacto efetivo no território.

Em 2020, em meio à crise sanitária global da Covid-19, que trouxe um senso de urgência e destacou ainda mais a brutal desigualdade social brasileira, evidenciando que muitas pessoas ainda não têm garantido o Direito Humano à Água e ao Saneamento, o ConectaLAB se configurou também como uma experiência por si só. Ele proporcionou a oportunidade de colocar as pessoas no centro da criação de soluções, promovendo um momento de escuta profunda e trocas de experiências significativas.

Propomos um espaço virtual focado no tema do abastecimento de água, onde o desafio foi cocriar soluções para cenários previamente estabelecidos de precariedade no acesso à água. O Laboratório Virtual foi um ambiente destinado a buscar respostas através da inteligência coletiva e da experimentação colaborativa, com ênfase na criação de

soluções para alcançar o acesso universal à água, considerando as realidades futuras pós Covid-19.

Selecionamos 30 participantes dentre as 96 inscrições recebidas. Quatro delas, de diferentes regiões, foram convidadas diretamente com o intuito de agregar suas experiências como ativistas comunitários ao Laboratório. As pessoas participantes se identificaram da seguinte forma: 75% mulheres, 22% homens e uma pessoa não binária. A faixa etária variou entre 20 e 61 anos, sendo que 59% tinham até 30 anos. Em relação à etnia, 50% se declararam brancas, 28% negras, 6% pardas e 3% indígenas.

Como resultado, foram produzidas duas publicações online de acesso livre: 1. Um Relatório de Atividades que descreve o processo de elaboração, execução e os resultados alcançados pelas equipes; 2. Uma publicação contendo as diretrizes para acesso à água, resultantes das interações e propostas das equipes.

# **3**

# **OFICINAS**



# OFICINA #1

## Cocriação de Diretrizes para Territórios de Interesse Público

TransLAB.URB

Porto Alegre, Brasil

 @translab.urb

 <https://translaburb.cc/>

A Cocriação de Diretrizes para Territórios de Interesse Público é como um roteiro prático para ser aplicado em contextos onde uma área de interesse público está sendo discutida, e o objetivo é explorar a inteligência coletiva de todos os setores da sociedade, visando a elaboração de uma “camada sensível” de desejos e vocações, somados as demais informações técnicas que serão a base de um projeto. Se trata de uma “metodologia base” que é adaptada a cada contexto e é apresentada sob a forma de uma oficina de baixo custo e alto impacto, fazendo uso de diferentes ferramentas de aproximação, reconhecimento e percepção do território, para finalizar com dinâmicas de trabalho coletivo baseados em cocriação e participação, gerando diretrizes espaciais, de usos e programas e de autogestão, além de estratégias de implementação pensadas para curto, médio e longo prazos.



## OFICINA #2

### **Guía de intervenciones en espacios públicos. Herramientas municipales para la creación de espacios públicos de calidad en ciudades de América Latina**

CAF + Ocupa Tu Calle

Lima, Peru

 @ocupatucalle

 <https://ocupatucalle.com/>

O objetivo desta oficina de 4 horas foi o de apresentar de forma prática o "Guia de intervenções em espaços públicos. Ferramentas municipais para a criação de espaços públicos incríveis na América Latina", criado pela CAF.

Este guia parte de uma ideia importante: quando mudamos os lugares onde vivemos, trabalhamos e nos divertimos, podemos ter um impacto positivo na vida de todas as pessoas. Através de exemplos práticos, aprenderemos a fazer com que os espaços públicos sejam de qualidade. Vamos explorar como planejar, projetar, executar e cuidar dessas transformações, para criar comunidades mais justas e resilientes.



# OFICINA #3

## LAPIS, Lugares Amigables para la Primera Infancia

Fundación Placemaking México

Cidade do México, México

📷 @placemakingmx

🔗 <https://linktr.ee/placemakingmx>

A oficina aprofundou a criação de espaços públicos que levam em consideração a perspectiva da primeira infância e de cuidado. Foram fornecidos conhecimentos e ferramentas práticas baseadas nos passos do manual LAPIS (Lugares Amigáveis para a Primeira Infância), a partir dos princípios da metodologia Placemaking. Também foram revisados casos práticos e projetos dos participantes que os ajudarão a resolver os "como" para realizar sua própria implementação.



# OFICINA #4

## Oficina de bicicleta de bambu

MoBoo/LabIT/PROURB/FAU/UFRJ

Rio de Janeiro, Brasil

 @moboo.bike

 <https://mooobike.blogspot.com/>

Oficina ministrada pelo professor Rodrigo Rinaldi de Mattos, do departamento de urbanismo e meio ambiente da FAU UFRJ, e pesquisador das bicicletas de bambu pela MoBoo/LabIT/PROURB, em parceria com o professor Luciano Alvares, do departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC Rio.

A oficina tem como objetivo discutir temas relacionados à mobilidade ativa, à materialidade do bambu e à construção de bicicletas com esse material. Serão apresentadas técnicas de construção de quadros de bicicleta utilizando tanto o bambu in natura quanto o bambu laminado colado (BLC). O evento também abordará o contexto do mundo Maker e das FabLabs, ressaltando a importância dessas práticas na fabricação de bicicletas misturando high tech e low tech.



# OFICINA #5

## Urban Sketchers al Barrio !

Juan Carlos Bohorquez - Concreta Gestión Urbana | Javier Romero

Bogotá, Colômbia

📷 @arjcbohorquez

📷 @placemaking\_colombia

📷 @urbansketchersbogota

📷 @concreta\_gestion\_urbana

📷 @javieromeroarq

📷 @traco.estudioarq

📷 @uskrio

🌐 [www.concreta.co](http://www.concreta.co)

Um convite para sair em grupo para desenhar a cidade e seu espaço público. Foram convidados os participantes do 5o Encontro Placemaking América Latina e cidadãos que gostem de desenhar ou que gostariam de aprender a fazê-lo. Uma saída coletiva para a Praça São Salvador do Rio de Janeiro! Em seguida, foi realizada uma exposição informal de todos os desenhos feitos no contexto do encontro. A atividade foi realizada em um período de aproximadamente 2 horas.



# OFICINA #6

## Jogar para transformar a cidade - Oficina do Jogo AtivaCidade

### A Cidade Precisa de Você

São Paulo, Brasil

 @acidadeprecisadevoce

 [acidadeprecisa.org](http://acidadeprecisa.org)

O Jogo AtivaCidade é um jogo de tabuleiro de co-criação de intervenções urbanas que conduz os jogadores a criar um plano de ação para transformação da cidade através do olhar para a cidadania ativa no uso, apropriação e gestão dos espaços públicos. Através do jogo os participantes são conduzidos pela metodologia desenvolvida pelo Instituto A Cidade Precisa de Você: começa com o reconhecimento e diagnóstico do local e o engajamento da população que usa e cuida do local; parte para estratégias de comunicação e educação para uma cultura de cidadania ativa; segue para a ativação e prototipação de intervenções mão na massa; e por fim pensa em formas de garantir a continuação (ou sustentabilidade no tempo) das ações na gestão. O Jogo nasce da necessidade de traduzir esses conceitos complexos, compartilhando conhecimentos e juntando diferentes atores (ou grupos), em torno de uma mesa para co-criar projetos de forma lúdica e participativa.



# OFICINA #7

## Ações e ferramentas para promover a equidade urbana

ISUH - International Society for Urban Health

Nova York, EUA

 @is4uh

 <https://isuh.org/>

O que é equidade? Por que não é possível alcançar o desenvolvimento sustentável sem equidade? Como as comunidades podem ser líderes do desenvolvimento sustentável em parceria com diversos setores da sociedade? Como a equidade pode ser medida nas cidades?

Nesta oficina, foram buscadas respostas a estas perguntas a partir de ações concretas, que partem dos seguintes princípios:

- Identificar todas as perspectivas da comunidade e suas contribuições
- Analisar as barreiras existentes
- Fortalecer a voz, a participação e a liderança da comunidade
- Distribuir bônus e ônus de forma justa
- Planejar para as gerações futuras



# OFICINA #8

## Oficina de Capacitação Metodológica em Avaliação e Desenho de Espaços Públicos

ONU-Habitat

Rio de Janeiro, Brasil

 @onuhabitatbrasil

 <https://unhabitat.org/>

A "Oficina de Capacitação Metodológica em Avaliação e Desenho de Espaços Públicos" tem como objetivo apresentar ao público a metodologia implementada pelo ONU-Habitat no Brasil, focada na avaliação e no desenho de espaços públicos. Durante a oficina, serão compartilhadas as ferramentas e momentos metodológicos desenvolvidos pelo ONU-Habitat Brasil para avaliação e desenho de espaços públicos em seus projetos. Além disso, durante a oficina, será lançado o "Caderno metodológico de desenho de espaços públicos", elaborado no âmbito do projeto "Cooperação Pernambuco: Prevenção, Cidadania e Segurança".



# OFICINA #9

## ¡La ciudad es nuestra!

### Fundación BiciActiva

Bogotá, Colômbia

📷 @fundacionbiciactiva

📷 @biciactivaradio

📷 @bogotabicinema

🔗 [www.biciactiva.com.co](http://www.biciactiva.com.co)

Oficina de percepção da cidade de bicicleta e caminhando (com enfoque de gênero: "Não é o mesmo ser mulher"), oficina de rádio comunitária e criação de uma encenação em um espaço destinado aos cinéfilos, para nos apropriarmos de lugares inseguros e criar consciência sobre nosso cuidado coletivo. Finalizando com um mural "em casa me esperam", onde colocaremos fotos e mensagens das pessoas, animais de estimação ou plantas que nos aguardam em casa.



# OFICINA #10

## Proximity of Care\_ Oficina de projeto urbano e primeira infância

Estúdio+1

São Paulo, Brasil

 @estudio\_maisum

 <http://www.estudiomaisum.com/>

A oficina "Proximity of Care\_ projeto urbano e primeira infância" será um momento de conhecimento e aplicação de ferramentas recém desenvolvidas pela ARUP e Fundação Bernard van Leer para soluções inovadoras que garantam a inclusão da primeira infância nos cenários urbanos projetados, seja na escala da casa, do bairro ou da cidade, através de ferramentas baseadas em 4 passos, "entender, projetar, implementar e influenciar".

A oficina foi realizada no Largo do Curvelo, por apresentar características importantes para a elaboração de um projeto urbano a partir da metodologia do Proximity of Care, já que fica próximo de uma escola e, assim, tem a presença de crianças, tem relevo acidentado, ou seja, complexidade de implantação de soluções típicas e a presença de população vulnerabilizada.



# OFICINA #11

## Exorcismos Urbanos

TransLAB.URB

Porto Alegre, Brasil

 @translab.urb

 <https://translaburb.cc/>

A oficina Exorcismos Urbanos é uma experiência de exploração noturna dos territórios utilizando ferramentas artísticas e lúdicas. Com uma oficina de máscaras, uma caminhada noturna e o registro fotográfico de todo o processo, propõe-se a ideia de explorar, investigar e utilizar os espaços públicos durante a noite, possibilitando uma mudança de percepção e de entendimento sobre a vida noturna dos bairros.

Do ponto de vista urbano, a atividade amplia o debate sobre o Direito à Cidade, ao provocar questionamentos sobre a ideia de "horário comercial", entendendo os outros fluxos e dinâmicas que ocorrem quando a cidade dorme, que conformam públicos e locais geralmente estigmatizados. A ideia é compartilhar uma ferramenta acessível que pode ajudar a construir novas narrativas para esses "anti-lugares" de todas as cidades.





# **4**

# **ROLÉS**



# ROLÉ #1

## Boêmia Carioca

Guia: Guto Santos

Ponto de Encontro: Praça Paris

Ponto Final: Parque das Ruínas

Bairros: Glória, Lapa, Santa Tereza

Foi um exercício coletivo sobre compartilhar, fabular, sonhar, desejar e transgredir a cidade. Uma deriva insurgencial que começou na praia da Glória, hoje Praça Paris, e seguiu desaguando por caminhos da memória e do esquecimento do Rio. Atravessados por tigres, pantera, Madame Satã, Pixinguinha, Asdrúbal, Selarón, Laurinda Santos Lobo, Villa Lobos, Glória Maria e tantos outros, cada participante pode tecer um pequeno fragmento do palimpsesto da cidade, constituindo-se intimamente como parte de sua mitologia.



## ROLÉ #2

### Circuito de Herança Africana

**Guia:** Instituto Pretos Novos - Rafael Moraes

**Ponto de Encontro:** Largo da Prainha

**Ponto Final:** Instituto Pretos Novos

**Bairros:** Gamboa, Saúde

Com o propósito de fortalecer a educação patrimonial de seus participantes, o circuito buscou promover maior acesso sobre a história da escravidão e da comunidade afro-brasileira, que resiste aos sucessivos apagamentos na região da Pequena África, na Zona Portuária do Rio de Janeiro. Mais do que monumentos, como o Cais do Valongo e a Pedra do Sal, a Pequena África existe e resiste a partir do patrimônio cultural imaterial gerado pela comunidade de afro-brasileiros que habitam seu território. Esta comunidade leva adiante a tradição do samba, das religiões de matriz africana, da gastronomia, do artesanato e outras manifestações culturais e populares ligadas à diáspora africana.



## ROLÉ #3

### Vale Encantado Turismo Sustentável

Guia: ISUH - Lia Brum

Bairro: Alto da Boa Vista

Com o objetivo de promover aprendizados e experiências que integram história, cultura e gastronomia natural com foco em sustentabilidade, o circuito sustentável contou com uma visita guiada pela comunidade, apresentando a sua história e suas origens, passando pelo mirante com vista para a orla da Barra da Tijuca, pelas antigas estradas de extração de granito Tijuca, até o parquinho com uma vista deslumbrante. Para conhecer melhor o projeto, foram realizadas visitas ao biossistema e à estação de tratamento de esgoto da comunidade. Na cooperativa foi possível ver como funciona o biodigestor que gera gás através dos alimentos e o biofertilizante. O circuito foi finalizado com um almoço preparado pelas cozinheiras da comunidade com ingredientes locais.



# ROLÉ #4

## Rocinha - A maior favela do Brasil

Guia: Pablo Vileo

Ponto de Encontro: Estação São Conrado

Ponto Final: Pavilhão Maxwell Alexandre

Bairro: Rocinha

O rolé na Rocinha foi realizado por Pablo Vileo, guia local e membro do projeto sociocultural "Acorda Capoeira". Iniciando o encontro na Estação São Conrado, o grupo dirigiu-se com auxílio de mototáxis até o Mirante do Laboriaux, onde os participantes puderam observar a paisagem ao redor sob uma nova perspectiva. Em seguida, o grupo teve a oportunidade de assistir uma apresentação feita pelas crianças assistidas pelo projeto Acorda Capoeira. No Parque Ecológico da Rocinha, o grupo também debateu questões envolvendo o cotidiano do parque e o contexto social da Rocinha. O rolé foi finalizado no Pavilhão Maxwell Alexandre, que leva arte periférica fora do circuito oficial de arte contemporânea.



## ROLÉ #5

### Santa Marta - Uma favela panorâmica

**Guia:** Sheila Souza

**Ponto de Encontro:** Casa Firjan

**Ponto Final:** Grupo Eco Santa Marta

**Bairro:** Botafogo

O rolé na Favela Santa Marta foi realizado por Sheila Souza, fundadora do projeto "Brazilidade", uma empresa de turismo de base comunitária que busca promover a integração da cidade através do reforço da identidade e da história da favela. Iniciando o encontro na Rua São Clemente, o grupo embarcou no Plano Inclinado, caminhou pelos becos e vielas do Santa Marta, conheceu o Espaço Michael Jackson e até comprou lembrancinhas. De modo muito respeitoso e consciente, a guia local apresentou o contexto social e cultural da favela carioca, contando sobre o lugar em que cresceu e as diferentes realidades da região, trazendo uma nova reflexão sobre outras vivências da Zona Sul do Rio de Janeiro.



## ROLÉ #6

### Providência - A primeira favela do Brasil

**Guia:** Cosme Felippsen

**Ponto de Encontro:** VLT da Providência

**Ponto Final:** Praça da Harmonia

**Bairro:** Gamboa

O rolé no Morro da Providência foi realizado por Cosme Felippsen, criador do "Rolé dos Favelados", e passou por pontos importantes como o Instituto Pretos Novos e o Moinho Fluminense, percorrendo por ruínas, capelas, comércios e residências que retratam o início da ocupação do morro, sendo um espaço de transição que gera questionamentos sobre o ser ou não favela e o significado atribuído ao termo. Andando entre vielas, os participantes puderam se deparar com grande recepção dos moradores e com a descoberta de uma nova paisagem, com pontos de vistas e perspectivas que mudavam a cada passo, observadas também no mirante do teleférico da Providência. Em frente a um barraco histórico, o guia local fez uma apresentação com pandeiro contando um pouco da luta dos moradores e da vida no morro.



## ROLÉ #7

### Inauguração LAPIS (Lugares Amigáveis para a Primeira Infância) - Aldeia Marakana

Guia: Fundación Placemaking México

Bairro: Maracanã

A ativação da Aldeia Marak'anà teve participação dos moradores do lugar, seus familiares, escolas da rede municipal, vizinhas e apoiadores da causa indígena, além de representantes da Fundación Placemaking México, Fundación Femsa e da UERJ e UFRJ. Um número grande de pessoas puderam participar de atividades no local do projeto da equipe brasileira, envolvendo oficinas de plantio, pinturas corporais e de objetos, contação de histórias, além de um momento significativo que foi de cantos indígenas em uma roda de maracá. Em seguida, houve um momento de compartilhamento dos projetos LAPIS LATAM 2023 através da exposição dos posters e das experiências dos participantes do Brasil, Chile, Colômbia, Equador e Peru.





**5**

**VAGAS**

**VIVAS**



INSURGENCIAS

FURA

# VAGA VIVA #1

## Providência Agroecológica + LabIT-PROURB

📍 @providencia\_agroecologica

📍 @labit.prourb

A primeira vaga-viva, de caráter efêmero, foi a ERVaga, uma intervenção urbana de apropriação do espaço de uma vaga de carro na rua Pedro Ernesto, Gamboa, para proporcionar um espaço público para a coletividade. O evento mostrou como uma simples ocupação de um estacionamento pode gerar impacto no bem-estar do pedestre a partir da composição de poucos elementos, como tijolos de concreto, ripas de madeira, lonas, almofadas e plantas. A cooperação entre a Providência Agroecológica e LabIT, com participação do ofereceu aos pedestres chás revigorantes acompanhados de relaxantes escalda-pés, para o merecido descanso após uma semana intensa de atividades.





# VAGA VIVA #2

## Impacto das Cores + TransLAB.URB

📷 @impactodascores

📷 @transLAB.URB

Na Praça da Harmonia, Gamboa, a parceira entre o Impacto das Cores e a transLAB.URB hackeou mais um espaço útil ao ocupar uma vaga de estacionamento oblíquo à calçada da praça. A ação proporcionou um ponto de apoio para as atividades realizadas na praça, como a quadra poliesportiva e a academia ao ar livre, quando crianças puderam participar efetivamente das oficinas e do lanche da tarde. Para a composição do espaço foi criado um gramado, vegetação, além das peças de mobiliário projetadas e executadas pela equipe, na Fundação Darcy Vargas. A estratégia procurou mostrar uma outra possibilidade de espaço público, permeável e menos árido, contrapondo-se ao existente em áreas consolidadas.





# VAGA VIVA #3

## Galeria Providência + Laboratório da Cidade

📷 @galeriaprovidencia

📷 @labdacidade

No Morro da Providência, a parceria entre a Galeria Providência e Laboratório da Cidade transformou um local hostil em um espaço urbano de interação social, em prol do bem-estar da comunidade. Na intervenção gerada na rua Bento Ribeiro, que durou uma tarde, foram utilizados pallets na construção do espaço, onde crianças se envolveram em atividades de recreação.





# CRÉDITOS IMAGENS

@masplashti, Unsplash: 56

Doughnut Economics Action Lab: 54

Joana Baumg: 17 (em cima), 202

LabIT-PROURB: 17 (embaixo), 181, 182, 183, 184, 185, 188, 189, 186, 191, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 205, 206, 207

Laboratório da Cidade: 210, 211

Monique Cabral: 7, 14, 15, 19, 21, 29, 31, 37 (em cima), 38, 41, 43, 45, 47, 49, 57, 59 (em cima), 63, 65, 73, 75, 83, 85, 87, 89, 215, 218

Rafa Camargo: 11

TransLAB.URB: 208, 209

MESAS - imagens extraídas das palestras:

Ana Velásquez Paredes / Municipalidad de Valdivia: 57 (embaixo)

Bárbara Barros / C40 Cities: 52, 53

Camila Wirsching / Proyecta Memoria: 55

Carolina Huffmann / Urbanismo Vivo: 33 (embaixo)

Claudia Vidigal / Bernard van Leer Foundation: 76

Danielle Hoppe / ITDP Brasil: 32

Isabella Gregory / CECIP: 24

José Gomez / Espacio Lúdico: 12, 22, 27

Juliana Lisboa / Cidade Quintal: 39, 40

Karina Tollara / Bernard Van Leer: 61

Leticia Fonti / CET-RIO: 77

Leticia Sabino / Instituto Caminhabilidade: 33 (em cima)

Lucía Nogales / Ocupa tu Barrio: 37 (embaixo)

Luciana Lima / La Ciudad Que Resiste: 23, 26

Mariana Alegre / Ocupa tu Calle: 66, 67, 69, 70, 71

Paulo Horta / UFSC: 51

Pilar Silva / Ministerio de Vivienda y Urbanismo: 79

Ricardo Cardim / Cardim Paisagismo: 80

Ruth Costa / Bike Anjo: 34

Tainá de Paula / Secretaria de Meio Ambiente e Mudança do Clima do Rio de Janeiro: 50

Thelma Vilas Boas / Coletivo Lanchonete-Lanchonete: 25

EXPERIÊNCIAS INSURGENTES e OFICINAS - imagens enviadas pelas organizações:

(+)Favela, -Lixo: 154, 155

A pezito: 108, 109

A Vila do Mañá: 94, 95

Agência Recife para Inovação e Estratégia (ARIES): 162, 163

Anidare Company: 104, 105

APER: 152, 153

**apê-estudos em mobilidade:** 106, 107

**Ateliê Navio:** 102, 103

**BHTRANS / Instituto Wuppertal / ITDP Brasil:** 110, 111

**Canteiros Coletivos:** 160, 161

**CasaDuna - Centro de Arte, Pesquisa e Memória de Atafona e Grupo Erosão de Teatro e Artes Visuais:** 146, 147

**Centro bahia:** 164, 166

**CoCriança:** 96, 97

**Colectivo PLURAL:** 120, 121

**Coletivo das Vilas Beatriz, Ida e Jataí:** 144, 145

**Coletivo Ocupe&Abraça:** 158, 159

**Companhia de Engenharia de Tráfego (CET-Rio):** 100, 101

**Defensoría del Espacio Público-Escuela de Espacio Público:** 126, 127

**El Granel:** 90, 91

**Equal Saree:** 98, 99

**Estúdio+1:** 148, 149

**Fundación Oasis Urbano:** 166, 167

**Fundación Placemaking México:** 168, 169

**Glasswing International:** 130, 131

**Grupo Dromos - Asociación para el Desarrollo y la Investigación desde la Arquitectura:** 136, 137

**HABITAR COLECTIVO:** 112, 113

**Instituto A Cidade Precisa de Você:** 13, 156, 157, 187

**Instituto Caminhabilidade:** 116, 117

**Instituto COURB:** 132, 133

**Instituto Cultural e Social No Setor:** 176, 177

**Irene Alejandra Carrasco Moya:** 128, 129

**Jardim Secreto do Poço da Panela:** 150, 151

**Juan Carlos Bohorquez:** 186

**LabIC Novale:** 140, 141

**LabIT-PROURB:** 122, 123, 142, 143

**Laura Bustamante - Cuarto menguante / Las Lauras:** 102, 103

**Massapê:** 134, 135

**Municipalidad de Tafí Viejo:** 172, 173

**ONU-Habitat:** 174, 175

**PPGARq / PUC-Rio:** 124, 125

**PROYECTO TERRITORIOS:** 138, 139

**TransLAB.URB:** 170, 171, 178, 179, 192

**Turba:** 114, 115

**Universidade Federal de Sergipe (UFS):** 118, 119

# AUTORES

## **Adriana Sansão Fontes**

Arquiteta e Urbanista pela FAU/UFRJ, Mestre e Doutora em Urbanismo pelo PROURB/FAU/UFRJ, com Pós Doutorado pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona - ETSAB/UPC, na Espanha. É Professora Associada da FAU UFRJ e do PROURB, onde coordena o Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático (LabIT). É autora de vários livros e artigos sobre intervenções temporárias e urbanismo tático.

## **Carolina Tarrío**

Jornalista, com Master pela Universidade de Navarra, Espanha. É também uma das fundadoras do Movimento Boa Praça que, desde 2008, trabalha mobilizando moradores, instituições, empresas e governos para ocupar, revitalizar e criar melhores espaços públicos.

## **Eveline Prado Trevisan**

Arquiteta Urbanista, Mestre em Ciências Sociais pela PUC Minas e Doutora em Urbanismo. Trabalha com projetos de urbanismo e mobilidade urbana na Prefeitura de Belo Horizonte há três décadas.

## **Inês Domingues Maia e Silva**

Arquiteta e Urbanista formada pela Universidade Federal de Pernambuco (2018). Mestre em Urbanismo pelo PROURB/FAU/UFRJ e pesquisadora do Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático (LabIT). Atua na concepção, apoio e gestão de projetos que envolvem arquitetura, urbanismo, paisagismo e processos colaborativos. Suas pesquisas se concentram no estudo de intervenções de recuperação de espaços públicos e nas políticas públicas que as incentivam.

## **Leonardo Brawl Márquez**

Ativista Social, Urbanista, Arquiteto, Designer de Processos Cívicos, Placemaker e Músico. Iniciador do coletivo TransLAB.URB e do Instituto de Pesquisa em Inovação Social - Translab (rede internacional de Laboratórios Cidadãos). Co-fundador da Rede Brasileira de Urbanismo Colaborativo, Placemaking Brasil e dos projetos Raiz Urbana (rede FAO-ONU) e Corredor Sur. Faz parte das redes Placemaking LatinoAmérica, Jane's Walk, PlacemakingX, CivicWise, BrCidades e Frena La Curva.

## **Lucía Nogales**

Mestre em Arquitetura pela Universidade Politécnica de Madrid e diplomada em Habitação Básica para a Inclusão Social pela Universidade Nacional de Engenharia do Peru. Atualmente é diretora da Ocupa Tu Calle e ministra palestras sobre questões urbanas em várias universidades do Peru: a Universidade Santo Toribio de Mogrovejo em Chiclayo, a Universidad Peruana de Ciências Aplicadas e a Pontificia Universidad Católica, da qual é um membro do Grupo de Pesquisa em Planejamento Urbano, Governança e Habitação de Social - CONURB.

## **Marcela Marques Abla**

Arquiteta e Urbanista. Doutora em Urbanismo pelo PROURB/FAU/UFRJ. Máster Laboratório de la Vivienda del Siglo XXI e Máster Arquitectura y Sostenibilidad: Herramientas de Diseño y Técnicas de Control Medio Ambiental pela ETSAB/UPC. Presidente do IAB-RJ e Vice-presidente da Região Sudeste do IAB. Membro do Grupo de Trabalho em Habitat Social da UIA. Subsecretaria Municipal de Habitação da Prefeitura do Rio de Janeiro (2021).

**Maria Cecília Pereira Tavares**

Professora no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFS e coordenadora do Grupo de Pesquisa Territórios Urbanos. Atua nas áreas de micropolíticas urbanas, urbanismo tático, Placemaking e narrativas como meios de construir trabalhos colaborativos em parceria com comunidades.

**Mariana Alegre**

Diretora executiva e fundadora do Sistema Urbano, ecossistema que busca promover projetos urbanos como Lima Cómo Vamos, Ocupa Tu Calle e Nodal, com o objetivo de acelerar a transformação urbana na América Latina. Mestre em Desenho Urbano e Ciências Sociais pela London School of Economics and Political Science (LSE) e bolsista Chevening.



# EQUIPE INSURGÊNCIAS

## Coordenação Geral

Adriana Sansão Fontes

Lucía Nogales

## Coordenação Executiva

Inês Domingues Maia e Silva

## Comissão Organizadora

Adriana Sansão Fontes

Carolina Tarrío

Inês Domingues Maia e Silva

Leonardo Brawl Márquez

Lucía Nogales

Maria Cecília Pereira Tavares

## Comunicações

Leonardo Brawl Márquez

Lucho Pacora

## Identidade visual e Ilustrações

Flavia Muro Doig

## Projeto Gráfico

Victoria Servilhano

## Comitê Científico

Aída Pontes | UNIFACISA | Brasil

Ana Beatriz Oliveira | UFOPA | Brasil

Ana Elisia da Costa | UFRGS | Brasil

Ana Valderrama | UNR | Argentina

Belen Desmaison | PUCP | Peru

Cintia Marino | UNINOVE | Brasil

Elvert Durán | UBB | Chile

Fernando Espósito | PUC-Rio | Brasil

Gabriela García | City Our Space | Cuba

Heliana Faria Mettig | UFBA | Brasil

Johana Hernández | UDELAR | Uruguai

Juan C. Bohorquez | USB | Colômbia

Juliana M. Dias | UFAL | Brasil

Juliana Trujillo | UFMS | Brasil

Maira Rocha | CAU-RJ | Brasil

Marcio Pereira | UFS | Brasil

Maria Maziviero | UFPR | Brasil

Mario Hidrobo | Activadores Urbanos | Equador

Mauricio Couto | UFPEL | Brasil

Paula Barros | UFMG | Brasil

Pedro Rossi | USP | Brasil

Susan Eghrari | UNIUBE | Brasil

Vanessa Marx | UFRGS | Brasil

### **Extensão FAU/UFRJ**

Ana Clara Guerra Pinto  
Ana Clara Moro  
Beatriz de Souza Ferreira  
Catarina Borges Belo de Moraes  
Danilo Marques Goncalves  
Gabriel Custódio de Azevedo  
Gabriela de Brito Teixeira  
Henrique Heffer da Costa Manduca  
Ilan Rzetelna  
Izadora Aparecida Miranda Silva  
Joao Victor dos Santos Porto  
Julia Akemi Yamada  
Julia Azevedo Marins  
Leticia Goncalves Salles Rocha  
Manuely Timbo Passos  
Maria Beatriz Svab de Oliveira E Silva  
Mariana Oliveira dos Santos  
Mariana Rodrigues de Oliveira  
Pedro Marcelino da Silva de Sousa  
Priscila Vargas Oliveira  
Rebecca Bitencourt de Araújo  
Thalita Cristina Oliveira Alves  
Thaynara Gonçalves Campos  
Vinicius Rodrigues Barreto  
Vinicius Salles Cassa  
Vivianne da Silva Ferreira  
Yuri Martins dos Santos

### **Equipe LabIT-PROURB**

Carolina Resende Ferraz  
Giovana Bulcão Leal  
Giulia Bilheri Castilho  
Guto Santos  
João Victor Pena  
Livia Borelli  
Maria Eduarda Cunha  
Paulo Henrique Martins  
Renata Gomes Assumpção

# INSUR GÊNCIAS

EXPERIÊNCIAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS



**F'IIU**

12 - 16 SET  
RIO DE JANEIRO

Organização:

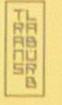


**Lab URB**

PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO  
EM URBANISMO

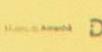
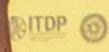
Ocupa TU  
CALLE

Colaboração:



ter  
urb

Apoio:



AMBRO  
EIRO

# PLACEMAKING AMÉRICA LATINA

Patrocínio:

URBAN 95J CAU/RJ FEMSA

Parceria de Mídia:

HABITAT PLACEMAKING AMÉRICALATINA PLACEMAKING CUF



# AGRADECIMENTOS

Não poderíamos deixar de agradecer imensamente a algumas pessoas e instituições fundamentais para a concretização do INSURGÊNCIAS e, conseqüentemente, deste livro.

Agradecemos à Casa Firjan, especialmente a Maria Letícia Teixeira, Jéssica Souza e André Alves; ao Museu do Amanhã, representado por Maria Helena Gonçalves, Mariana Kuo, Isadora Dias, Luís Araújo e Sabine Costa; ao IAB-RJ, especialmente a Marina Lage e Marcela Abla.

O evento não seria possível sem o patrocínio da FAPERJ, da Fundação Bernard Van Leer, do CAU-RJ e da Fundación FEMSA. Muito obrigada pela confiança.

Agradecemos fortemente o apoio da FAU/UFRJ, da International Society for Urban Health, do ITDP Brasil, da ONU Habitat, das Redes Placemaking Latinoamérica e PlacemakingX e do CAF (Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe), cujos apoios estiveram presentes em cada detalhe do evento. Agradecemos ainda à Rede Brasileira de Urbanismo Colaborativo pelo reforço na divulgação.

Enorme gratidão aos mais de 30 voluntários e voluntárias, estudantes da FAU/UFRJ, pelo apoio antes e durante o evento.

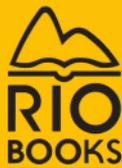
**FIIU8**

Festival Internacional  
de Intervenciones  
Urbanas

**5° ENCONTRO  
PLACEMAKING  
AMÉRICA LATINA**

# IN SUR GÊN CIAS

**EXPERIÊNCIAS EM  
ESPAÇOS PÚBLICOS**



**PRO  
URB** PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO  
EM URBANISMO

